

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 59 - Série VII - N.º 833
14 de Dezembro de 1989
Preço: 60\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

As razões de **49** votos

Avelãs Nunes
Jorge Figueira
Teresa Dias Coelho
Manuel Jorge Veloso
Victor Branco
Mário Jorge
Armando Castro
Baptista Bastos
Manuel Andrade
Cândido Mota
Álvaro Ferreira Alves
Abílio Fernandes
Manuel Faria
Macedo Varela
André Martins
Armando Aldegalega
José Viana
Manuel Alegre
Vasco Lourenço
Rogério Paulo
Severiano Falcão
Mário Castrim
Blasco Hugo Fernandes
Helena Bastos
José Martins
José Alves
Frederico Carvalho
Rui Mateus Araújo
Jorge Rodrigues de Paiva
Alberto Miranda
Gaspar Martins
Urbano Tavares Rodrigues
Albano Lemos Pires
Francisco Louçã
Fernando Lopes
Artur Ramos
Henrique Viana
Natália Correia
Vasco Gonçalves
Vasco Granja
Herberto Goulart
José Araújo
Rogério Fernandes
José Jorge Letria
Carlos Paredes
Herculano Pombo
Sérgio Godinho
José Ernesto Cartaxo
Vidigal Amaro

Não pode faltar um voto! **PARA A VITÓRIA DEMOCRÁTICA**



CDU-Coligação Democrática Unitária PCP-PEV



A **CDU-Coligação Democrática Unitária**, cujo suporte jurídico assenta no Partido Comunista Português e no Partido Ecologista «Os Verdes», concorre em 302 concelhos (e em todas ou na maior parte das respectivas freguesias) dos 305 concelhos existentes.

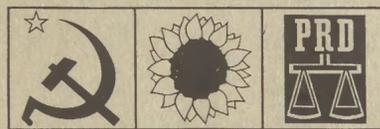


Por Lisboa

PS-PCP-MDP/CDE-PEV



A coligação **Por Lisboa**, cujo suporte jurídico assenta no Partido Comunista Português, no Partido Socialista, no Partido Ecologista «Os Verdes» e no MDP/CDE, concorre no concelho e em todas as freguesias de Lisboa.



Desenvolver Setúbal

PCP-PEV-PRD

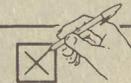


A coligação **Desenvolver Setúbal**, cujo suporte jurídico assenta no Partido Comunista, no Partido Ecologista «Os Verdes» e no Partido Renovador Democrático concorre no concelho e em todas as freguesias de Setúbal.



Mãos à obra pela Covilhã

PCP-PEV-PRD



A coligação **Mãos à obra pela Covilhã**, cujo suporte jurídico é idêntico ao da coligação anterior concorre no concelho e em todas as freguesias da Covilhã.

No domingo vota CDU vota democracia

No próximo domingo mais de oito milhões de portugueses maiores de 18 anos são chamados a escolher mais de 55 000 autarcas para as 305 Câmaras e Assembleias Municipais e as mais de 4 200 Assembleias de Freguesia do Continente e das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

As eleições autárquicas de 17 de Dezembro rodeiam-se de enorme expectativa e processam-se num contexto político particularmente emaranhado e complexo.

Um teste de importância transcendente que ultrapassa o horizonte temporal dos dias actuais vai pôr à prova a maturidade política dos comunistas e dos seus amigos e aliados mais directos e mesmo, grosso modo, do eleitorado flutuante de base unitária que com eles tem votado ao longo dos anos.

É também de alguma maneira um teste sociológico à consciência cívica dos cidadãos portugueses intervenientes no acto eleitoral, à sua capacidade de discernimento sobre o que está em jogo nesta batalha autárquica, sobre o que é essencial e específico e o que é secundário e aleatório no momento actual.

A linguagem do voto vai falar. Para os eleitores da CDU, os democratas que acreditam nos valores da unidade para a defesa da democracia o teste é claro:

- Ou votar conscientemente na autonomia, reforço e consolidação do Poder Local democrático, no projecto de uma administração local descentralizada ao serviço das populações instaurado pelo 25 de Abril, protagonizado pela CDU - Coligação Democrática Unitária, seu mais legítimo e consequente mandatário popular e a que deve acrescentar-se agora as coligações «Por Lisboa», «Desenvolver Setúbal» e «Mãos à obra pela Covilhã»;

- ou ceder à formidável campanha confusionista da direita e dos seus círculos mais influentes e favorecer com a abstenção eleitoral uma administração local permeável ao clientelismo e à corrupção, desvinculada dos interesses fundamentais das populações, submetida ao concentracionismo dos gabinetes do Terreiro do Paço e da Gomes Teixeira, subserviente às ordens e às migalhas de um Poder central de cariz reaccionário como é o do actual Executivo PSD/Cavaco Silva que (des)governa o País.

Votar na CDU raramente se tornou tão determinante como nas eleições do dia 19.

Factores aleatórios foram introduzidos na batalha eleitoral de domingo para deliberadamente perturbarem a consciência política dos cidadãos e a sua opção de voto.

Uma feroz campanha anticomunista que bebe o seu leite nos acontecimentos do leste europeu foi desencadeada contra os comunistas portugueses. É uma campanha odiosa, tendente a paralizá-los, a separá-los dos seus aliados, a reduzir de imediato a influência política do PCP, as suas fortes posições no Poder Local democrático, a sua base de apoio para as eleições de domingo e mais à distância visando a sua inoperância no contexto político nacional, tentando invertebrar o seu carácter de classe no momento em que entre nós se intensifica a ofensiva restauracionista do capitalismo monopolista de Estado sob a égide do cavaquismo governante.

Os inimigos intentam desnaturar a verdadeira fisionomia política do PCP, o seu trabalho de profundidade para ajustar a sua orientação e a sua acção às novas realidades da época de transição que vivemos, tentando abafar o projecto inovador e renovador saído do seu XII Congresso de há um ano.

Buscam mistificar, desmobilizar, neutralizar e confundir os eleitores da CDU, mesmo comunistas, semear entre eles a desconfiança e a cizânia e fomentar para já a sua abstenção na batalha do voto de domingo lá onde a CDU detém a maioria autárquica ou onde representa uma ameaça ao monopólio político da direita.

A campanha insidiosa contra o PCP tem ainda por objectivo desviar as atenções dos portugueses das dificuldades reais e actuais da direita cavaquista governante, da inegável redução da sua base de apoio, do significado político da poderosa contestação social de massas contra a política do governo PSD/Cavaco Silva que está actualmente em curso.

Professores, enfermeiros, trabalhadores dos transportes públicos, terrestres, aéreos e fluviais, da Função Pública, das Alfândegas, reformados; agricultores do Oeste e agora orizicultores do Baixo Mondego; vastos sectores da classe operária, erguem o pendão da luta contra a política social e económica do governo, obrigam a recuos dos governantes cavaquistas claramente temerosos dos efeitos políticos desta vasta movimentação de massas no acto eleitoral de domingo.

A demagogia eleitoralista de Cavaco & Cª são impotentes para dar resposta às sentidas reivindicações populares. O governo que só em duas das operações de reprivatização das empresas públicas arrecadou no «saco azul» mais de 55 milhões de contos, teve a sem vergonha de atribuir um subsídio de apenas 500 mil contos para os atingidos pela calamidade das chuvas

no Algarve cujos estragos se avaliam em mais de 4 milhões de contos.

A direita governante quer ainda desviar as atenções das tricas internas entre os autarcas do PSD, alguns na disputa dos chorudos vencimentos de cerca de 400 contos mensais que o recente aumento de 56,4% das remunerações dos titulares dos cargos públicos atribui aos presidentes e vereadores a tempo inteiro dos executivos camarários e que estão transformando a clientela da direita num verdadeiro saco de gatos.

A campanha da direita visa ainda ocultar na poeira da anticomunismo as condições favoráveis para um sucesso eleitoral da CDU e das coligações alargadas em que participa.

Nas eleições de domingo nenhum voto potencial na CDU deve ser perdido. Votar na Coligação Democrática Unitária deve sobrelevar qualquer outra preocupação mesmo de incontestável legitimidade. Esse é o teste político essencial e imediato que se coloca à consciência dos comunistas e dos seus amigos e aliados.

A abstenção é objectivamente um voto nos inimigos do Poder Local democrático. Por um voto se pode ganhar ou perder uma trincheira de defesa dos interesses básicos dos cidadãos.

As diferenças de opinião, as divergências, que no momento próprio os comunistas discutirão no seu Partido nas formas de debate que forem acordadas, não podem nem devem justificar a abstenção no exercício do voto na CDU.

É significativo que um dos cabeças de lista da direita que na cabala anticomunista mais se tem destacado na sua campanha, mais tem usado a provocação política e pessoal contra o candidato da CDU tenha confessado que o seu principal objectivo é fomentar a abstenção na área da Coligação Democrática Unitária.

Também a questão do voto útil se coloca com força aos cidadãos que prezam a vitória democrática no pleito eleitoral de domingo.

A CDU deve reforçar as suas posições maioritárias em todas as autarquias onde as detem, batalhar para alargar a novas Camaras e Juntas a sua área de preponderância democrática, fortalecer a sua base em todos

Resumo

6 Quarta-feira

Jorge Sampaio, acompanhado de José Saramago, visita o Liceu Pedro Nunes. ■ O candidato da CDU à Câmara Municipal do Porto lança um desafio para um debate num grande espaço público aos candidatos adversários. ■ A CGTP reafirma em conferência de imprensa a sua disponibilidade para dialogar com a UGT. ■ Os deputados da juventude do grupo parlamentar do PCP declaram que o Orçamento de Estado é globalmente negativo para a juventude. ■ Fortes chuvadas voltam a atingir habitações e culturas no Algarve. ■ É içada pela primeira vez oficialmente em Portugal a bandeira palestiniana. ■ Na RDA, Egon Krenz, demite-se das suas funções de presidente do conselho de Estado e do conselho de Defesa Nacional, sendo nomeado a título interino, Manfred Gerlach, presidente do Partido Liberal. ■ Mikhail Gorbatchov e François Mitterrand encontram-se em Kiev, capital da Ucrânia, tendo abordado a cimeira de Malta, as mudanças na Europa de Leste e a questão das Alemanhas. ■ Margaret Thatcher confirma o seu cargo de líder do Partido Conservador ao vencer por 314 votos contra 60 a eleição anual.

7 Quinta-feira

O Conselho de Ministros decide aplicar o regime de zona de calamidade pública às áreas de Tavira, Olhão e Faro afectadas pelo temporal nos últimos dias. ■ AR homenageia o deputado do PRD Vasco da Gama Fernandes, antigo presidente da Assembleia da República. ■ É aprovado na AR o Orçamento do Estado e as Grandes Opções do Plano apenas com os votos do PSD. ■ Cerca de oito mil advogados elegem Maria de Jesus Serra Lopes bastonária da Ordem dos Advogados, bem como os restantes corpos sociais da respectiva Ordem. ■ O primeiro-ministro da Checoslováquia, Ladislav Adamec, apresenta por razões pessoais a sua demissão ao presidente Gustav Husak; entretanto o ex-secretário-geral do Partido Comunista, Milos Jakes, é expulso do PCCh juntamente com outro ex-membro do Bureau Político, Miroslav Stepan. ■ A Lituânia altera a sua Constituição, autorizando um sistema multipartidário. ■ Rendem-se os últimos militares amotinados nas Filipinas. ■ Felipe Gonzalez é reeleito chefe do governo espanhol por 167 votos a favor, 155 contra e seis abstenções. ■ Pelo menos 14 pessoas são abatidas a tiro e treze ficam feridas na Universidade de Montreal quando um atirador louco penetra nas instalações e dispara sobre estudantes do sexo feminino.

8 Sexta-feira

Álvaro Cunhal participa numa sessão realizada no polidesportivo

da Brandoa. ■ Coligação «Por Lisboa» coloca um autocarro no Rossio denominado «Planeta dos Meninos», onde os lisboetas podem deixar as crianças enquanto fazem compras na Baixa. ■ Horácio Lousada, candidato da CDU à Assembleia Municipal de Vinhais morre em acidente de viação. ■ Princípiam em Estrasburgo os trabalhos da reunião dos chefes de Estado e de Governo da CEE. ■ As autoridades de Israel submetem um milhão de palestinianos a um regime de recolher obrigatório para impedir as comemorações do segundo aniversário do levantamento popular. ■ A presidente das Filipinas, Corazón Aquino, relaciona o seu vice-presidente e dois outros chefes da oposição com a tentativa abortada de golpe. ■ Inicia-se na RDA o congresso extraordinário do PSUA. ■ Chega a Portugal o tenor espanhol Plácido Domingo.

9 Sábado

As três principais candidaturas à Câmara de Lisboa participam num debate promovido pela Antena 1. ■ Álvaro Cunhal visita os concelhos



de Sesimbra, Sines e Santiago do Cacém onde participa em sessões públicas. ■ O Movimento Unitário de Reformados, Pensionistas e Idosos defende o aumento imediato das pensões no regime geral de 17 mil para 21 500 escudos (cerca de 36 por cento) durante uma concentração realizada no Rossio. ■ Cavaco Silva dá publicamente o seu apoio à candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa, numa festa realizada no Parque Mayer. ■ Termina cimeira em Estrasburgo com a participação dos chefes de Estado e de Governo da CEE. ■ Ivan Frolov, chefe de redacção do jornal «Pravda», é nomeado secretário do Comité Central do PCUS. ■ Realiza-se na África do Sul a maior conferência antiapartheid de sempre que contou com a participação de cerca de 4500 delegados. ■ Gregor Gysi é eleito novo presidente do PSUA no congresso extraordinário deste partido.

10 Domingo

Produtores de arroz do Baixo Mondego, deslocando-se em cerca de 200 tractores, concentram-se jun-

to da Direcção-Regional da Agricultura da Beira Litoral, em Coimbra. ■ Gustav Husak demite-se da presidência da Checoslováquia, depois de dar posse ao novo executivo. ■ Mikhail Gorbatchov reitera a sua oposição a uma mudança precipitada da Constituição da URSS, afirmando que não vê urgência em alterar o artigo que confere ao partido comunista um papel dirigente. ■ Os presidentes dos cinco países da América Central iniciam uma reunião extraordinária em São José, na Costa Rica, em que será debatida a situação em El Salvador. ■ Prosseguem os preparativos militares da França com vista a uma intervenção no arquipélago das Comores, onde um grupo de mercenários tomou o poder.

11 Segunda-feira

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses calcula em 70 por cento o nível de adesão à greve de cinco dias que se prolongará até à próxima sexta-feira. ■ A Conferência Nacional da Agricultura (CNA) manifesta o seu apoio aos produtores de arroz do Baixo Mondego. ■ Separatistas corsos fazem explodir 40 casas de férias em construção protestando contra o investimento estrangeiro. ■ O dirigente do Partido Comunista Búlgaro, Peter Mladenov, propõe ao parlamento a realização de eleições e a convocação de um congresso extraordinário no próximo ano. ■ Reúnem-se em Berlim-Oeste os quatro Aliados da Segunda Guerra Mundial, tendo salientado a importância do acordo quadripartido de 1971 para a estabilidade da Europa. ■ É divulgado um apelo do Comité Central do PCUS onde se afirma que a situação na União Soviética é dramática e a perestroika chegou a um ponto máximo de tensão.

12 Terça-feira

Oito a nove mil sargentos aderem ao dia nacional de luta da classe, exigindo o diálogo com as hierarquias militares e com o Ministério da Defesa sobre a elaboração do Estatuto Militar e sobre uma proposta de vencimentos; a jornada de luta levou cerca de 80% dos 12 000 sargentos no activo, dos vários ramos das FFAA, a permanecer até ao princípio da noite nos quartéis, muito tempo depois da hora normal de saída, às 17.00. ■ O Relatório da UNICEF, publicado em Washington, afirma que cerca de 250 000 crianças morrem semanalmente nos países do Terceiro Mundo, vítimas, em larga medida, da dívida externa e das despesas militares dos seus países. ■ A 2.ª sessão do Congresso dos Deputados do Povo, o supremo órgão de Estado da URSS, inicia os seus trabalhos em Moscovo rejeitando, por maioria de votos (1138 a favor, 839 contra e 56 abstenções), a proposta de incluir a questão da abolição do Artigo 6.º da Constituição, que fixa o papel dirigente do Partido Comunista.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa
CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa
CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av.
Santos Dumont, 57 - 2.º -
1000 Lisboa
Tel. 73 22 75/76 11 31/73 48 17

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa
Tel. 32 19 16

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

ALTERAÇÕES
DE ÚLTIMA HORA
Tel. 90 00 44

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 -
4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos,
6-B - 1100 Lisboa. Tel.
77 69 26/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º,
Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heská Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/88

Semana

Avante!

Ano 59 — Série VII
N.º 833

14 de Dezembro de 1989

2.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



**Álvaro Cunhal
na campanha**

É o trabalho que abre as portas à vitória!



O secretário-geral do PCP, **Álvaro Cunhal**, prosseguiu no fim-de-semana passada a sua intensa participação na campanha eleitoral autárquica, cumprindo um vasto programa que começou na sexta-feira em **Oeiras, Amadora e Sintra**, prosseguiu no sábado em **Sesimbra, Sines e Santiago do Cacém**, e se concluiu no domingo em **Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Reguengos, Mourão e Évora**. Falando para milhares de pessoas, no conjunto das iniciativas, o secretário-geral do PCP deu particular relevo nesta ponta final da campanha à necessidade imperiosa de intensificar esforços, empenho e mobilização no esclarecimento eleitoral, sensibilizando o eleitorado para a importância deste escrutínio quer a nível local, quer nos reflexos que necessariamente terá na política nacional e, especificamente, na luta contra o Governo de Cavaco Silva, cujo partido irá previsivelmente sofrer uma pesada derrota, reflexo também da sua política desastrosa empacotada em demagogia. A igualmente previsível consolidação e reforço de posições da CDU ganha assim particular relevo na conjuntura política destas eleições, dado o papel decisivo dos comunistas e dos seus aliados na luta contra a desastrosa governação do País e na dinamização e confluência das forças democráticas contra a direita corrupta e incompetente que tem hegemonizado o poder em Portugal.

Apesar da escassez do tempo e do ritmo vertiginoso das deslocações e contactos, **Álvaro Cunhal** nunca descurou a abordagem dos problemas concretos das populações, mostrando-se, como sempre, conhecedor e bem informado das dificuldades que afligem cada uma das zonas que visitou e contactou, pondo em evidência, com os exemplos concretos da própria realidade, que os candidatos da CDU são homens, mulheres e jovens inquestionavelmente dedicados à defesa dos interesses das populações, num exemplo ímpar de trabalho, honestidade e competência. «Enquanto muitos se servem dos cargos para benefício próprio ou ao serviço de clientelas — enfatizou — os eleitos da CDU têm por objectivo servir as populações e, com elas, resolver os problemas de todos».

Acrescentando: contam-se pelos dedos os dias que faltam — há que aproveitá-los!

É desta intensa digressão do secretário-geral do PCP no passado fim-de-semana que aqui damos nota, com o pormenor possível e a brevidade que a escassez de espaço impõe.



O Militante

**AS ELEIÇÕES
E A ORGANIZAÇÃO**

Entrevistas com



ODETE SANTOS
Fátima



LINO PAULO
Lisboa



TELES ANDRÉ
Lisboa



ALFREDO GRACA
V. B. de St. António



JOSÉ MORAIS
Lisboa



É muito tempo!

Gosto de laranjas.

Mesmo daquelas que, cedo colhidas, ainda trazem um ácido terrível e não consigo comer. Então cheiro-as. Gosto do cheiro das laranjas. Nem o Cavaco nem o PSD me conseguem destruir esse gosto. Mas eis que, nesta viagem, o aroma que tanto aprecio me faz agoniar. O meu vizinho de trás sacou uma laranja do farnel, descasca-a e começa a sorvê-la. Sorvê-la, é o termo. Chupa-a, e o som incomoda-me. Ao meu lado, o tipo gordo que me esmaga contra a janela abre o jornal pela décima terceira vez. Tem lá escrito que o muro continua a cair e que o comunismo morreu. Esta já eu li também não sei quantas vezes ao longo dos anos da mesma viagem para Lisboa. Dá-me, por enquanto para sorrir. O comunismo deve ressuscitar todos os dias para poder morrer assim em alguns matutinos e semanários. À tarde morre menos. O meu sorriso transforma-se em esgar. Sinto um rim empurrado desalmadamente pelo vizinho de trás, que se ajeita na posição pela trigésima nona vez. Depois ouço-o chupar um dente.

Nunca gostei de ouvir chupar dentes, mas esta incomodidade é de somenos quando se ouve uma ou duas vezes em cada viagem. Nestes últimos tempos ouço muito. Ouço cada vez melhor. E cheiro cada vez mais. E vejo que me farto. E sinto. Remexo-me um pouco no meu bocado de banco. O do lado não aprecia os meus movimentos, mas obrigo-o a arredar-se uns centímetros para o lado da coxia. À frente, duas senhoras que têm vindo a suspirar, não podem mais e transformam os suspiros em palavras, sai-lhes o azedume todo cá para fora.

«Eu bem disse que íamos ficar aqui duas horas. Olhe-me para esta bicha!», grita uma delas. No autocarro toda a gente estica o pescoço a deitar uma olhadela à bicha. Não se vê grande coisa, a não ser a chuva a escorrer nas vidraças embaciadas, a molhar tudo, mesmo alguns assentos, que as janelas não vedam bem. Mas entre o vapor e a chuva vislumbra-se o espectáculo de todas estas manhãs — a fila de carros é interminável, estamos parados há duas horas. Chamo parados a este andar metro e meio a cada arrancada. Corremos, auto-estrada fora, durante meia hora. Depois foi o início dos quilómetros de bicha. Ainda não se vê a ponte.

«E isto agora não é só à segunda-feira!», acrescenta a outra. «Isto agora é todos os dias, faça chuva ou faça sol!»

«E quando é que eles abrem a terceira via?», pergunta uma voz que não sei donde vem.

Há uma gargalhada nervosa. E um tipo que diz, mais lá à frente:

«Qual terceira via! Isto todos os anos é a mesma coisa, lembram-se de falar na terceira via, na outra ponte, no comboio. O que eles sabem é aumentar-se. Lá os 56 por cento ninguém lhes tira. Falam sempre do trânsito, mostram projectos nas eleições, mas as entradas em Lisboa estão todas assim. Não somos só nós a perder horas todos os dias!»

A malta cala-se um pouco. Ou porque não quer meter-se em políticas logo de manhã, ou porque a conversa do homem lhes deixou um gosto de desespero. Será possível mudar?

Olho para o relógio discretamente. Saí de cada precisamente há duas horas e cinquenta minutos. Dez minutos para esperar o autocarro até à estação da RN, doze minutos na viagem, três minutos de espera e arrancámos. Vinte e cinco minutos para chegar, pela auto-estrada, até ao fim da bicha. E agora já duas horas de pára-arranca. Vou chegar ao trabalho talvez daqui a uns quarenta minutos.

Não é a primeira vez. E nestes últimos dois anos, a coisa tem piorado. Entrar em Lisboa — para trabalhar — é uma missão impossível. O Abecasis vai deixar isto assim. No fim de dez anos de governação lisboeta, ninguém cá pode entrar. E sair também é a mesma fita. Há dias em que são sete horas ou mais nestas andanças.

Suspiro. Apetecia-me fumar um cigarro. Ou sair e apanhar com a chuva na cabeça. Não pode ser. Faço contas. Para me distrair.

Ora temos, tirando domingos, sábados, feriados, uns 250 dias desta maçada, por ano. Vezes sete horas por dia, são dezassete mil e quinhentas horas por ano. Quanto faz numa vida? Se, na vida activa de uma pessoa — ou passageiro, que é melhor dizer assim — se pensar que dos 15 aos 65 anos, há meio século a andar para cá e pala lá, multipliquemos: 50 vezes dezassete mil e quinhentas horas. Dá umas 87 500 horas. Divido por vinte e quatro, que é quantas horas tem o dia, embora não pareça. Obtenho — isto é, perco — 3645 dias. Isto é, dez anos.

É muito tempo. Está na hora de mudar:

Poder Local

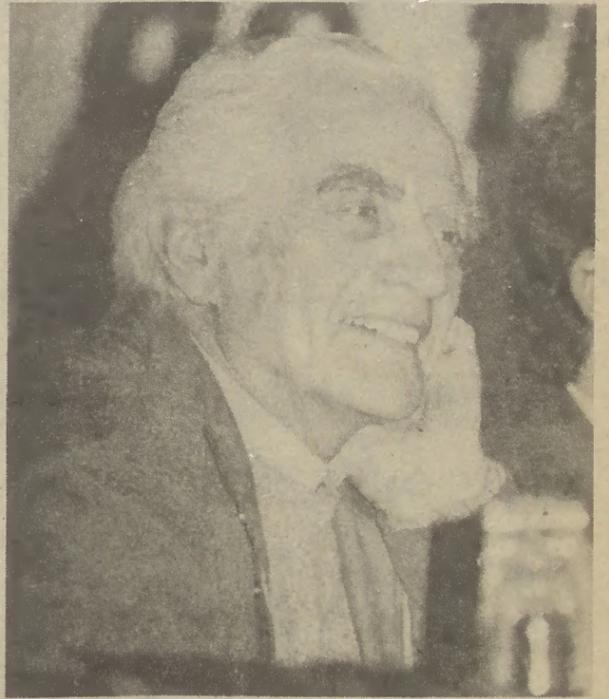
Álvaro Cunhal na campanha

É o trabalho que abre as portas à vitória!

A digressão de Álvaro Cunhal no passado fim-de-semana começou na sexta-feira com um almoço-convívio em **Oeiras**, mais concretamente na Associação de Moradores «18 de Maio», em Outorela, seguindo-se-lhe um comício no polidesportivo da Brandoa, na **Amadora**, e outro no Atlético do Cacém, em **Sintra**. Esta jornada no Distrito de Lisboa mobilizou muitas centenas de pessoas, permitiu abordar questões essenciais que afligem estes três importantes municípios da periferia da capital e pôs em relevo o trabalho dos eleitos da CDU quer em maioria, quer em minoria, deixando mais uma vez clara a opção que o eleitorado tem para resolver os problemas das suas autarquias. E foi neste tom que a deslocação prosseguiu nos dias seguintes, nos Distritos de **Setúbal** e **Évora**.

Em Setúbal, no sábado, o périplo do secretário-geral do PCP abrangeu os Concelhos de **Sesimbra**, **Sines** e **Santiago do Cacém**, três autarquias de maioria CDU cujo trabalho ao longo dos anos consolidou o prestígio dos comunistas e seus aliados e os faz encarar o próximo escrutínio com tranquilidade. O que não significa

um aquietar contentinho nas posições conquistadas, até porque o Poder Local democrático exercido pela CDU não se orienta por jogos de poder ou geografias eleitorais: a sua acção faz-se no quotidiano e em função dos interesses das populações (como Álvaro Cunhal não se cansou de lembrar), encarando por isso cada



Reguengos de Monsaraz



Estremoz



acto eleitoral como um prestar de contas mais aprofundado (corolário de uma prática quotidiana que só é banal nas autarquias CDU), empenhando-se nas campanhas com o grande objectivo de otimizar as condições de trabalho.

Quinta do Conde, uma Freguesia do Concelho de Sesimbra, é boa ilustração disso. Nesta nova Freguesia (criada em 1985) ganhou uma lista de aliança PS/PSD e, nela, é flagrante o contraste entre o trabalho da Câmara (colocando água e electricidade e elaborando um plano de reconversão) e a inércia da Junta presidida pelo PS, que chegou ao fim do mandato sem sequer ter gasto as verbas do seu orçamento, disponibilizado pela Câmara. Por isso não foi de estranhar que no almoço-convívio estivessem numerosos independentes e também militantes do PS e mesmo eleitores do PSD e se falasse, como de um facto consumado, do candidato da CDU a esta autarquia, Francisco Virgínia, como o futuro presidente da Junta. E por falar em independentes vem a propósito citar uma das referências constantes nas intervenções de Álvaro Cunhal: o notável carácter unitário das listas da CDU, onde globalmente estão mais de 50% de independentes.

Poder Local

O bolo e a unidade

A digressão ao Distrito de Évora começou no domingo em Estremoz, num almoço-convívio onde o bolo da festa (porque foi em festa que o secretário-geral do PCP foi recebido) trazia o pormenor (devidamente assinalado) de ter sido feito por um militante do PS que fizera questão tanto na confecção como na divulgação do facto. Curiosamente isso coincidiu com a entrada na sala (também aplaudida) de um dirigente local do MDP/CDE que fez questão de expressar o seu apoio unitário à lista da CDU que, neste Concelho, disputa a «reconquista» da Câmara Municipal de Estremoz à coligação PS/PSD que, nas últimas eleições, a conseguiu tangencialmente e apenas para uma actuação autárquica tão desastrosa que, hoje, nenhum dos ex-parceiros quer assumir as responsabilidades, mudando e trocando nomes, insultos, culpas e desculpas.

Foi numa sala cheia de gente e vibrante de entusiasmo que Álvaro Cunhal abriu a sua intervenção dizendo: «Às vezes vale a pena contar pelos dedos, apesar de estarmos na era da electrónica e dos computadores — e podem contar-se pelos dedos os dias que faltam para as eleições de 17 de Dezembro.» Era o apelo — sempre repetido — ao trabalho aplicado e ao esclarecimento até ao último minuto, evitando triunfalismos ou contas antecipadas de vitória, assinalando também «que a vitória não é só necessária à CDU, mas é sobretudo necessária às populações» que têm, na Coligação Democrática Unitária, os empenhados defensores dos seus interesses.

A nossa gente não intervém na vida política em função de interesses próprios ou de clientelas», frisou mais uma vez.

Eles insultam-se...

Em Borba a sessão teve lugar num extraordinário cine-teatro de arquitectura sem dúvida alentejana — os arcos de entrada, os balcões abrindo espaço ao alto e a partir duma plateia apertada ao milímetro — onde a multidão não coube e o entusiasmo cedo transbordou do tom solene com que inicialmente a sessão arrancou. Era visível a emoção pela visita do secretário-geral do Partido, que entretanto mostrou mais uma vez conhecer com familiaridade as questões de cada terra, trazendo ao seu discurso (sempre de improvisado) os problemas com que se defrontam, em Borba, os pequenos e médios agricultores e comerciantes, os trabalhadores dos mármoreis; o desemprego onde as mulheres são as primeiras discriminadas, a falta de saídas para a juventude e os problemas mais gerais e, no fim de contas, comuns a todos os portugueses, seja no campo da Saúde ou do Ensino, da Assistência Social ou na indústria, foram outros temas abordados.

Seguiu-se Vila Viçosa, já o dia ia longo e o sol a declinar. Como era uma sessão de esclarecimento, as questões surgiram não tanto sob a forma

de perguntas, mas de afirmações que queriam ser ouvidas. Uma, por exemplo, testemunhando a compostura dos candidatos da CDU numa entrevista a uma rádio local, em contraste com os insultos mútuos entre os candidatos do PS e do PSD que curiosamente se haviam coligado nas últimas eleições, o que levou Álvaro Cunhal a assinalar essa curiosa metamorfose dos ex-aliados na região, que os leva agora a comportamentos que só têm uma leitura — a não assumpção recíproca pelas ruinosas actuações (e até gestões) que tiveram.

Salas cheias

Era já noite, quando se chegou à Junta de Freguesia de Reguengos de Monsaraz; a falta de luz em boa parte do salão foi sem dúvida compensada pelo calor da assistência que acorreu à sessão, enquanto lá fora, no largo principal da vila, o espectacular «centro eleitoral» da CDU difundia as suas mensagens numa profusão de luz e som, impossível de ignorar e agradável de ver.

Tal como foi agradável ver a extraordinária mobilização da população da Granja, no Concelho de Mourão, que em poucos minutos abarrotou o vasto salão da Junta de Freguesia local. Como aconteceu em todos os locais anteriormente visitados, estava presente o cabeça de lista da CDU à Câmara (e presidente pela então APU, no penúltimo mandato), Alexandre Barros, que recordou a escassa margem de menos de uma centena de votos com que a coligação PS/PSD venceu os comunistas e seus aliados nas últimas eleições, tudo para uma gestão que, à semelhança de outras, não é hoje assumida por ninguém, tão desastrosa ela foi. A Granja é uma Freguesia tradicionalmente CDU e provou-o mais uma vez, ao receber em massa e em festa o secretário-geral do PCP. Urge agora — como foi lembrado — mobilizar esforços para que a autarquia volte a estar ao serviço das populações, com uma gestão da Coligação Democrática Unitária.

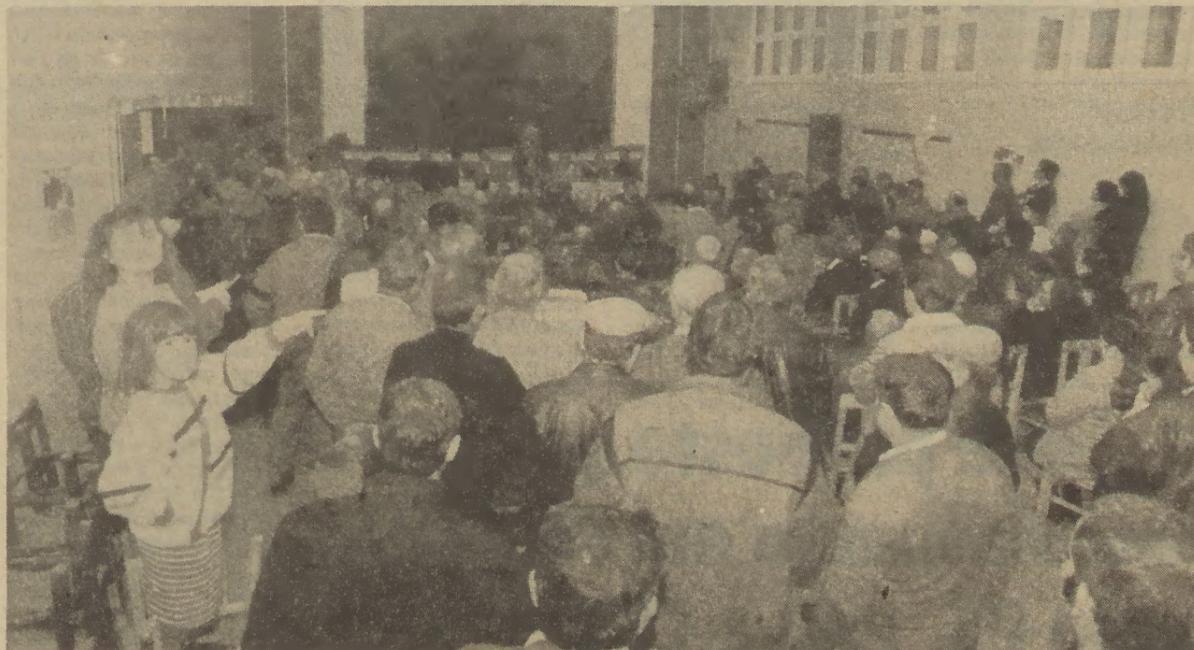
Finalmente, Évora. A sessão na bonita cidade património mundial decorreu no Centro CDU, localizado num antigo e prestigiado café do centro histórico (hoje desactivado), decorrendo num jantar-convívio que teve de fechar inscrições (mais de 300), tantos eram os interessados em estar com o secretário-geral do PCP. Com música ambiente durante a refeição volante e múltiplas manifestações de afecto para com Álvaro Cunhal, que se viu compelido a circular pela sala apinhada, quase que houve dificuldade em iniciar a sessão, aberta com uma intervenção de Abílio Fernandes, presidente da Câmara e de novo candidato pela CDU. O secretário-geral do PCP voltou a desenvolver as linhas de força do seu discurso nesta jornada eleitoral, afirmando a dada altura que «a palavra certeza é perigosa porque amolece o esforço», não resistindo contudo, «em pronunciar a palavra indesejável» porque «aqui em Évora a vitória é certa!».



Granja de Mourão



Évora



Granja (Mourão)



Borba

Poder Local

A Maia para todos os maiatos

— defende a CDU

Na opinião da CDU, o desenvolvimento da Maia — um dos concelhos do chamado Grande Porto — «tem aproveitado apenas a alguns e urge que o mesmo aproveite a muitos outros, à grande maioria, até agora esquecida». Daí a consigna da campanha que escolheu: «A Maia para todos».

No programa que apresenta à população, a CDU considera que «é chegada a hora da outra Maia, a Maia da periferia e do interior, para além do redor dos Paços do Concelho». Cimentando em dados objectivos as suas análises sobre a situação no concelho — dos investimentos realizados pela Câmara Municipal durante os últimos quatro anos, que não fogem à linha de tendência dos anos precedentes, e que apontam para a centralização no núcleo urbano do concelho de mais de 50% das despesas de investimento realizadas pelo município — a CDU propõe um conjunto de medidas concretas para que o bem-estar chegue a muitos mais maiatos, reafirmando a sua disponibilidade para o trabalho autárquico, «com o conhecimento, o empenhamento, a competência e a honestidade que lhe são reconhecidas, mesmo pelos seus adversários políticos».

da simpatia da maioria PSD/CDS que governou a Câmara nos últimos anos.

No campo da **habitação**, a CDU propõe-se contribuir para a concretização do plano estabelecido num protocolo celebrado com o Estado, «pese embora reconhecer

tendo o forte movimento especulativo que nesta área varre o concelho face ao desenvolvimento recente da rede viária que o atravessa, bem como a recuperação dos clandestinos e «a humanização dos bairros sociais», promovendo a dinamização das estruturas educacionais, desportivas e culturais necessárias a uma melhor vivência naqueles espaços, são também medidas apontadas na área habitacional.

No âmbito do **ordenamen-**

to do território, a CDU propõe-se travar o forte movimento especulativo de solos, ligados à alteração profunda da rede viária com a construção, designadamente, da autoestrada Porto-Braga, da variante à EN 10/ e do troço de ligação à IP4, evitando que o caos urbanístico se venha a instalar no Concelho, dinami-

zar a conclusão do Plano Geral de Urbanização, cujo processo se arrasta há mais de dez anos, apresentando propostas concretas sobre o que é necessário salvaguardar é, neste ponto, o objectivo da CDU na Maia.

Rede viária, trânsito, sinalização e transportes, ambiente, saneamento, água, educação, cultura e desporto, jardim zoológico, serviços municipais e informação municipal são outros tantos capítulos do pormenorizado projecto da CDU para o próximo mandato no município da Maia.

Matosinhos: com calor humano

Uma campanha assenta no contacto com as populações, nos bairros ou nas empresas, com as organizações populares e estruturas representativas dos trabalhadores tem sido a tônica em Matosinhos.

No mercado de Matosinhos, no passado sábado, como noutras visitas realizadas, os candidatos da CDU, nomeadamente, Olívia Ferreira, Valdemar Madureira e Ricardo Vidígal, respectivamente o primeiro e o segundo nome da lista para a câmara e o candidato à Presidência da Junta de Freguesia de Matosinhos, foram recebidos com assinalável calor humano.

De realçar o carinho com que os vendedores do Mercado distinguiram Valdemar Madureira, que durante seis anos, como vereador, assumiu o respectivo Pelouro. Foi lembrado o permanente diálogo entre o Pelouro e os vendedores, a existência de uma Comissão representativa, a resolução de problemas que se arrastavam há muitos anos sem perspectiva de solução, entre eles a sucessão da titularidade do lugar. Por muitos manifestado o desejo de que é necessário o reforço da CDU de forma a, pelo menos, ser eleito o segundo vereador para a Câmara.

Este contacto com a população de Matosinhos, mais um entre muitos, fortalece, na opinião da CDU do concelho, a confiança em que os seus objectivos serão atingidos.

Acidente em Trás-os-Montes

Manuel Dinis e Horácio Lousada

Não vinham ainda para o Natal, nem para as férias, vinham como outros transmontanos que mesmo longe não esquecem a sua terra e querem ver a sua freguesia, o seu concelho progredir.

Transmontanos que a vida, a procura de emprego, a procura de uma vida melhor para si e para os seus filhos, obrigou a emigrar.

Sabem que é com a CDU que Trás-os-Montes pode vencer o atraso, o seu isolamento e por isso são candi-

UDP em conferência de imprensa: Vale a pena ir votar

«Em 17 de Dezembro vale a pena ir votar» — afirma a UDP num documento sobre as eleições autárquicas de domingo, divulgado ontem em conferência de imprensa.

A UDP aponta duas razões que justificam ir às urnas. Uma: «Vale a pena ir votar para condenar os escândalos, para condenar a corrupção, para condenar os 56 por cento de Cavaco e o desprezo pelos reformados e pelos jovens. Vale a pena ir votar para condenar a política do Governo do PSD.»

Por outro lado, afirma-se no comunicado, «vale a pena ir votar para apoiar a unidade da esquerda, que não é apenas um ideal, mas irá permitir avançar na resolução dos problemas das populações.»

A UDP lembra que tem «acordos de convergência eleitoral» em 39 concelhos, acordos que se traduzem no apoio às coligações «Por Lisboa», «Desenvolver Setúbal» e «Mãos à obra pela Covilhã», bem como no apoio, em vários concelhos, a listas da CDU e do PS. A nível nacional, apresenta ainda 5 mil candidatos em listas próprias.

«Apoiaremos a aficcion»

«Apoiaremos a cultura tauromáutica defendida pela *aficcion* vilafranquense, estudando com os seus agentes dinamizadores os apoios possíveis e colaborando em todas as iniciativas tradicionais, bem como no lançamento de outras novas, caso seja esse o interesse da *aficcion* local», defendeu o dr. José Neves, candidato da CDU à Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, num encontro promovido por esta coligação sob a designação «Pôr do sol com a *aficcion*: Vila Franca de Xira na Festa dos Touros».

Esta iniciativa, que contou com a presença de cerca de 30 pessoas em representação das entidades do meio tauromáutico vilafranquense e de figuras conhecidas da área, como o matador Vítor Mendes, o comentador tauromáutico Maurício do Vale e João Queirós, director da revista «Novo Ganadero», vem na sequência de contactos já havidos entre a CDU da freguesia e as tertúlias locais, dinamizadoras da Festa dos Touros, no sentido de os futuros eleitos da CDU melhor intervirem no apoio à tauromáquia local — como se diz numa nota do gabinete de imprensa da coligação.

Na ocasião José Neves recordou que «um conjunto no-

tável de matadores nacionais saíram de Vila Franca, e a cultura tauromáutica é muito vivamente sentida pela população, razão por que a Câmara Municipal iniciou no mandato passado um conjunto de iniciativas de apoio, nomeadamente, à escola de toureiro José Falcão».

Nisa: começam hoje as montarias

Iniciam-se hoje, na Marcha do Perlím, as montarias aos javalis que agricultores e autárquias do concelho de Nisa vinham reclamando e que abrangem marchas venatórias nas freguesias de Arez e Amieira do Tejo.

Os prejuízos causados pela proliferação de javalis nesta região atingem — segundo uma nota da Câmara Municipal de Nisa — as centenas de contos, afectando culturas de milho, centeio, cevada e aveia, bem como hortas.

As montarias, anunciadas em edital da Direcção de Serviços de Caça, Apicultura e Pescas nas Águas Interiores do Ministério da Agricultura, prosseguem nos próximos dias 18 de Janeiro (na Marcha do Aivado) e 8 de Fevereiro (Marcha das Ladeiras).



O exemplo de Pedrouços

A Maia tem já um exemplo do trabalho da CDU: a jovem freguesia de Pedrouços, onde em três anos se fez mais do que nos últimos vinte, isto apesar de não ser propriamente uma freguesia

que ele contém alguns aspectos da maior gravidade, já que comete ao município um pesado esforço financeiro que, em bom rigor, é da responsabilidade do poder central». Acentuar a intervenção municipal na produção da sala urbana, nomeadamente para auto construção e construção associativa, comba-

to do território, a CDU propõe-se travar o forte movimento especulativo de solos, ligados à alteração profunda da rede viária com a construção, designadamente, da autoestrada Porto-Braga, da variante à EN 10/ e do troço de ligação à IP4, evitando que o caos urbanístico se venha a instalar no Concelho, dinami-

Debate proposto pela CDU inviabilizado em Almada pelo PS, PSD e CDS

A CDU/PCP-PEV de Almada propôs aos cabeças de lista do PS, PSD e CDS à Câmara Municipal de Almada a realização de um debate público com a presidente do executivo Maria Emília de Sousa, sobre a gestão autárquica do concelho. Apesar de apenas o PS ter respondido favoravelmente à proposta da CDU, o debate — inicialmente previsto para ontem — foi inviabilizado pelos condicionalismos impostos pela candidatura socialista.

Em conferência de imprensa realizada na passada segunda-feira, com a participação de Maria Emília de Sousa presidente da CMA e cabeça de lista da CDU para o executivo, Romeu Correia, mandatário concelhio da CDU e Catalino da comissão concelhia do PCP, foi divulgada esta iniciativa que, segundo foi salientado, se integra no desejo e prática dos eleitos e candidatos da CDU em promover o diálogo com todas as forças políticas e contribuir para um melhor esclarecimento da população.

Lamentavelmente, apenas o PS respondeu à proposta, embora condicionando a sua realização na Rádio Voz de Almada. Apesar das

diligências desenvolvidas pela CDU tal viria a revelar-se impraticável, devido a exigências de programação.

A CDU mantém a sua proposta em aberto, esperando que até ao final da campanha eleitoral ainda venha a ser possível a sua realização.

De referir o facto de tanto o PSD como o CDS terem ignorado o convite, pelo que é lícito concluir preferirem continuar as suas críticas destrutivas e infundamentadas à gestão CDU, em vez do debate franco e aberto de ideias.

Na conferência de imprensa foi ainda feito um balanço da campanha da CDU, sendo destacado o entusiasmo, participação e apoio da popu-

lação às iniciativas da CDU. A propósito, e em resposta a uma pergunta, Maria Emília de Sousa disse que nunca lhe são feitas perguntas sobre as calúnias que certos apoiantes do PS fazem à gestão CDU, salientando que quando ela própria se refere ao assunto ouve com frequência: «não se preocupe, em campanhas eleitorais é sempre o mesmo, mas os cães ladram e a caravana passa».

Em Almada a sessão de encerramento vai realizar-se no cinema da Academia Almadense, e contará com a presença da cabeça de lista, Maria Emília de Sousa, Romeu Correia, a dirigente de «Os Verdes» e deputado do PE, Maria Santos, Blasco Hugo Fernandes da Intervenção Democrática, Marques Júnior do PRD e Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP. A sessão, marcada para as 21.30 do dia 15 será antecedida de um espectáculo oferecido por artistas do concelho.

Poder Local

Luis Sá no Lavradio:

Em Portugal e nas autarquias a CDU é melhor

No âmbito da campanha eleitoral da CDU — que tem mobilizado, em inúmeras iniciativas por todo o País, comunistas, «verdes» e outros apoiantes, com ou sem filiação partidária, da coligação — o camarada Luís Sá, da Comissão Política do CC do PCP, participou sexta-feira num comício, no Lavradio, onde focou alguns aspectos da situação política e da batalha eleitoral que culmina no dia 17 de Dezembro, já o próximo domingo.

«A direita e outros adversários políticos da CDU pretendem invocar contra nós nas eleições autárquicas os problemas e espectaculares alterações em curso na Europa de Leste» — constatou Luís Sá — «apesar de termos afirmado e reafirmado a nossa adesão à perestroika e a todas as medidas e alterações que se traduzam na renovação socialista e no aprofundamento da democracia».

Neste momento

«Neste momento, acima de tudo, temos que sublinhar que

em eleições autárquicas, como decorre da sua natureza, o essencial não são as questões internacionais, mas os espectaculares êxitos da CDU na gestão autárquica» — realçou Luís Sá, notando que «é exactamente por não quererem travar o debate político no plano das propostas e projectos para a gestão das autarquias que os adversários da CDU se refugiam noutras questões e multiplicam as falsidades».

Citando estatísticas oficiais, aquele dirigente do PCP lembrou que «é muito superior a população com

água e esgotos onde a CDU administra as autarquias, é muito maior o número de quilómetros de estradas e de equipamentos sociais construídos, os espaços verdes e de recreio e o património cultural são preservados nos processos de urbanização, a população e os diversos agentes económicos e sociais participam nas decisões, é muito mais intensa a vida cultural e desportiva e a contribuição das autarquias para o processo educativo e o desenvolvimento económico».

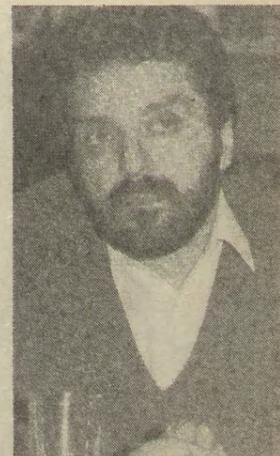
«Quando nós dizemos que nas autarquias a CDU é melhor» — frisou Luís Sá na sua intervenção — «estamos a dizer uma verdade profunda, que resulta não só de estatísticas oficiais, mas que anda na boca de homens, mulheres e jovens de todos os sectores políticos».

Bem prega Frei Tomás...

Chamando a atenção para a clara contradição entre as palavras acerca dos países socialistas e os actos concretos em Portugal, Luís Sá referiu que nesta campanha eleitoral «ouvimos, com indignação e sem espanto, porque já nada nos espanta, o Governo e o PSD falarem de centralismo no Leste, quando atentam gravemente contra o Poder Local em Portugal; ouvimos falar em democracia quem nunca levantou um dedo para a conquistarmos entre nós e atenta a cada passo contra a democraticidade das Instituições e os direitos da oposição; ouvimos falar em pluralismo quem gostaria de, ainda mais intensamente, estender o monopólio laranja a todos os domínios

da vida nacional; ouvimos falar em direitos individuais e colectivos quem os nega na prática do Governo dia a dia e pretende assentar o crescimento económico em chorudos lucros de um escasso número de privilegiados e na privação de todos os direitos dos trabalhadores».

No dia das eleições para os órgãos autárquicos, sublinhou o dirigente comunista, «a questão essencial é afirmar a adesão popular à continuidade, alargamento e aprofundamento da gestão democrática e progressista das autarquias, é fazer recuar a direita e a sua política antipopular, centralista e antiautárquica, é infligir derrotas ao cavaquismo, é afirmar pelo voto o apoio à convergência das forças democráticas, que registou consideráveis e positivos avanços nestas eleições. Não



deixemos que nos desviem do fundamental. No preciso momento em que se desenham boas perspectivas para a causa democrática e do progresso, não pode haver lugar para desânimo ou comodismo. Para isso impõe-se a mobilização, para a campanha e para o voto, de todos os democratas, em particular dos activistas e eleitores da CDU».

«Temos condições, e temos que as concretizar» — reafirmou Luís Sá — «para um importante salto em frente nas posições e capacidade de actuação e, ulteriormente, na qualidade ainda maior da gestão autárquica da CDU e das coligações em que participa».

Mesmo em minoria Nunca se fez tanto por Casal de Cambra

«Nunca se fez tanto em Casal de Cambra como durante este mandato», afirma Lino Paulo numa carta enviada aos casalcambrenses e na qual presta contas do trabalho que realizou desde Janeiro de 1986 como vereador da Câmara de Sintra responsável pelo pelouro da recuperação de bairros clandestinos.

Lino Paulo, que é agora candidato a presidente da Câmara pela CDU - com apoio de outros sectores democráticos - reconhece que «naturalmente, não se fez tudo», referindo concretamente os problemas, ainda por resolver plenamente, da recuperação das ruas e do

abastecimento de água. Mas no início do mandato, há quase quatro anos, «decorria a primeira empreitada, com toda a gama de deficiências, com atrasos enormes e com total anarquia ao nível da fiscalização técnica». Como recorda Lino Paulo, «não estava sequer adjudicada, ou em fase de adjudicação, qualquer obra que permitisse o correcto e normal abastecimento de água ao bairro».

A esta situação que encontrou em 1986 contrapõe o vereador e candidato da CDU o trabalho feito durante o mandato. «O futuro de Casal de Cambra pode ser melhor. Para isso

trabalhei estes quatro anos. Para isso me disponho a continuar a trabalhar e, inclusive, em melhor situação na Câmara» - diz Lino Paulo.

Felicitações do comendador

O comendador Manuel Nunes Correa, figura independente e conhecida no concelho de Sintra, enviou ao cabeceira de lista da CDU um telegrama de felicitações pela participação que Lino Paulo teve nos debates promovidos por uma rádio local - revelou o gabinete



Lino Paulo

de imprensa concelhio da coligação.

«Terminados vivos debates entre partidos concorrentes autarquia de Sintra venho felicitá-lo pelo desassombro das suas atitudes e detalhes dos esclarecimentos prestados de cujos empreendimentos e sua concretização muito virá beneficiar toda a população do nosso extenso concelho» - afirma o comendador no seu telegrama.

Disto Aljezur não quer mais

São conhecidas, pelo menos no Algarve, as proezas do actual presidente da Câmara de Aljezur, João Vieira, que de novo se recandidata nas listas do Partido Socialista. Para conhecimento dos eleitores, talvez não seja mau ter presente o retrato que deste presidente fazem os seus contrários e camaradas de partido, num comunicado que divulgaram recentemente e onde afirmam que, tanto os socialistas de Aljezur, como a população do concelho, «temos muitas razões para não votar mais no actual presidente da Câmara».

«Quando os militantes socialistas de Aljezur (que são quem melhor conhece o actual presidente da Câmara Municipal) - recorda-se no comunicado da secção local do PS - «rejeitaram a sua candidatura às próximas eleições autárquicas, houve (talvez) quem não compreendesse essa decisão». Entretanto, o tempo foi passando. Como? «Tem sido, última-

mente, uma desgraça autêntica a governação de João Vieira. São prepotências, autoritarismos, ameaças e, por fim, agressões físicas» - descreve-se no comunicado.

Em 11 de Setembro, como ali se diz, João Vieira agrediu um vereador do seu próprio partido, Rui Piedade. Ainda não passara um mês, e já estava a agredir o vereador da CDU Francisco Sérgio, «novamente em plena sessão de Câmara, tendo este de receber tratamento médico».

Os socialistas de Aljezur afirmam assistir «com tremenda mágoa» a situações destas e afirmam mesmo que «não há memória de um presidente de Câmara deste calibre» no concelho. «Não temos dúvidas» - concluem - «que a 17 de Dezembro todos nós, população anónima, seremos juizes. A nossa sentença, a nossa resposta, será a indiferença e o dizer não a João Vieira e às listas que cozinhou a seu belo prazer».

Loures: PSD quer debate público... em privado

Pacheco Pereira, que foi indigitado candidato do PSD à Câmara Municipal de Loures, desafiou Severiano Falcão para um debate público

sobre o concelho, mas ao qual só teriam acesso pessoas com senhas distribuídas de antemão - denuncia a CDU local num comunicado

que emitiu no fim da semana passada.

Segundo o candidato do PSD, cujas palavras são referidas no comunicado da coligação, tal precaução teria por objectivo «evitar que o debate se transforme num comício». Lá terá Pacheco Pereira as suas razões...

«A CDU compreende esta posição. A população do concelho de Loures também» - diz-se no documento da coligação que recandidata Severiano Falcão, e para quem o busílis de toda a questão está em que «Pacheco Pereira não tem nada de concreto para oferecer, a não ser, pasme-se, a limitação das liberdades mais elementares de participação directa» das pessoas nos assuntos da sua autarquia.

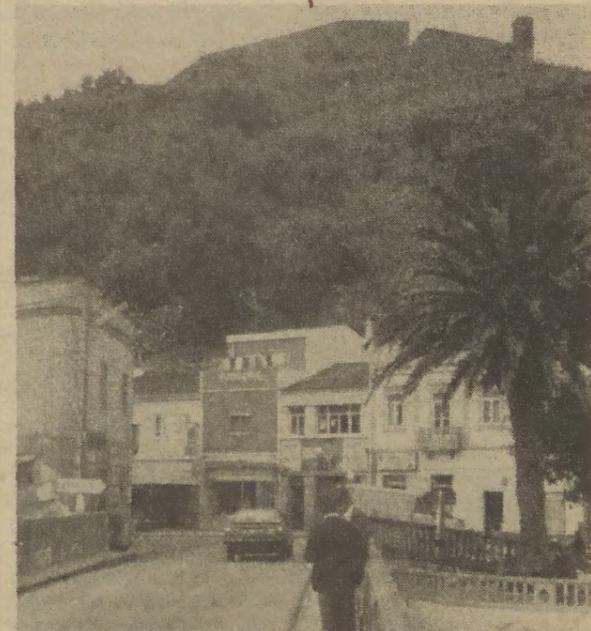
A esta «interpretação deveras curiosa» que o PSD e Pacheco Pereira fazem das liberdades dos cidadãos contrapõe

a Coligação Democrática Unitária a sua posição: «a CDU e o seu candidato à presidência da CM de Loures não recusam qualquer tipo de debate público, desde que ele possa ser amplamente participado pelas populações directamente interessadas. O que recusamos, porque nos honramos de, desde sempre, defender de forma coerente e intransigente, os direitos e liberdades democráticas, é a participação em acções que visam claramente limitar a liberdade dos cidadãos do concelho».

A coligação PCP-PEV, que conta no concelho com amplo apoio de outros sectores democráticos, manifesta a sua confiança em que a população de Loures «saberá que resposta dar em 17 de Dezembro a estas confissões públicas do candidato do PSD, votando maciçamente, como tem acontecido em anteriores actos eleitorais, nas listas da CDU».



Pacheco Pereira conhece tão bem a vida autárquica de Loures, que nem reparou que os eleitos da CDU têm ali mantido uma política de diálogo permanente com as populações... e sem necessidade de distribuir senhas para limitar o acesso das pessoas às iniciativas (na foto, um momento das Jornadas de Reflexão sobre o concelho, em Março deste ano)



Socialistas de Aljezur não querem mais proezas de João Vieira na Câmara

Poder Local



Dois mil correram «Por Lisboa»

«Correr por Lisboa» foi uma festa popular que reuniu na passada sexta-feira milhares de participantes e de assistentes ao longo dos treze quilómetros de uma corrida que foi uma manifestação entusiástica, a juntar a festa ao desporto, num objectivo comum: construir desde já as raízes de uma futura grande manifestação desportiva na capital, a um tempo popular e competitiva. Dois mil atletas partiram do estádio Pina Manique, em Monsanto, e correram sob uma chuva miudinha até ao Largo do Município, frente à Câmara Municipal, local de chegada para uma prova na qual estiveram envolvidos dois campeões olímpicos da maratona, exactamente os atletas Rosa Mota e Carlos Lopes, a primeira correndo e vencendo a competição feminina, o segundo dando o tiro de partida, numa forma de se associar a esta iniciativa por considerar ser necessário «uma grande prova de estrada de nível internacional» em Lisboa, defendendo que «os próximos eleitos autárquicos deverão fazer um esforço no sentido de que ela venha a ser uma realidade». Rosa Mota, antes de se deslocar para o aeroporto da Portela, onde apanharia o avião que lhe permitiria chegar a tempo de participar na festa do «seu» Clube Atlético do Porto, manifestou a Jorge Sampaio, José Saramago e Rego Mendes (candidato a vereador do pelouro do desporto), o seu «voto» de que a futura direcção da Câmara Municipal de Lisboa lute para que a cidade «a exemplo do que já acontece em muitas outras capitais», tenha uma grande prova de atletismo, manifestando-se satisfeita por se ter associado a esta iniciativa.

Fernando Reis foi o primeiro atleta a concluir o percurso que passou pela Ajuda, Alcântara, Avenida 24 de Julho, Avenida Infante Santo, largo do Rato, Avenida Liberdade, Restauradores, Rossio e rua do Ouro. Homem já de há muito habituado a participar neste tipo de competição, Fernando Reis considerou que esta foi um teste às suas actuais capacidades, dias antes de participar na Meia Maratona de Sevilha; isto depois de uma arreliaadora gripe ter impedido o atleta de treinar durante algum tempo.

Considerando a organização da corrida «impecável», Fernando Reis considerou

também o nível desportivo da prova como razoável e solicitou aos futuros autarcas da capital que «não se esquecessem que em Lisboa há poucos sítios para correr», sendo necessário não construir somente prédios, mas também ter em atenção as zonas verdes».

Fernando Reis esteve no comando da prova desde o início, acompanhado até ao terceiro quilómetro por Óscar Santos, António Araújo e Jorge Silva, a ocupar no final da prova os lugares imediatos ao atleta vencedor que obteve o tempo total de 37 minutos e 45 segundos, com um avanço de 36 se-



Carlos Lopes deu o tiro de partida para esta prova

gundos sobre Óscar Santos e de 43 sobre Araújo.

Uma prova popular

À chegada à Praça do Município, em frente ao edifício da Câmara Municipal de Lisboa, os muitos populares e apoiantes da coligação organizado da prova, aplaudiam os atletas que iam cortando a meta e estimulavam os candidatos da coligação «Por Lisboa» presentes, para defenderem a ideia de uma realização periódica na cidade de uma corrida deste tipo, havendo mesmo quem vaticinasse que «para o ano o Jorge Sampaio vai ver a chegada dos atletas daquela janela», apontando para o edifício da edilidade.

Na «Correr por Lisboa» estiveram também envolvidos outros dos principais fundistas portugueses, como Domingos e Dionísio Castro, José Regalo, Ezequiel Canário e António Leitão, que fizeram questão de serem membros da Comissão de Honra da prova, manifestando todo o interesse em nela participar, o que só não foi possível por compromissos desportivos anteriormente assumidos, que exigiam a participação de alguns deles em provas no estrangeiro.

Mesmo assim, os atletas referidos e ainda, Cidália Caetano, Aurora Cunha e Rita Borrallho, increveram-se, a título simbólico, nesta corrida «Por Lisboa».

Espaços verdes para o desporto

Ao fazerem a sua inscrição, todos estes atletas de alta competição manifestaram o seu apoio à realização de grandes corridas populares em Lisboa, salientando o facto de a capital do país necessitar de uma organização deste tipo, com carácter regular, que junte não só os melhores atletas,

mas proporcione um saudável convívio entre os chamados «corredores de pelotão».

A este propósito os gémeos Castro, na altura acompanhados por dois antigos atletas olímpicos do Sporting, Armando Aldegalega e Joaquim Ferreira, aproveitaram a ocasião para referir o estado de degradação que está a afectar a Quinta das Conchas, ao Lumiar, magnífico espaço verde para a prática do desporto em Lisboa.

Para que conste, aqui ficam os resultados das diversas categorias desta «Correr por Lisboa»:

Classificação geral: 1º Fernando Reis, Zanussi, 37,45; 2º Óscar Santos, Zanussi, 38,21; 3º António Araújo, RG Team, 38,28; 4º Jorge Silva, Belenenses, 39,06; 5º Carlos Janeiro, AMAL, 39,24; 6º José Santos, Zanussi, 39,30; 7º Artur Oliveira, Casal Privilégio, 39,37; 8º Paulo Fernandes, Belenenses, 40,01; 9º Angelo Fernandes, Linda-a-Pastora, 40,21; 10º



Rosa Mota e Jorge Sampaio na praça do Município, chegada da «Corrida Por Lisboa»

Aires Pratas, Casa Travassos, 40,30.

O primeiro júnior a cortar a meta foi Artur Oliveira, do Casal Privilégio, sétimo da geral; enquanto o primeiro Veterano (escalão I) foi Jaime Gonçalves, dos Ingleses FC, 17º da geral; e o primeiro Veterano (escalão II) foi Manuel Silva, do Vitória de Setúbal, 16º da geral.

Em femininos, a vencedora foi, como já dissemos, a campeã olímpica Rosa Mota, do CAP, que chegou em 50º lugar da geral, seguida por Teresa Pereira do Belenenses, Umbelina Nunes, do Casal Privilégio; Luísa de Almeida, individual; e Paula Domingos da Unidos da Recosta.

Uma festa a meio de uma campanha eleitoral para a autarquia lisboeta. Uma festa oferecida à cidade pela coligação «Por Lisboa»

Pescar no Tejo

Também festa «Por Lisboa» aconteceu no Tejo, onde ainda nadam tainhas com um quilo

560 gramas, tal como a exibida por Delfim Oliveira, vencedor do prémio «maior exemplar pescado», no concurso promovido pela «Por Lisboa», onde o pescador com maior número de exemplares foi António João Marques, ao atrair ao isco a soma de onze peixes que lhe permitiram conquistar o primeiro lugar do concurso masculino, com o total de sete mil 340 pontos.

Em juvenis a vencedora foi Diana Esteves, com 120 pontos, enquanto em senhoras a pescadora vitoriosa foi Elisabete Baurdain, com o total de 280 pontos.

Por equipas a prova «Pescar por Lisboa» foi ganha pelo Grupo Desportivo de Casais do Forno com o doze mil e oitocentos pontos.

Segundo apurámos junto dos organizadores da prova, nenhum dos pescadores a concurso capturou nas águas do Tejo qualquer candidato à presidência da Câmara de Lisboa.



Fernando Reis, vencedor da prova



Alguns cicloturistas acompanham esta «Corrida Por Lisboa», liderados por um grande senhor das bicicletas: Alves Barbosa

Poder Local

Entusiasmo na campanha «Por Lisboa»

Milhares de pessoas participaram, ao longo das últimas semanas, na campanha da coligação «Por Lisboa», numa manifestação de entusiasmo que permitiu já aos responsáveis desta coligação fazerem o vaticínio de um resultado favorável no próximo domingo, nas eleições autárquicas lisboetas. Durante os quinze dias de campanha, os diversos candidatos da «Por Lisboa» à Câmara Municipal, Assembleia Municipal e Juntas de Freguesia da cidade, multiplicaram os seus contactos com as populações, visitaram escolas, centros de saúde, hospitais, cooperativas de habitação, bairros sociais, bairros de lata, zonas históricas da cidade, teatros, casas de espectáculos, instituições de solidariedade social, serviços camarários, clubes e colectividades, contactaram com arquitectos, engenheiros, responsáveis governamentais por áreas de influência na cidade; enfim, todo um conjunto de actividades que não se limitou à propaganda e promoção da imagem da coligação, mas serviu também para alertar a população para todo o trabalho que há a fazer nos próximos anos de gestão da cidade; uma forma de mostrar o que, no entender da «Por Lisboa», realmente é possível concretizar, o que realmente foi feito, as necessidades que há a satisfazer, no fundo, como dizem os candidatos da coligação, os interesses mais imediatos da população alfacinha.

Na base das propostas apresentadas aos lisboetas pela coligação «Por Lisboa», fizeram os seus responsáveis questão de sublinhar que está o trabalho de toda uma equipa, conhecedora dos problemas, apetrechada tecnicamente para encontrar as respostas fundamentadas para problemas tão graves como a habitação, trânsito, animação cultural e desportiva, ambiente urbano, segurança e protecção civil ou educação e apoio social.

Tal trabalho colectivo encontrou expressão pública nas soluções apresentadas para os problemas da cidade, não só no programa de gestão para a cidade apresentado pela «Por Lisboa» para o total de quatro anos do próximo mandato autárquico, mas também no chamado «Plano de Emergência» para a cidade, apresentado ao longo das últimas semanas nas páginas do «Avante!», que reúne um

conjunto de acções imediatas, a concretizar no primeiro ano de mandato, em resposta a alguns dos problemas de mais urgente resolução na capital.

No próximo domingo será dia para decidir o futuro (também) da cidade de Lisboa, será dia para tomar a opção entre dois estilos de gestão autárquica para a capital do nosso país, durante os últimos anos entregue a uma gestão de direita, agora unida em torno da candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa.

Do lado da coligação de esquerda «Por Lisboa», a campanha eleitoral serviu para os seus responsáveis defenderem uma política diferente da anterior para a cidade, capaz de assumir os seus destinos com base num conhecimento da sua realidade, ao serviço dos cidadãos.

Bairros degradados

Durante toda a campanha eleitoral membros da coliga-

ção «Por Lisboa» visitaram e inteiraram-se dos principais problemas dos bairros degradados ou onde vivem as famílias mais pobres da cidade, como foi o caso dos bairros das Galinheiras e da Quinta dos Reguengos, a semana passada um dos locais da cidade onde, oficialmente, se iniciou a campanha eleitoral desta candidatura autárquica.

Nesta visita esteve Rui Godinho, do PCP, que se encontrava acompanhado por outros membros da «Por Lisboa», bem como os presidentes das Juntas de Freguesia da Charneca e Ameixoeira, respectivamente Germina Ferreira e Jaime Relvas.

O mau estado das casas, a falta de segurança, de água ou de saneamento básico, foram algumas das queixas das populações escutadas pelos candidatos da coligação, que apresentaram, em resposta, algumas das suas ideias para a zona, nomeadamente a recuperação dos bairros da Torrinhã e Grafanil, a reparação de todo o bairro das Galinheiras, a reconversão do edifício da Rua Direita da Ameixoeira 18 para um centro de dia para a terceira idade e associação



de tempos livres para a juventude, o aproveitamento da área da Quinta Grande da Castelhana para um espaço de encontro para desporto, cultura e lazer, e a definitiva instalação da Feira das Galinheiras, entre outros.

Programa desportivo

O programa da área desportiva da coligação «Por Lisboa» foi apresentado por Jorge Sampaio e Rego Mendes (candidato ao pelouro do desporto), num jantar com jornalistas desta área, onde a coligação autárquica defendeu a necessidade de construção de novos equipamentos, criar uma nova relação com as colectividades, fomentar acções de formação e apoio ao desporto escolar, particularmente à educação física nas escolas primárias.

Rego Mendes revelou que actualmente existe uma falta de instalações desportivas na cidade de Lisboa que corresponderá em área a qualquer coisa como noventa vezes a do Terreiro do Paço. Uma gestão transparente, a atribuição de subsídios às colectividades apoiada fun-

damentalmente em concessão de material, a criação de condições para o chamado desporto de rendimento, foram alguns dos objectivos da coligação expressos por Rego Mendes, que defendeu ainda algumas das ideias expressas no programa da coligação, nomeadamente a criação de espaços municipais para a prática desportiva com infra-estruturas de qualidade, possibilitando à capital do país a obtenção de condições para albergar grandes competições desportivas internacionais.

A elaboração de uma carta desportiva, a implementação de circuitos de manutenção em vários pontos da cidade, nomeadamente numa cintura verde a norte do concelho, e a construção de um grande Pavilhão dos Desportos, são outros dos objectivos da «Por Lisboa» na área desportiva, tendo também em vista o facto de Lisboa ter sido escolhida como Capital Europeia da Cultura em 1994, pelo que há, desde já, necessidade de criar condições para o conjunto de iniciativas que então se irão concretizar.

Espectáculo «Por Lisboa»

Um grupo de profissionais de teatro esteve esta semana com Jorge Sampaio e outros candidatos da «Por Lisboa», depois de 130 profissionais desta arte terem manifestado o seu apoio à coligação autárquica. A «Por Lisboa» manteve entretanto um encontro com a direcção do Teatro Nacional Dona Maria II, sendo recebida pelo director, Ricardo Pais, e por profissionais desse teatro como Alberto Vilar, Irene Isidro, Fernando Curado Ribeiro, Carlos Fonseca, Lurdes Lima e Henriqueta Maia. Entre outros profissionais de teatro que estiveram no encontro com a «Por Lisboa», contaram-se António Assunção, Catarina Avelar, Francisco Nicholson, Lurdes Norberto, Morais e Castro, Fernanda Borsatti, Luisa Barbosa, António Montez, Ermelinda Duarte, Cremilda Gil, Raquel Maria, Rogério Paulo, Fernanda Montemor, Maria do Céu Guerra, Hélder Costa e José Viana.

Estes e os outros profissionais de teatro signatários do apoio à coligação «Por Lisboa», apelaram para que não sejam demolidos mais teatros, mas sim reconstruídos e reabilitados os que de tal estejam necessitados, bem como uma utilização racional de todas as casas de espectáculos existentes na cidade.

Circo para alguns milhares de crianças, em oferta da coligação «Por Lisboa», foi um dos acontecimentos desta semana na campanha autárquica da capital, com

dois espectáculos oferecidos ontem, quarta-feira, a alguns milhares de crianças da cidade, no Coliseu dos Recreios e hoje, quinta, na Feira Popular. Diversos candidatos da coligação «Por Lisboa», entre eles o cabeça de lista, Jorge Sampaio, estiveram presentes nos dois espectáculos.

Já agora diga-se que a «Por Lisboa», tal como fez o fim de semana transacto, estará no Rossio, hoje (quinta-feira) e amanhã, com o autocarro «Planeta dos Meninos», um local apetrechado para a animação da população jovem que proporcionará às famílias que o desejem, a possibilidade de alí deixar os seus filhos a pintar, desenhar ou a assistir a sessões de cinema de animação, acompanhados por técnicos especializados no trabalho com crianças.

Decisão final sobre tamanho do símbolo

A coligação «Por Lisboa» foi a semana passada notificada das últimas decisões do Tribunal Constitucional sobre a dimensão do símbolo desta coligação nos boletins de voto das autárquicas da capital. Por estas decisões, relativas à Câmara, Assembleia Municipal e freguesias do antigo 3º bairro, ordenou o Tribunal Constitucional que os símbolos fossem aumentados para uma dimensão de 260 milímetros quadrados.

A coligação «Por Lisboa» venceu assim todas as reclamações apresentadas contra a versão inicial dos boletins de voto, tendo o símbolo dos quatro partidos que fazem parte desta força concorrente às eleições de 17 de Dezembro em Lisboa, sido ampliado para 260 ou 320 milímetros quadrados.

Recorde-se que a «Por Lisboa» havia apresentado uma impugnação aos boletins de voto para as eleições autárquicas na cidade, devido à diminuta dimensão em que foi impresso o seu símbolo, que impedia a clara identificação dos símbolos dos quatro partidos participantes.

Considerou a «Por Lisboa» que os boletins de voto, tal como se apresentavam, impediam «a expressão inequívoca do sentido de voto do eleitorado», violando «a disposição legal que exige a identificação rigorosa e integral dos símbolos dos partidos coligados».

A impugnação foi acompanhada de três pareceres de conceituados oftalmologistas que confirmaram a dificuldade de leitura, sugerindo que o símbolo se apresentasse com as medidas mínimas de 260 milímetros quadrados, tal como o Tribunal Constitucional decidiu.



Desportistas com a CDU

Várias personalidades ligadas às actividades desportivas tornaram público, no decorrer da campanha, o seu apoio à CDU. Uma nota do gabinete de imprensa nacional da coligação inclui os nomes de Fernando Jorge, treinador nacional de andebol feminino; Jaime Vicente, prof. ed. física, representante da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio no Comité Olímpico Português; Umbelina Nunes, dinamizadora de equipa de atletismo; Fernando Fernandes, maratonista; Manuel Verdugo, fundista; Francisco Gavito, maratonista; Armando Aldegalega, maratonista; Joaquim Silva, atleta veterano, recordista mundial dos 2000 m obstáculos; Os-

car Santos, maratonista; Anabela Freitas, técnica de natação; Carlos Freitas, técnico de natação; Domingos Gonçalves, dirigente desportivo; Eulália Romão, campeã europeia de halterofilismo; José de Freitas, técnico de natação; Ludgero Alves, técnico nacional de halterofilismo; José Durão, dirigente desportivo; José S. Pereira, mestre e campeão nacional de damas; Medalha da Silva, mestre e campeão nacional de damas; Mário Dinis Vaz, problemista nacional de damas; Costa Pedro, vice-presidente da Federação Portuguesa de Halterofilismo; Galvão Correia, jornalista; Carlos Pinhão, jornalista; Rosa Serradas, presidente da SPEF; Melo de Carvalho,

inspector-geral do ME; António Vilela, técnico nacional da FP de Atletismo; Fernando Mota, director técnico nacional de FP de Atletismo; Rogério Mota, professor de Educação Física, treinador de basquetebol; José Bento, professor de Educação Física; Augusto Nascimento, professor de Educação Física; Celorico Moreira, vice-presidente do COP; Paula Pontes, judoca; Carlos Luz, técnico de judo; Pompílio Ferrelra, técnico de atletismo; Diamantino, jogador de futebol; Ida Pereira, treinadora de ginástica rítmica desportiva; Rui Oliveira, técnico da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral; Carlos Abreu, professor de Educação Física; Vasconcelos Ra-

poso, treinador de natação; Alves Barbosa, Federação de Ciclismo; Eliseu Beja, treinador de basquetebol; Jorge da Terra, professor de Educação Física; Paulo Medina, professor de Educação Física; Matos Gago, professor de Educação Física; A. Fluza Fraga, professor de Educação Física, comentador desportivo de voleibol; Francisco Costa, treinador de basquetebol; Jorge Proença, professor universitário, treinador de atletismo; V. Cardoso Alves, professor universitário, Presidente da Mesa da AG da ASS de Desportos de Vila Real; José Branco, director técnico nacional da Federação Portuguesa de Judo; Fernando Correia, realizador da Rádio; Patrício Álvares, jornalista.

Assembleia da República

Um mau Orçamento à medida de um mau Governo

Após ter sido objecto de discussão em plenário e na comissão especializada ao longo de cerca de mês e meio, chegou finalmente ao seu termo, sem novidades, o processo de aprovação do Orçamento de Estado e das Grandes Opções do Plano, instrumentos que determinarão a acção política do Executivo no decorrer do ano que se aproxima.

E dizemos sem surpresas porque do mesmo modo que começou assim terminou o debate em torno daqueles dois importantes documentos: sem alterações de nenhuma espécie às propostas iniciais e sob o signo das mais cerradas críticas por parte de todos os quadrantes da oposição.

Mesmo o PRD, que prendeu o Governo com o benefício da dúvida ao abster-se no debate na generalidade, não teve dúvidas no final em condenar a «cega e sistemática rejeição de contributos e propostas» de que deu mostras a maioria PSD, considerando a discussão como «mais uma peça de triste memória», reflexo da «imposição de prepotências na base de maioria política de ocasião».

Assim sucedeu de facto com a maioria a repetir obsessivamente o seu sim a tudo quanto foram as propostas governamentais e a martelar um não acrítico e sistemático

igualmente a tudo quanto fossem alterações ou sugestões provenientes dos partidos da oposição.

«Sem credibilidade e sem mérito», no entendimento do PS, «inocente», na opinião do CDS, negando «princípios básicos de rigor e transparência», segundo o PCP, o Orçamento para 1990 apresenta-se assim como um espelho da natureza anti-social da política económica do Governo de Cavaco Silva.

Uma política que a bancada comuista não hesitou em classificar de má, porque, como salientou na sua intervenção final o deputado Sérgio Ribeiro, assenta no «sacrifício re-

lativo e absoluto dos trabalhadores», visa «acumular, transferindo de quem pouco tem para quem tudo pode», possui uma lógica que «não é a da defesa da iniciativa privada como diz mas a do grande grupo económico», «governamentaliza o que deveria ser descentralização e regionalização», entrega-se a uma «dependência em vez de aproveitar condições particularmente favoráveis para afirmar uma estratégia nacional num quadro sempre mais largo e universal», e, por último, porque «faz das suas funções sociais propaganda e não privilégio».

Mulheres

No Orçamento de Estado para 1990, a Comissão da Condição Feminina (governamental) tem luz verde para desenvolver todas as acções que se proponha levar a efeito no ano de 1990, embora a verba inscrita para esta Comissão não sofra qualquer aumento relativamente a 1989. Esta luz verde foi anunciada pelo vice-Primeiro-Ministro que tem a tutela da referida Comissão, no debate do OE com a Subcomissão

dos Direitos e Participação das Mulheres.

Face a esta posição, a Deputada do PCP, Lurdes Hespanhol, convidou, em sede de votação na especialidade do OE para 90, a CCF a descentralizar os seus serviços para apoio das mulheres que vivem noutros distritos do País que não só em Lisboa e no Porto.

Na mesma sede de votação, na especialidade, foi também aprovada uma ver-

ba de 10 mil contos para subsidiar as organizações não governamentais representativas das mulheres (ONG's). Esta verba inicialmente proposta pelo ONG de mulheres do Conselho Consultivo da Comissão da Condição Feminina, foi assumida numa proposta conjunta das mulheres e homens da bancada do PCP, PS e dos homens do PSD. É de registar que as mulheres da bancada da maioria durante os traba-

lhadores da votação na especialidade estiveram ausentes.

É importante salientar que é a primeira vez que as ONG's vêm inscrito no Orçamento de Estado uma verba para a realização de algumas das suas acções.

Esta pequena verba tem grande significado na luta das mulheres e só foi possível com a perseverança e a razão que assiste a todas as mulheres, em geral, e às ONG's em particular.

Juventude

Na linha do que se verifica noutras áreas também a juventude tem fortes razões para estar profundamente descontente com o Orçamento de Estado para 1990. Quem o afirma são os jovens deputados que integram o Grupo Parlamentar do PCP para quem o Orçamento é «globalmente negativo» não apenas pela escassez de verbas afectas para a área juvenil como também, acusam, pela instrumentalização que delas faz o Governo.

Dada a conhecer em recente conferência de imprensa, esta opinião de António Filipe e Paula Coelho sustenta-se desde logo na circunstância de o Orçamento, como afirmaram, ter como «vector fundamental a governamentalização das iniciativas; acções e apoios dirigidos à juventude» centralização que incide no recém criado «Instituto da Juventude».

Este facto, visando em sua opinião o controlo pelo Estado do activismo juvenil e a substituição da sua acção própria e autónoma, torna-se particularmente notório quando analisadas as verbas destinadas à área da juventude, 82,6 por cento das quais ficam pura e simplesmente na disponibilidade total do Governo e respectivo Instituto, enquanto apenas 17,4 por cento são canalizadas para o apoio ao associativismo juvenil.

Mas se estas verbas são exiguas e sobre elas impera o poder discricionário do Executivo, no que diz respeito à Educação, a avaliar pelos valores agora disponibilizados, as coisas parecem ser ainda piores. Com apenas um aumento real da ordem dos dois por cento, na melhor das hipóteses, e um

aumento de 0,009 por cento em relação ao PIB, a opinião dos jovens deputados do PCP é que o Orçamento não é capaz de «responder à necessária expansão do sistema educativo», verificando-se «estagnações significativas» que não poderão deixar de ter, alertaram consequências negativas.

No plano da formação profissional, por outro lado, o panorama também não se apresenta animador, evidenciando-se a absoluta dependência dos financiamentos comunitários, enquanto que no que respeita à protecção no desemprego, afirmaram ainda, que se assiste a uma redução drástica das verbas tal como de resto se verifica nas verbas para a construção de habitação social no quadro de um défice habitacional calculado hoje em mais de 600 mil fogos.

Carta dos Direitos dos Cidadãos perante a Administração Local

Contribuir para a divulgação e afirmação prática dos direitos fundamentais dos cidadãos no seu relacionamento com a Administração Local, estabelecendo simultaneamente mecanismos que impulsionem a criação de novas garantias de direitos, tais são, no essencial, os objectivos consignados no projecto de lei que define a Carta das Garantias dos Direitos dos Cidadãos perante a Administração Local.

Elaborado por iniciativa dos partidos e forças políticas que integram a Coligação Democrática Unitária (CDU), este diploma visa no fundo sistematizar e compendiar muitos direitos dos cidadãos constitucionalmente consagrados, articulando-os com os deveres da Administração Local.

Trata-se, pois, de dar con-

sagração prática ao que está na Constituição, enumerando para tanto um conjunto de deveres que incumbem à administração a par da adopção das respectivas providências que permitam atingir esse objectivo.

Com esta iniciativa legislativa, visa-se assim garantir um núcleo de direitos fundamentais como sejam os direitos de informação, de participação, de fiscalização cívica e popular, de oposição, o direito à justa decisão, o direito à indemnização, o direito de participação criminal, o direito à generalidade da população afigura-se particularmente importante uma vez que o que se pretende é facultar a todos um tratamento pela Ad-

ministração de forma acessível, desburocratizada e pronta, eficiente e eficaz, que tenha em linha de conta, conforme foi salientado em conferência de imprensa, as soluções particularmente diferenciadas de núcleos de camadas da população, designadamente os que não sabem ler nem escrever, os idosos, os emigrantes e os deficientes.

O carácter inovador do presente diploma, já entrado na Mesa da Assembleia, foi igualmente realçado pelos deputados que participaram no encontro com os jornalistas (Raul de Castro, Jerónimo de Sousa, José Magalhães e Herculano Pombo), sendo na ocasião igualmente chamada a atenção para o compromisso que os candidatos da CDU desde já assumem no sentido de aplicar nas autarquias onde

A justa homenagem a Vasco da Gama Fernandes

A Assembleia da República homenageou o seu antigo Presidente Vasco da Gama Fernandes, prestigiado democrata que dedicou inteiramente a sua vida à causa da democracia e da liberdade. O merecido acto, a que se associou toda a Câmara, decorreu na última sessão plenária e constituiu não obstante o seu carácter singular um eloquente testemunho do alto apreço, estima e admiração de que soube ser credor este combatente que «não se rendeu e não abdicou de lutar, nas condições mais difíceis, por uma sociedade mais justa e fraterna», como sublinhou na ocasião o deputado Marques Júnior.

«Não fiz tudo o que poderia ter feito, pois a ditadura merecia mais guerra do que aquela que eu lhe dei», diria Vasco da Gama Fernandes já no final, em emocionadas palavras de despedida, onde reafirmou a sua condição de lutador intransigente pela «dignificação» e pela «eficácia política e sociológica» da AR.

Antes, porém, foi a vez de vários oradores porem em relevo aspectos diversos da sua vida e obra, uma vida incansável pela justiça e pela liberdade. Considerando a homenagem «necessária, justa e natural», Sérgio Ribeiro, em nome da bancada comunista, enalteceu a «corajosa e coerente luta pela liberdade» de Vasco da Gama Fernandes, referindo ainda a sua «participação decidida e responsável na institucionalização da democracia» e o seu contributo para o reforço «de elos de amizade entre povos».

«Nas duras lutas e nos momentos mais difíceis, na exaltante procura de caminhos futuros, na convívio reflexão e prática tendo por tema a solidariedade — acentuou Sérgio Ribeiro —, sempre com o dr. Vasco da Gama Fernandes foi possível mais do que diálogo, o mútuo respeito pelas posições próprias e o encontro de formas de acção convergentes».

Referindo-se à dignidade do seu exemplo e ao relacionamento que estabeleceu com o PCP, lembrou ainda o deputado comunista que «nunca o que o separou de nós foi mais forte que o desejo comum de contribuir para fazer de Portugal um País livre e democrático, do povo português um povo mais feliz num mundo sempre mais humano». «Esta homenagem — acrescentou —, neste momento, é também uma oportunidade para sublinhar o essencial que une os verdadeiros democratas. A luta pela democracia como tarefa assumida de uma vida. Sem hiatos e recusando preconceitos».

Raul Rego, do PS, recordou por sua vez a qualidade de «cidadão firme, cumpridor dos seus deveres e que nunca deixou de reclamar os seus direitos», sublinhando que foi «um dos que nunca desistiu e nunca voltou a cara» na luta contra a ditadura fascista.

«Colega e cidadão exemplar» assim o definiu, pela sua parte, Narana Coissoró, do CDS, enquanto Hermínio Martinho destacou o seu contributo decisivo para que Portugal seja uma democracia. Montalvão Machado pôs também a tônica na «luta pela justiça» que Vasco da Gama Fernandes «quis ver implantada em Portugal desde que vestiu a toga, elogiando ainda o «político intemerato» e o «advogado brilhante».

Camaradas Falecidos

Amarílio Ribeiro Teixeira

Vítima de acidente de viação, faleceu o nosso camarada Amarílio Ribeiro Teixeira, de 43 anos, natural de Felgueiras, residente na Quinta do Conde, Barreiro.

Emigrante em França, tendo desempenhado tarefas de direcção na organização do Partido na região parisiense, Amarílio Teixeira estava em Portugal desde 1986.

Guilhermino Xavier da Fonseca

Faleceu recentemente o militante comunista Guilhermino

Godinho Xavier da Fonseca. O funeral saiu da Igreja do Santo Condestável, em Lisboa. Activista e profundamente empenhado no trabalho do Partido, o camarada Guilhermino teve responsabilidades nas tipografias clandestinas do Partido. Conheceu as masmorras do Aljube. Mesmo já com idade avançada colaborou em várias tarefas de apoio à organização, como, por exemplo, nas bancas de Natal do Vitéria. A viúva, Deolinda Barreiros Fonseca, apresentamos sentidas condolências.

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas falecidos, o colectivo do Avante! apresenta sentidas condolências.

Trabalhadores

Eleições

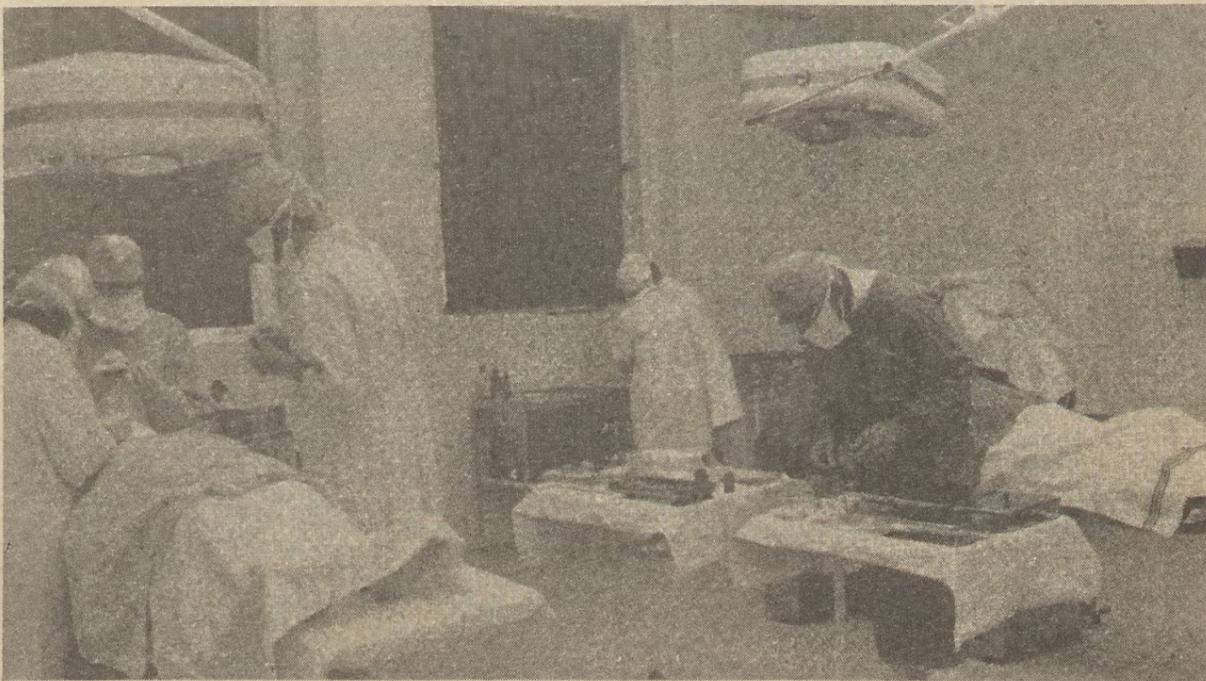
Manifesto da CGTP-IN

Com o título «Em 17 de Dezembro os trabalhadores vão votar pelos seus interesses», a Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN acaba de publicar um manifesto sobre as próximas eleições autárquicas. A tónica do apelo ao voto, que não privilegia expressamente qualquer formação partidária, é no entanto esclarecedora quanto à indicação do voto que não interessa aos trabalhadores. Afirmá-se nomeadamente que, no «actual contexto da integração de Portugal na CEE», os desafios colocados ao nosso país «não podem ser vencidos com uma política que se tem caracterizado a nível nacional e, em muitos casos, também a nível local, pela incapacidade de promover uma estratégia de desenvolvimento assente na modernização e na valorização dos recursos nacionais». Sublinha a direcção da CGTP que «os trabalhadores querem o progresso, mas não abdicam da sua componente social».

Depois de destacar a «importância acrescida» que o próximo acto eleitoral adquire, tendo presente a situação social, em particular, a direcção da Central acentua que «os trabalhadores não poderão deixar de penalizar o Governo e as forças partidárias que o suportam, responsáveis pelo progressivo agravamento das desigualdades sociais no nosso país, onde a ostentação e o novo-riquismo contrastam com bolsas de pobreza e com a luta pela sobrevivência de largas camadas da população».

Por isso, afirma a CGTP, «o voto dos trabalhadores será a expressão da crescente contestação social a essa política».

O poder autárquico é caracterizado no manifesto como o que «está mais próximo dos trabalhadores, da sua vida e do seu local de trabalho; por isso, deverá ser ocupado por quem viva e sinta os problemas e garanta tudo fazer para a sua resolução».



Continua o recurso à greve

Além dos enfermeiros do sector público, que se encontram em greve até amanhã, sexta-feira, essa forma de luta era anunciada como «imminente» na TAP; marcada para hoje, 14, nas cantinas, refeitórios e fábricas de refeições; e terminava segunda-feira passada na Siderurgia (Maia). O departamento do 1.º ciclo do ensino básico do Sindicato dos Professores da

Grande Lisboa anunciou, entretanto, a realização de uma semana de luta com acções que se prolongam até amanhã. A questão dos baixos salários está presente em todos os conflitos, juntamente com outras reivindicações pelas quais trabalhadores e sindicatos se têm batido ultimamente com larga adesão.

Emprego

Aumenta a insegurança na Função Pública

O novo regime de vínculos da Função Pública, publicado no Decreto-Lei 427/89, «contra a opinião dos sindicatos», afirma a FNSFP (Federação sindical do sector), poderá provocar, «o despedimento de milhares de tafeiros, contratados a prazo e, até, contratados além quadro».

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função, que já em Setembro levantara essa questão, protesta novamente pelo facto de o novo regime permitir que «a contratação precária de trabalhadores continue a fazer-se na Admi-

nistração Pública (através de contratos administrativos, de contratos a prazo, de tarefa e avença), sem fixar limites razoáveis para a sua duração, nem prever sanções para os casos de contratação à margem da lei».

Pode haver milhares de despedimentos já em 1990

Mas o mais grave são «as regras de trânsito», impostas pelo mesmo diploma. A serem aplicadas, designadamente as que constam dos

artigos 37 a 41, «conduzirão, já em 1990, ao despedimento e à integração no quadro de excedentes de milhares de trabalhadores», adverte a FNSFP.

A Federação, que publica a lista dos trabalhadores mais ameaçados, além dos que se encontram nas situações acima referidas (a saber: tafeiros, a prazo e além quadro) chama a atenção para os que têm menos de três anos de serviço ou o prestam a tempo parcial, para os que tendo mais de três anos de serviço não fiquem aprova-

dos em concurso, ou para os quais não haja vagas no quadro, e para os que trabalham em organismos em «regime de instalação» aos quais não é garantido se, quando e como passam a ser integrados nos quadros.

Para a Federação, o novo Decreto 427/89 vem aumentar a precariedade do emprego já existente na Função Pública, ao contrário do que o Governo prometeu no sentido de resolver os problemas dos tafeiros e outros trabalhadores com emprego precário no sector.

Deficientes

Sem dinheiro não há plano

Em 9 do corrente, dia nacional do deficiente, a União dos Sindicatos de Lisboa, a exemplo de outras organizações, designadamente a UCNOD (União Coordenadora Nacional dos Organismos de Deficientes), acusaram o Governo de, através do Orçamento do Estado, não atribuir as verbas para a implementação do plano orientador de reabilitação.

Ao referir-se às respostas dadas pelos diversos ministros às interpelações que lhes foram feitas na Assembleia da República, por ocasião do debate da proposta de Orçamento do Estado, a União dos Sindicatos de Lisboa sublinha uma «conclusão clara» que daí se pode tirar: «O Governo não tem uma política definida em relação aos problemas sociais de tão grande sector da população (há cerca de um milhão de deficientes); o Orçamento do Estado não prevê as verbas necessárias para a implementação do plano orientador de reabilitação».

A USL recorda as respostas dos ministros do Emprego e Segurança Social; das Obras Públicas, Transportes e Comunicações; da Educação; e do Plano; e ainda do secretário de Estado da Segurança Social.

A USL considera todas essas respostas «evasivas».

A começar pelo presidente

As posições dos responsáveis são evasivas, porque o próprio ministro do Emprego e Segurança Social, Silva Peneda, afirmou, segundo a USL, que «o plano não é para implementar num curto espaço de tempo» e o do Plano preferiu «suscitar o envolvimento de organizações não governamentais». A USL refere a situação do dr. António Lampraia, presidente da Associação Portuguesa de Deficientes. A USL considera o seu caso «significativo», pois, «sofrendo de grande deficiência» e sendo uma personalidade representativa das organizações de deficientes, «transitou por diversos serviços, e foi colocado no quadro de excedentes da Função Pública».

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa, que se solidariza activamente com a luta dos deficientes e «desenvolverá a acção possível, no sentido de defender os direitos desse milhão de portugueses», o que se passa com o dr. António Lampraia é «a imagem crua, real e preocupante da política social do governo no domínio dos deficientes».

TSD com menos 490 votos na CNT do BPA

A Tendência Social Democrata, que concorreu em lista própria às eleições para a Comissão Nacional dos Trabalhadores (CNT) do BPA (Banco Português do Atlântico), efectuadas em 28 de Novembro findo, teve menos 490 votos do que nas eleições anteriores, em 1987. Em número de mandatos, a lista em questão (C) obteve agora 3, a B (socialista) 4 e a unitária (A) 4. Os totais dos votos foram assim repartidos: A 1323; B 1170; e C 982. Ainda em relação ao sufrágio de 1987, a lista unitária foi a única que subiu (com mais 74 votos). Além da lista dos TSD, a dos socialistas teve também menos 124 votos do que na eleição anterior.

Interjovem contra exclusões

Ao intervir, a semana passada, sobre a nova versão do regulamento do IJOVIP (inserção dos jovens na vida profissional), em sessão do Conselho Consultivo da Juventude, em Lisboa, a Interjovem opôs-se à exclusão desse programa de «jovens que frequentem o sistema regular de ensino, mesmo em regime nocturno». Aos formandos do IJOVIP, defende ainda a Interjovem, deve ser aplicado o estatuto de trabalhador-estudante, bem como as mesmas regalias em matéria de Segurança Social dos alunos do sistema oficial de ensino.

Cresce o desemprego em Setúbal

Depois de um encontro com a governadora civil do distrito, a União dos Sindicatos de Setúbal, que lhe apresentou uma série de situações preocupantes na esfera social, revelou à Imprensa que, «desde finais de 1985 até ao 1.º trimestre de 1989, na área da península de Setúbal, o desemprego cresceu 2,4 por cento, contrariando a tendência geral da região de Lisboa e Vale do Tejo. Na península de Setúbal estão concentrados 70,9 por cento das mulheres desempregadas na região, sendo este um dos aspectos que, juntamente com o aumento dos jovens à procura do primeiro emprego, mais caracterizam a estrutura do desemprego. A oferta de emprego mantém-se a um nível extremamente desproporcionado: 1,4 ofertas para 100 pedidos de emprego. A taxa de desemprego na península atinge 17,6 por cento», acrescenta a União dos Sindicatos de Setúbal.

Redução do pessoal na corticeira Wicanders

Um grupo de sindicatos e outras organizações representativas revela que a evolução dos acontecimentos na unidade industrial do Seixal, que pertencia ao grupo Wicanders e foi recentemente adquirida pelo grupo Amorim, pode levar à perda de 230 postos de trabalho, tendo sido já rescindidos 50 contratos de trabalho a prazo. Entre outras reivindicações, os sindicatos reclamam da empresa que lhes seja apresentado «o projecto de reconversão, na íntegra, para uma negociação séria, que salvaguarde os interesses económicos da região e dos trabalhadores».

Internacional

Homenagem em Havana aos combatentes internacionalistas

Na passada sexta-feira, em Havana, Cuba prestou homenagem aos combatentes internacionalistas cubanos que nas últimas três décadas tombaram em luta em África e noutros pontos do globo. À luta internacionalista pela liberdade, o povo do primeiro Estado socialista no continente americano ofereceu a vida de 2 289 dos seus filhos.

À cerimónia assistiram delegações de numerosos países e organizações revolucionárias, nomeadamente o presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, que afirmaria no final de um encontro com representantes dos 50 mil soldados cubanos que lutaram em Angola nos últimos 15 anos:

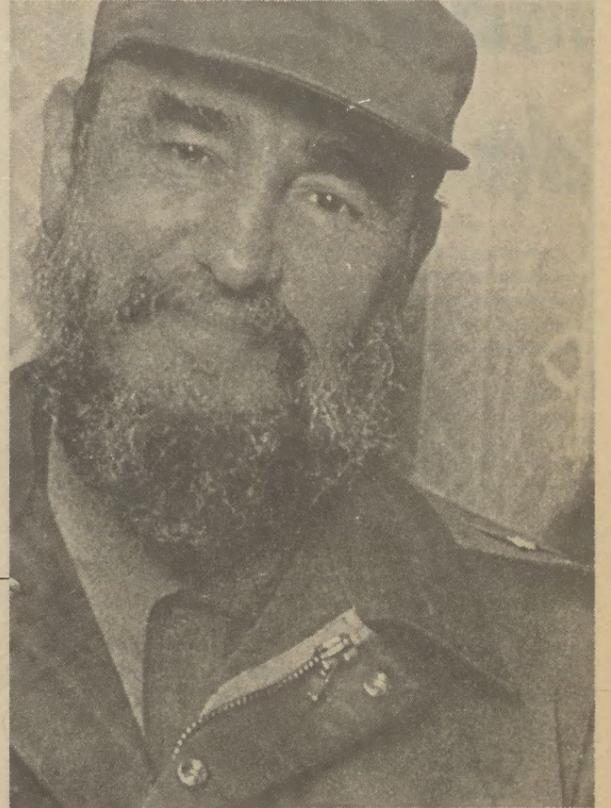
«Perderam a vida em Angola muitos cubanos. Também perderam a vida muitos angolanos. Mas que os angolanos tivessem perdido a vida no

seu território e em defesa do seu próprio povo é perfeitamente normal. Agora que os cubanos tivessem perdido a vida em Angola em defesa do povo angolano, isso é algo de invulgar. É a expressão mais profunda da generosidade do povo cubano. O que fizeram os camaradas cubanos pela defesa de Angola não tem preço.»

O discurso pronunciado por Fidel Castro na cerimónia final da homenagem revestiu-se de particular importância não só pela

desassombrosa defesa do apoio internacionalista dado por Cuba a numerosos povos em luta, como também pelas considerações produzidas sobre a actual situação dos países socialistas do Leste europeu.

Com a frontalidade que sempre caracteriza as tomadas de posição dos dirigentes cubanos, Fidel Castro formulou dúvidas e críticas que reflectem a visão dos problemas do campo socialista de uma óptica dos países do Terceiro Mundo e dos movimentos de libertação nacional, conhecedores profundos da realidade da exploração capitalista e imperialista, tal como da importância do apoio e da solidariedade à sua luta até hoje prestada pelos países socialistas.



Discurso de Fidel Castro

O capitalismo não poderá jamais ser o instrumento para tirar o socialismo das suas actuais dificuldades

«Julgava o inimigo imperialista que ocultaríamos as baixas sofridas em Angola, a mais prolongada e complexa missão que completou 14 anos, como se fosse uma desonra ou uma mancha na Revolução. Sonharam durante muito tempo que seria inútil o sangue derramado, como se pudesse morrer em vão quem morre por uma causa justa. Mas se só a vitória fosse a vulgar bitola para medir o valor do sacrifício dos homens nas suas justas lutas, então, além do mais, eles regressaram vitoriosos.

«Diziam os espartanos: com o escudo ou sobre o escudo. As nossas tropas vitoriosas regressaram com o escudo.

«Mas não é nossa intenção neste momento solene vangloriar-nos dos nossos êxitos, nem humilhar ninguém, nem sequer os que foram nossos adversários. O nosso País não procurava glória nem prestígio militar.

(...)
«Quando a política e a diplomacia se tornaram factores susceptíveis de fazer alcançar os objectivos finais, não se hesitou um instante em utilizar as vias políticas e diplomáticas e, se bem que sempre se tenha actuado com a necessária firmeza, em nenhum instante durante o processo de negociações se nos ouviu uma palavra de arrogância, prepotência ou vaidade. Soubemos ser flexíveis quando a flexibilidade era conveniente e justa.»

«Há acontecimentos históricos que nada nem ninguém poderá apagar da memória. Há exemplos revolucionários que os melhores homens e mulheres das futuras gerações, dentro e fora da nossa Pátria, não poderão esquecer. Este é um deles, mas não nos compete a nós avaliá-lo. Disso se encarregará a História.

«Não podemos nem por um instante esquecer dos nossos camaradas das Forças Armadas angolanas. Ofereceram a vida de dezenas de milhares dos melhores filhos desse extraordinário povo. A unidade e a mais estreita colaboração que nos ligou tornaram a vitória possível.

«Também tivemos a honra de combater lado a lado com os valorosos filhos da Namíbia, com os patriotas da Guiné-Bis-

sau e com os insuperáveis soldados etíopes. Anos antes, nos dias difíceis da Argélia, recém-conquistada a independência, os nossos combatentes internacionalistas estiveram a seu lado, como estiveram também mais tarde com a Síria, outro país irmão árabe vítima de agressão exterior e que solicitou a nossa cooperação.

«Não houve nenhuma causa justa em África que não contasse com o apoio do nosso povo. «Che» Guevara, acompanhado por um numeroso grupo de revolucionários cubanos, combateu contra mercenários brancos no Leste do actual Zaire e hoje, na República Saharai, médicos e professores prestam os seus serviços desinteressados a esse povo em luta pela sua liberdade.»

(...)

«As centenas de milhares de cubanos que cumpriram missões internacionalistas militares ou civis contaram sempre com o respeito das gerações presentes e futuras. Foram por eles muitas vezes multiplicadas as gloriosas tradições

combativas e internacionalistas do nosso povo.

«A pátria que encontram no seu regresso está empenhada numa luta titânica pelo desenvolvimento, ao mesmo tempo que continua a enfrentar com exemplar dignidade o criminoso bloqueio do imperialismo, a que se vem agora somar a crise surgida no campo socialista de que só podemos esperar para o nosso País consequências negativas no plano económico.

«Não é precisamente sobre a luta anti-imperialista, nem sobre os princípios do internacionalismo que se fala hoje na maioria desses países. Nem sequer tais palavras são mencionadas na sua imprensa. Tais conceitos estão ali praticamente apagados do dicionário político. Em contrapartida, os valores do capitalismo adquirem inusitada força nessas sociedades.

«Capitalismo significa troca desigual com os povos do Terceiro Mundo, exacerbação do egoísmo individual e do chauvinismo nacional, o império da irracionalidade e a anarquia no investimento e na produção, sacrifício impiedoso dos povos às leis cegas da economia, a lei

do mais forte, a exploração do homem pelo homem, o salve-se quem puder. No campo social, o capitalismo implica muitas outras coisas: prostituição, droga, jogo, mendicidade, desemprego, desigualdades abissais entre os cidadãos, esgotamento dos recursos naturais, envenenamento da atmosfera, dos mares, dos rios, das florestas e, muito especialmente, o saque das nações subdesenvolvidas pelos países capitalistas industrializados. No passado significou colonialismo e no presente a neocolonização de milhões e milhões de seres humanos mediante métodos económicos e políticos mais sofisticados, mas também menos custosos, mais efectivos e impiedosos.

«O capitalismo, a sua economia de mercado, os seus valores, as suas categorias e os seus métodos não poderão jamais ser os instrumentos para tirar o socialismo das suas actuais dificuldades rectificar os erros que se possam ter cometido. Boa parte dessas dificuldades surgiram não só desses erros, mas também do bloqueio rigoroso e do afastamento a que foram submetidos os países socialistas por parte do imperialismo e das grandes potências capitalistas que monopolizavam quase todas as riquezas e as tecnologias mais avançadas do mundo, produto do saque das colónias, da exploração da sua classe operária e do roubo em massa de cérebros dos países em desenvolvimento.

«Guerras devastadoras que custaram milhões de vidas e a destruição da imensa maioria dos meios produtivos acumulados foram desencadeadas contra o primeiro Estado socialista. Como a Fénix, foi ele obrigado a mais de uma vez renascer das suas próprias cinzas e prestou à Humanidade serviços tão relevantes como derrotar o fascismo e impulsionar decisivamente o movimento de libertação dos povos ainda colonizados. Tudo isto se pretende hoje esquecer.

«É repugnante que muitos se dediquem agora, na própria URSS, a negar e destruir a obra histórica e os méritos extraordinários desse povo heróico. Essa não é a forma de rectificar e ultrapassar erros inquestionáveis cometidos durante

uma revolução que nasceu das entranhas do autoritarismo czarista, num país imenso, atrasado e pobre.

(...)

«O imperialismo convida hoje os países socialistas da Europa a converterem-se em destinatários dos seus excedentes de capital, a desenvolverem o capitalismo e a participarem no saque dos países do Terceiro Mundo.

«É sabido que uma grande parte das riquezas do mundo capitalista desenvolvido provêm do intercâmbio desigual com aqueles países. Durante séculos saquearam-nos como simples colónias, escravizaram centenas de milhões dos seus filhos e, em muitas ocasiões, esgotaram as suas reservas de ouro, prata e outros minerais, exploraram-nos impiedosamente e impuseram-lhes o subdesenvolvimento. Esta foi a consequência mais directa e patente do colonialismo. Hoje esgotam-nos através dos juros de uma dívida externa imensa e impagável, arrancam-lhes os seus produtos básicos a preços miseráveis, para eles exportam os seus produtos industriais a preços cada vez mais altos, constantemente lhes subtraem os recursos financeiros e humanos mediante a fuga de capitais e de cérebros, bloqueiam o seu comércio através do *dumping*, de tarifas proteccionistas, quotas de importação, produtos sintéticos de substituição saídos da sua alta tecnologia e subsidiam as suas próprias produções quando não são competitivas.»

(...)

«Falamos de paz. Mas de que paz se trata? Da paz entre as grandes potências, enquanto o imperialismo se reserva o direito de intervir abertamente e de agredir os países do Terceiro Mundo? Exemplos, temo-los de sobra. (...)

«Será excelente que desapareçam as armas nucleares. Se não se tratar de uma utopia e se se lograr alcançar algum dia, seria de inquestionável benefício e incrementaria a segurança, mas apenas para uma parte da humanidade. Não daria paz, nem segurança, nem

esperança aos países do Terceiro Mundo.

«O imperialismo não necessita de armas nucleares para agredir os nossos povos. As suas poderosas esquadras distribuídas pelo mundo, as suas bases militares em toda a parte e as suas armas convencionais, cada vez mais sofisticadas e mortíferas, são suficientes para que desempenhe o seu papel de patrão e polícia do mundo.

«Além disso, no nosso mundo morrem por dia 40 mil crianças que poderiam salvar-se, e não se salvam por causa do subdesenvolvimento e da pobreza. Como temos afirmado noutras ocasiões, e não é demais repeti-lo agora, é como se, de três em três dias, rebentasse entre as crianças pobres do mundo uma bomba semelhante às de Hiroshima e Nagasaki.»

(...)

«Em Cuba, revolução, socialismo e independência nacional estão indissoluvelmente unidos.

«A revolução e ao socialismo devemos tudo o que somos. Se a Cuba alguma vez regressasse ao capitalismo, a nossa independência e soberania desapareceriam para sempre, seríamos um prolongamento de Miami, um simples apêndice do império yankee. (...)

«Os comunistas cubanos e os milhões de combatentes revolucionários que integram as fileiras do nosso heróico e combativo povo saberão cumprir o papel que nos foi entregue pela História, não apenas como primeiro estado socialista no hemisfério ocidental, mas também como inabaláveis defensores da primeira linha da nobre causa dos humildes e explorados deste mundo.

«Jamais aspiramos a que nos seja entregue a guarda das gloriosas bandeiras e princípios que o movimento revolucionário soube defender ao longo da sua heróica e bela história, mas se o destino nos determinar o papel de quedarmos um dia entre os últimos defensores do socialismo num mundo onde o império yankee tenha logrado concretizar os sonhos de Hitler e dominar o mundo, saberemos defender este baluarte até à última gota de sangue.»



Internacional

Chile vai hoje às urnas para derrotar Pinochet

O Chile vai hoje às urnas com a firme determinação de derrubar de vez a ditadura do general Augusto Pinochet. Essa é a primeira conclusão que se pode tirar da campanha eleitoral que nos últimos dias mobilizou os chilenos e os fez acorrer em massa a manifestações e comícios da oposição onde as grandes consignas foram o respeito pelos direitos humanos, liberdade, democracia.

O gigantesco comício promovido em Santiago pela Concertação Democrática para encerramento da campanha, em que participou mais de um milhão de pessoas, parece de facto indicar que se está perante o início de uma nova era no Chile, um virar de página na história daquele martirizado país.

Patricio Aylwin, candidato à presidência chilena pela Concertação Democrática, é o grande favorito destas eleições, tendo recolhido à volta da sua candidatura o apoio generalizado dos antifascistas chilenos, das massas populares, das principais forças da oposição.

A Concertação Democrática, recorde-se, é constituída por 17 partidos unidos no objectivo comum de pôr termo ao «reinado» de Pinochet, ainda que com profundas diferenças ideológicas entre si. Socialistas, democratas-cristãos, social-democratas, radicais e comunistas entraram juntos nesta batalha eleitoral

com uma plataforma de acção que, se levanta incógnitas em termos de futuro, é suficientemente realista para de momento deixar de lado o que os divide e apostar no que os aproxima - o empenhamento no afastamento de Pinochet.

Esse objectivo levou de resto o ainda ilegalizado Partido Comunista a apoiar Aylwin e a Concertação Democrática, não obstante as tentativas do candidato governamental, Hernan Buchi, para semear a discórdia e a desconfiança entre os eleitores, quer fazendo referências ao papel da democracia-cristã nos acontecimentos que levaram ao derrube do gover-



no de Salvador Allende, quer garantindo a existência de um «pacto secreto» de Aylwin com os comunistas.

«Adios General se acabo el Carnaval»

Os intentos do candidato governamental não foram bem sucedidos, como ficou demonstrado no comício de domingo em Santiago do Chile.

Num discurso particularmente prudente, Aylwin apelou à unidade dos chilenos, defendeu o fim da repressão e das arbitrariedades, salientou o entendimento das forças democráticas expresso no amplo movimento de apoio à sua candidatura pela Concertação Democrática.

O candidato referiu-se ainda à questão do pseudo-«acordo secreto com os comunistas» propalado pela direita, desmentindo-o e salientando que os dirigentes e militantes comunistas presentes no comício - incluindo o respectivo secretário-geral, Volodia Teitelboim - eram as melhores testemunhas de que tais afirmações não passavam de calúnias.

Poucos são ainda os que duvidam, como foi dito no parque O'Higgins, que a Concertação representa «um grande esforço de chilenos de distintas crenças e opiniões, que se uniram superando as suas divergências para construir um futuro em harmonia».

Nas ruas do Chile, essa aspiração faz-se sentir nas palavras de ordem que expressam a confiança popular, com particular para a que afirma «Adios General, se acabo el Carnaval».

Depois das eleições

Mas, para além dos resultados eleitorais e da presumível vitória de Aylwin, o futuro apresenta-se ainda pouco claro para os chilenos. É que não é certo o afastamento de Pinochet, que continua a ser o comandante-chefe do Exército, que no Chile é um verdadeiro «Estado dentro do Estado». Não foi certamente por acaso que Pinochet veio a público afirmar que, se tocarem num cabelo que seja dos seus homens, «termina o Estado de direito».

A questão que se coloca, pois, é de saber como poderá o futuro presidente do Chile, que será também o chefe supremo das Forças Armadas, garantir a subordinação do poder militar ao poder civil sem lançar o país em mais uma grave crise da sua história, capaz de inverter o avanço e consolidação da democracia plena.

A questão que se coloca, também neste contexto, é a de saber até que ponto Aylwin - a ser eleito - quererá e poderá pôr termo ao poder dos generais, sem pôr em causa as aspirações de liberdade e democracia das forças que hoje o apoiam, a par de profundas reformas de carácter económico, político e social reivindicadas pela maioria da população.

Estas e outras incógnitas não tardarão a estar na ordem do dia no Chile. Mas hoje, dia 14 de Dezembro a ida às urnas é a prioridade das prioridades. Um dia que poderá ficar na história do Chile como o princípio do fim da ditadura de Pinochet.

Parlamento soviético rejeita discutir alterações ao Artigo 6.º da Constituição

O Congresso de deputados do Povo, no primeiro de dez dias que dura a sua segunda sessão, recusou agendar propostas de alteração ao Artigo 6.º da Constituição, que proclama o Partido Comunista da União Soviética como força dirigente do país e da sociedade.

Os deputados reagiram dessa forma a uma intervenção do presidente soviético, e secretário-geral do PCUS, Mikhail Gorbachov, que salientou que a Constituição deve ser tratada com sentido de responsabilidade, sem precipitações, e livre de especulações políticas.

Mikhail Gorbachov sublinhou na ocasião que o papel do partido não se restringe ao Artigo 6.º da Constituição

Em Pretória, Conferência desafia regime do apartheid

Cerca de 4500 delegados negros, brancos, indianos e mestiços encheram no passado sábado uma sala de Pretória, na África do Sul, contestando o regime do apartheid.

Na abertura da Conferência, a que assistiram representantes de 19 países, interveio Walter Sisulu, dirigente do Congresso Nacional Africano.

Na sua intervenção o líder do ANC afirmou que «a tarefa gigantesca da conferência» era confirmar a «importância crucial da unidade e planear um programa de acção de massas que desafie o estado do apartheid».

Walter Sisulu salientou que o regime falhou nos esforços que fez para derrotar o seu povo, «declarando estados de emergência e assassinando».

O dirigente do ANC desafiou mesmo o presidente sul-africano Frederik de Klerk a participar em iniciativas do género e a submeter-se aos processos de democracia.

Libano - presidente Harawi dirige ultimato a Michel Aoun

O presidente libanês Elias Harawi lançou na passada semana um ultimato ao general Michel Aoun, chefe das milícias cristãs. O presidente deu um prazo de duas semanas para que Aoun se retire do palácio presidencial, ao mesmo tempo que ordenou ao comandante do exército libanês que prepare as forças armadas para entrar em Beirute Ocidental e fazer respeitar o poder legítimo.

Noutro desenvolvimento, o presidente do parlamento libanês, Hussein El Husseiní anunciou que vai convidar os diversos grupos no Parlamento Europeu para visitarem o Libano como demonstração simbólica de apoio ao poder e às instituições.

Repressão em campo de concentração nos territórios ocupados faz dois mortos

No campo de concentração de Jiam, nos territórios ocupados militarmente por Israel, os quatrocentos presos manifestaram-se para exigir que a Cruz Vermelha Internacional seja autorizada a entrar no campo.

Os guardas do campo reprimiram a manifestação disparando contra os prisioneiros, matando dois deles.

Presidentes africanos vão discutir questão angolana

Os presidentes de oito países da África Central e Austral vão reunir-se no próximo dia 27 para debaterem o processo de paz em Angola.

Na cimeira, que terá provavelmente lugar em Luanda, serão analisadas as mais recentes propostas apresentadas pelo governo angolano, orientadas para o estabelecimento da paz no país.

Os oito presidentes examinarão ainda o acidente ocorrido no sudeste angolano com um avião da CIA que transportava armas para a UNITA.

Sabe-se que antes do acidente o avião fizera escala no Zaire, cujo presidente, Mobutu Sese Seko desempenha o papel de intermediário no processo de paz em Angola.

Lech Walesa está inquieto

Lech Walesa manifestou no passado sábado, perante os delegados do comité cívico do Solidariedade reunidos em Varsóvia, a sua «grande inquietação» face à «situação económica dramática» existente na Polónia.

«Mantenho a minha lealdade e o meu apoio ao governo de Mazowiecki - afirmou - mas quero também manifestar a minha grande preocupação. Nós realizamos grandes mudanças, mas as pessoas que não se interessam pela política e que nos julgam através dos seus bolsos não vivem melhor. E, segundo aquilo que posso prever, a situação vai piorar».

América Central Cimeira apela para soluções pacíficas

Na capital da Costa Rica, São José, estiveram reunidos durante três dias os presidentes dos cinco países da América Central, para analisar o processo de resolução pacífica dos conflitos na região, com particular destaque para os conflitos em El Salvador e na Nicarágua.

Os presidentes dos cinco países centro-americanos aprovaram um comunicado final da reunião, em que apelam para a desmobilização dos guerrilheiros da Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional, e para o não fornecimento de armas por parte da Nicarágua.

No documento final da cimeira de São José da Costa Rica, os presidentes das Honduras, Guatemala, El Salvador, Nicarágua e Costa Rica apelam ao secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, para que desenvolva esforços no sentido do relançamento das negociações entre o governo de direita de El Salvador e a Frente Farabundo Martí.

No final da reunião os presidentes da Guatemala, Honduras e Costa Rica apelaram também aos presidentes da Nicarágua e de El Salvador, respectivamente Daniel Ortega e Alfredo Cristiani, para que reatem as relações diplomáticas entre os seus países, suspensas recentemente por iniciativa do governo de Cristiani.

Saliente-se que o êxito desta cimeira centro-americana chegou a ser posto em causa pela postura assumida pelo presidente das Honduras, que abandonou temporariamente as conversações. O presidente hondurenho visava pressionar Daniel Ortega a aceitar retirar das instâncias internacionais o processo contra as Honduras, por este país albergar os contras nicaraguenses no seu território.

A desmobilização dos contras apoiados pelos Estados Unidos e o desmantelamento das suas bases, já anteriormente acordados, voltam a ser exigidos no documento final da cimeira centro-americana desta semana.

No comunicado final os presidentes dos cinco países afirmam mesmo que os fundos dados pelos Estados Unidos aos contras deveriam ser canalizados para o desenvolvimento das acções das Nações Unidas no sentido de ser alcançada a paz na América Central.

Na reunião, os presidentes da Costa Rica, Honduras, El Salvador, Guatemala e Nicarágua acordaram também na realização de uma nova cimeira em Manágua, em princípios de 1990.

Carlos Carvalhas eleito vice-presidente de delegação do PE

Carlos Carvalhas, deputado do PCP no Parlamento Europeu (onde integra o Grupo Coligação de Esquerda), foi eleito, terça-feira, vice-presidente da delegação do Parlamento Europeu para as relações com a Organização das Nações Unidas na primeira reunião efectuada por esta nova delegação do Parlamento Europeu.

Internacional

RDA

Um país e um partido em transformação

Neste próximo fim-de-semana, deverá concluir os seus trabalhos o congresso extraordinário do Partido Socialista Unificado da Alemanha. Congresso extraordinário de facto, pelas decisivas transformações no partido que desde já definiu, com naturais repercussões na intensa vida política que hoje caracteriza a realidade quotidiana da RDA.

Já na sua primeira fase, iniciada sexta-feira passada, o Congresso tomou importantes decisões.

Foram alteradas as estruturas da direcção do partido. Actualmente essas estruturas incluem, um presidente, uma presidência com 13 membros e um Comité Director composto por cem membros.

O presidente eleito é Gregor Gysi, advogado, de 41 anos de idade, eleito na semana anterior para o grupo de trabalho que preparou o Congresso. Na presidência surgem nomes que nestes dias se foram destacando, como o de Hans Modrow, actual primeiro-ministro, Wolfgang Berghofer, presidente da Câmara de Dresden, e Wolfgang Pohl.

Os 2753 delegados do congresso decidiram ainda que deverá haver alteração do nome do partido. Entre as propostas avançadas para o novo nome: Partido do Socialismo Democrático, Partido Socialista Alemão ou Partido Popular Socialista.

Esta primeira sessão do Congresso extraordinário aprovou um relatório onde se afirma para a RDA, uma via «socialista democrática, oposta ao pseudo-socialismo estalinista e ao reino do lucro» e se apresenta «francas desculpas à população» pelos erros cometidos pela anterior direcção do partido, considerada responsável de

ter «conduzido o país a esta crise que ameaça a sua própria existência».

Na intervenção do actual presidente do partido, no início dos trabalhos do congresso, foi defendida a «desestalinização radical do partido», a dissolução das milícias populares e do Departamento de Segurança Nacional.

Gregor Gysi sublinhou que o «socialismo administrativo e centralizado mostrou-se incapaz, entre nós e em outros países, de contribuir eficazmente para a solução de problemas humanos».

A plataforma de discussão para o congresso, apresentada pelo comité de trabalho do PSUA, intitulada «Por um socialismo democrático», apelava a uma «ruptura radical com as estruturas estalinistas» do PSUA, e afirmava que a «crise do socialismo administrativo» não poderá ser resolvida a não ser através do empenhamento do país, de «todas as forças democráticas», numa nova via que respeite as «fontes humanistas e democráticas do movimento operário alemão e internacional», abrangendo «nomeadamente as tradições sociais-democratas, socialistas, comunistas, antifascistas e pacifistas».

Dois Estados alemães

«Somos por uma RDA soberana e socialista, condição

indispensável para a estabilidade da Europa», foram palavras insistentemente repetidas por Gregor Gysi. Esta uma questão abordada de forma inequívoca nos trabalhos do congresso extraordinário, numa linha já anteriormente defendida pelos dirigentes do PSUA, ao longo deste denso mês político, marcado pela abertura das fronteiras e do muro de Berlim.

Hans Modrow, actual primeiro-ministro, no discurso de abertura do congresso, não excluiu a hipótese de serem a ser construídas certas «estruturas confederais», mas sublinhou, sob os aplausos dos delegados, «que uma reunificação dos dois Estados alemães num só Estado, não está na ordem do dia».

Na plataforma de discussão apresentada ao congresso pelo grupo de trabalho criado para a sua preparação, admite-se a criação de «estruturas confederadas entre os dois Estados alemães, no quadro de uma aproximação europeia». Afirma-se, simultaneamente que «a existência de dois Estados alemães se tornou num garante incontornável da paz, da segurança e da estabilidade» no continente europeu. «A identidade da RDA oferece uma oportunidade histórica ao advento de um socialismo democrático na Alemanha» — sublinha-se.

O relatório aprovado no fim da primeira parte dos trabalhos do congresso defende uma «RDA soberana e socialista, uma condição para a estabilidade na Europa».

O peso das questões económicas

Pouco antes de se iniciar o congresso, o primeiro-ministro Hans Modrow reuniu-se em Berlim, capital da RDA, com os responsáveis pela economia dos 14 distritos do país.

Um encontro significativo, também pelo momento em que se realiza, quando tantas outras questões estavam e estão em debate.

As questões económicas assumem de facto particular agudeza, mesmo num contexto de profundos abalos e transformações, de múltiplos problemas a resolver, e até perigos a defrontar.

Na verdade, no escasso espaço de uma semana, os acontecimentos sucederam-se com impressionante rapidez. A Câmara do Povo risca do artigo primeiro da Constituição o direito do PSUA a exercer o papel dirigente na sociedade. O Comité Central, a Comissão Política e o secretário-geral do PSUA demitem-se. Simultaneamente são expulsos do partido, 12 antigos dirigentes, entre os quais Erich Honecker.

No plano político mais geral, prepara-se uma mesa-redonda entre as diversas polí-

ticas e chega-se a um acordo em relação à realização de eleições para Maio do próximo ano, e à elaboração de uma nova Constituição, que será sujeita a referendo, logo que se forme o novo parlamento.

Neste quadro, novas linhas são também definidas para o desenvolvimento económico do país.

No seu discurso de investidura, quando da formação do actual governo da RDA, o primeiro-ministro Hans Modrow definiu em linhas gerais a tarefa que neste domínio se coloca: «A reforma económica não significa a abolição da planificação. O mercado, com as suas relações moeda/mercadorias, deve entretanto tornar-se parte integrante da economia planificada socialista». O governo irá empenhar-se em impulsionar por todo o país «um espírito de empresa socialista». Espírito que se vai traduzir, nas fábricas, pela ligação entre salários e produtividade e por uma maior autonomia das empresas de Estado.

O plano económico proposto no congresso aponta para reformas imediatas num contexto em que «a propriedade do solo e outros importantes meios de produção devem permanecer nas mãos do povo».

Checoslováquia tem novo governo

A Checoslováquia tem um novo governo de «entendimento nacional», chefiado por Marian Calfa. Este novo governo, formado no passado sábado, depois de conversações com as forças políticas da oposição checoslovaca, é constituído por 10 membros do Partido Comunista da Checoslováquia, sete independentes, dois socialistas e dois membros do Partido Popular.

Recorde-se, que o governo de Marian Calfa surge na sequência da demissão de Ladislav Adamec e depois de um encontro com representantes dos partidos que integram a Frente Nacional. O governo que havia sido anteriormente apresentado por Adamec, não tinha sido aceite pelas forças da oposição, por 16 das 21 pastas estarem atribuídas a comunistas.

Poucas horas depois da posse do novo executivo, e tal como havia sido anteriormente anunciado, o presidente checoslovaco, Gustav Husak, apresentou a sua demissão. O parlamento tem 14 dias para eleger um novo presidente.

Vários nomes de candidatos já foram avançados. Ladislav Adamec, pela conferência de delegados do PCCh de Svítavy, na Boémia; e o escritor Vaclav Havel, pela oposição, Fórum Cívico e o Público contra a violência.

No que se refere às linhas políticas do novo governo, o primeiro-ministro Marian Calfa, anunciou, como tarefas prioritárias, a preparação de «eleições livres e democráticas», para fins do primeiro semestre de 1990, e «reformas económicas radicais para fazer sair o país da estagnação».

Estas algumas linhas de desenvolvimento no plano político nacional.

Também no partido comunista se preparam transformações. Os 21 membros do Bureau Político e do Secretariado do CC do Partido Comunista da Eslováquia demitiram-se para preparar a realização do Congresso extraordinário, que se vai iniciar dia 17, em Bratislava.

É possível uma antecipação do Congresso extraordinário do PCCh, previsto para finais de Janeiro, para 21 e 22 deste mês de Dezembro. Um grande esforço para pôr o Partido em melhores condições de corresponder à rápida evolução actual, e à profundidade das transformações em curso.

«Quebrando temporária e parcialmente o silêncio da censura durante a batalha «eleitoral», o movimento democrático deu importantes passos na luta pelo direito de expressão de pensamento e de informação no nosso país.

Tema presente em toda a campanha, a reivindicação da abolição da censura surgiu tanto nos discursos e programas dos candidatos como no grito de dezenas de milhares de pessoas em vários comícios e manifestações de rua.

A própria campanha «eleitoral», só por si, foi uma luta permanente contra a censura e pelo direito de informação. A apreensão pela PIDE do programa da CDE de Lisboa, as buscas e intimidações policiais nas tipografias, o corte sistemático, total ou parcial, dos comunicados da Oposição democrática, chocaram sempre com a firmeza e determinação das forças democráticas, apoiadas pelas massas populares, na luta pela conquista das liberdades fundamentais.

Intervindo em colóquios e mesas redondas, respondendo a inquéritos e noutras formas de acção, inúmeros escritores denunciaram os incalculáveis prejuízos desta arma mutiladora em todos os campos da vida cultural.

Reclamando a abolição da censura, 101 jornalistas subscreveram uma declaração em que afirmam que não poderão ser cumpridos «os programas de qualquer governo sério e empenhado em empreender rapidamente com o seu povo a marcha do progresso - se não tiverem em Portugal uma Imprensa liberta da Censura prévia presentemente em vigor».

Afirmando o carácter permanente da sua reivindicação e sublinhando a «responsabilidade que deve caracterizar quantos participam na formação da opinião pública», outros 127 jornalistas - directores, chefes de redacção e redactores -, muitos dos quais comprometidos com o regime, não puderam alhear-se desta onda de protestos e declararam-se «partidários da liberdade de informação» numa representação dirigida ao Chefe do Estado.

«Basta de mordidas! Abaixo a censura» — «Avante!», VI Série, n.º 410, Dezembro de 1969)

AVANTE! ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

«Bases gerais de um novo regime jurídico de imprensa» e não uma autêntica proposta de lei de imprensa que consignasse sem sofismas a liberdade desta, foi o que o governo enviou a essa paródia de parlamento que é a chamada Assembleia Nacional.

O processo é sempre o mesmo: começam por falar em liberdade e direitos e terminam por precisar bem uma infinidade de normas restritivas que anulam inteiramente aqueles.

«As novas bases do regime jurídico da imprensa» deixam as coisas talvez pior que antes. Com medo da espada sempre suspensa sobre o pescoço, jornalistas, directores e editores de jornais e até os simples tipógrafos passarão a autocensurar-se ainda com mais atenção e rigor que antes. Os «superiores interesses do País», os «interesses comuns», os «actos subversivos», a «fesa do bem comum», os «interesses individuais dignos de protecção», o «interesse superior da colectividade», etc., etc., são alcapões de tal forma sensíveis que ao mais pequeno toque se abrem para darem passagem para a prisão aos incautos. Enfim, a grande inovação de M. Caetano é a substituição da prévia censura pelo «exame prévio».

«Da censura prévia ao «exame prévio» — «Avante!», VI Série, n.º 423, Dezembro de 1970)

VIII SONETOS

de

ARY

DOS

SANTOS

um texto de Manuel Gusmão

e

um desenho de Rogério Ribeiro



Para a vitória democrática

As razões

de 49 votos

As eleições são já daqui a três dias. A campanha vai continuar apenas hoje e amanhã. E no pouco tempo que falta, muito trabalho de esclarecimento há a fazer, muito empenhamento ainda é necessário para acertar a escolha, para obter a vitória.

A escolha certa é aquela que visa o melhoramento e o aprofundamento do Poder Local democrático, ou para proceder à mudança que venha repor a competência, a honestidade, o trabalho, o diálogo com os munícipes. Uma mudança que, em alguns concelhos e freguesias pela primeira vez, venha afastar o pesadelo de compadrios, de má gestão, de intransigência e de surdez, colocando ao serviço do povo a autarquia, perspectivando o

desenvolvimento, metendo mãos à obra. Hoje, com algumas dezenas de depoimentos que publicamos, mostramos que muita gente está empenhada na vitória. Que vai dar o seu voto, pesado, medido e consciente, em coligações em que o PCP participa. Os depoimentos recolhidos pela Redacção do «Avante!» não afinam todos pelo mesmo diapasão. Nem era isso que procurávamos. Demonstramos, apenas, a riqueza e diversidade que é possível reunir quando se consegue o acordo no essencial. E o essencial, hoje, é colocar o maior número possível de autarquias ao serviço do povo. Como é, sempre, colocar os órgãos do poder determinadamente a trabalhar pelo desenvolvimento,

pelo progresso, pelo interesse do País e do povo. Na CDU, Coligação Democrática Unitária — que reúne o PCP, o PEV e muitos independentes; na Coligação Por Lisboa — onde estão o PS, o PCP, o PVE, o MDP, com a participação do PSR e da UDP como independentes propostos pelos comunistas; na Coligação Desenvolver Setúbal e na Coligação Mãos à Obra pela Covilhã — em que participam o PCP, o PEV e o PRD — há muita gente que já decidiu votar.

Muitos mais se juntarão nestes dias que faltam. Por isso a campanha continua.

Estes depoimentos, de personalidades conhecidas da política, da cultura, do desporto, da arte, mostram que muitas vitórias são possíveis. ■ ➔



As razões de 49 votos

António Avelãs Nunes

(independente, professor da Faculdade de Direito de Coimbra)

«Vou votar na CDU, em primeiro lugar, porque estou de acordo com os objectivos estratégicos e com o programa de acção da Coligação.

Vou votar na CDU para afirmar a minha confiança na construção, em Portugal, de uma sociedade socialista, de uma sociedade que corresponda aos interesses e aos anseios dos trabalhadores portugueses.

Vou votar na CDU para celebrar o acontecimento mais relevante da vida política portuguesa, protagonizado pela CDU: a celebração de coligação e acordos eleitorais em várias localidades do País, num movimento de unidade sem precedentes nos últimos anos.

Vou votar na CDU em Coimbra porque a lista da CDU integra homens e mulheres honestos, competentes e trabalhadores, cuja acção é indispensável para construir para Coimbra um futuro melhor do que o seu apagado presente.»

Jorge Figueira

(independente, animador cultural, Figueira da Foz)

«Sou candidato pela CDU e, naturalmente, voto nela, porque acredito que dentro de uma base de pensamento marxista permanentemente consensualizada e revitalizada, a união faz a força.

Sou candidato porque penso que essa união é necessária, cada vez mais, para nos defendermos, cada vez melhor, de futuras crises para que este capitalismo português *made in CEE* nos empurra.

Sou candidato porque, em união de ideal e de acção na CDU, será necessariamente o nosso futuro.»



Teresa Dias Coelho

(Artista plástica)

Apoio a Coligação «Por Lisboa» por ser o colectivo de pessoas que mais garantias me dão ao nível do desenvolvimento cultural da cidade, sendo que, para mim, a cultura está subjacente a todas as áreas de acção do Município, sejam elas a de limpeza, os transportes, o urbanismo, a recuperação do património ou os tempos livres.



Manuel Jorge Veloso

(crítico musical)

Eu voto CDU porque é esta uma Coligação clara e transparente em que, ao contrário do que querem fazer crer as campanhas dos adversários, se manifesta exuberantemente uma política de alianças exemplar e cada vez mais ampla, integrando por todo o País homens e mulheres que colocam o interesse das populações acima dos seus interesses partidários.

Eu voto CDU porque o seu trabalho desenvolvido até aqui, no Poder Local, é a demonstração plena do que representa, na prática concreta de exercício do poder, a correcta interdependência dos conceitos de democracia representativa e de democracia participativa.

Eu voto CDU porque é a força que, para além das soluções que apresenta



para os graves problemas de habitação, transportes, trânsito e outras infra-estruturas fundamentais ao bem-estar material das populações, se apresenta ao eleitorado com as mais inovadoras propostas no campo da cultura e da preservação do nosso património e identidade culturais. E, porque estou com a CDU na afirmação e alargamento do seu inevitável êxito em todo o País, na capital, eu voto «Por Lisboa».



Victor Branco

(editor)

Sinto uma grande satisfação em ir votar lado a lado com os socialistas na Coligação «Por Lisboa», no âmbito dos objectivos que o meu Partido, o PCP, sempre defendeu.

Considero que para a transformação democrática do nosso país é da maior importância a aliança entre todas as forças de esquerda.

Por outro lado, considero que Lisboa necessita de uma Câmara Municipal que resolva efectivamente os problemas da cidade e da população; com a experiência das forças que integram a Coligação, e designadamente da CDU com as provas dadas noutras áreas do País, acredito ser possível dar um contributo real para a solução desses problemas.

Por isso voto na Coligação «Por Lisboa».

Mário Jorge

(presidente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul e vice-presidente da Federação Nacional dos Médicos)

Voto na CDU para que o seu trabalho honesto, competente e transparente continue a frutificar, no interesse de amplas camadas da população que dele necessitam para que

os seus problemas sejam resolvidos com o máximo rigor e eficiência.

Voto na CDU porque constato uma profunda coerência na defesa de princípios recusando «modas» ideológicas que descaracterizam as forças progressistas em benefício da direita e porque, ao contrário do que dizem alguns «novos do Restelo», se verifica uma permanente procura de novos caminhos para os novos problemas, apesar da enorme complexidade da situação existente.

Fazer frutificar e aumentar a representação autárquica da CDU, tendo em conta o invejável trabalho desenvolvido, constitui a melhor forma de mostrar às populações que, mesmo em termos de Governo, a solução dos problemas está numa alternativa de esquerda com a CDU e não numa recauchutagem e purificação do capitalismo.

Armando Castro

(professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia do Porto)

Votar deve ser um acto responsável, uma opção esclarecida em função dos nossos interesses despidos de quaisquer demagogias.

Nas próximas eleições autárquicas vou votar na CDU porque, ao nível desta votação, constitui a única força política que ao mesmo tempo tem um programa profundamente ligado às necessidades e aspirações populares e — não menos importante do que isso, visto que melhores ou piores todos os programas têm «coisas boas» — dispõe de equipas de candidatos que estão profundamente ligados às populações e colocam acima de tudo o objectivo de servir verdadeiramente e de forma constante as necessidades e os legítimos desejos das classes mais desfavorecidas. E sem essa melhoria constante não se pode falar de progresso social.

Manuel Andrade

(professor do Ensino Superior, membro da Assembleia Municipal do Porto)

«Participando nos órgãos autárquicos desde 1974, tenho acompanhado de perto a acção desenvolvida pelas diferentes forças políticas e pelos seus eleitos. Sob testemunha da gestão mediocre e da incapacidade conflagradora manifestada pelos partidos políticos que detiveram a presidência da Câmara do Porto — PS, AD e PSD — traduzida na degradação das condições de vida da generalidade da população e no adiamento de importantes projectos que são imprescindíveis para transformar o Porto numa cidade onde se goste de viver e onde nos sintamos bem.

Conheço o trabalho desenvolvido pela CDU e pelos seus eleitos, quer nas áreas que têm estado à sua responsabilidade, quer no contributo positivo e quase sempre determinante que deram em questões de importância relevante para a cidade. O candidato da CDU à Presidência da Câmara do Porto, eng. Oliveira Dias, deu sobejas provas de competência, de capacidade de trabalho, de criatividade, de honestidade, de iniciativa e de conhecimento dos problemas para ser capaz de realizar uma gestão que transforme a cidade, desenvolvendo-a de acordo com os padrões mais avançados. A equipa que o acompanha, pela sua capacidade de realização e pela sua inserção na vida da cidade é capaz de responder aos desafios que temos de enfrentar.

Porque quero viver numa cidade agradável e desenvolvida, porque quero continuar a ter o direito de sonhar com uma cidade de que me orgulhe e em que goste de viver, voto no candidato à Presidência e na força política capazes de viabilizarem o projecto que o Porto merece e a cidade o deseja. Voto na CDU.»

Cândido Mota

(profissional da Rádio)



Apoio a Coligação «Por Lisboa» porque sou dos que continuam a acreditar que, a despeito do que muito se diz por aí, a verdade é que continua a haver diferença entre direita e esquerda.

E porque acredito nisso, voto na esquerda possível para a administração da cidade de Lisboa.



Baptista Bastos

(jornalista)

Apoio a Coligação «Por Lisboa» por uma questão de cultura, mas, também, porque esta Coligação me garante multiplicidade, consistência, exactidão e visibilidade. Quero dizer com isto que acredito na mudança, sem descreer dos destinos cruzados.

As pessoas que constituem a Coligação possuem passado, a memória das coisas e dos factos. Não são os meteoros de uma ambição pessoal e precária. Desejam mudar, melhorando. Não querem mudar transfigurando.

O que tem ocorrido em Lisboa na última década em Lisboa assume os contornos de uma depredação. E de intensa e dramática negligência, bairros em ruínas, desertificação das ruas: a comunidade empurrada para a tristeza dos subúrbios enquanto a especulação imobiliária, a ganância dos senhorios, a soberba dos endinheirados proliferam com revoltante impunidade.

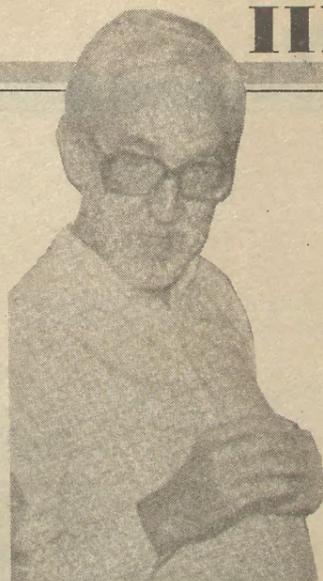
A Coligação «Por Lisboa» pretende repensar a cidade. E devolvê-la a quem a ama e a quem vive cá.

Uma questão de cultura, repito. Porque não há duas formas de amar o amor de Lisboa.

Avelãs Nunes: Um movimento de unidade sem precedentes nos últimos anos



Teresa Dias Coelho: Garantias de desenvolvimento cultural da cidade



Manuel Jorge Veloso: Uma coligação clara e transparente

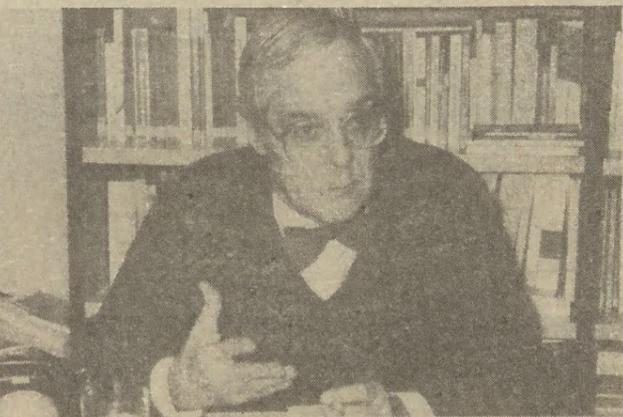
José Viana: Por razões óbvias que resultam das constantes que determinam a actuação das forças da direita



Armando de Castro: Um programa ligado às necessidades e aspirações populares e uma equipa de candidatos ligada às populações



Vitor Branco: A importância da aliança entre todas as forças da esquerda



Baptista Bastos: As pessoas que constituem a Coligação desejam mudar melhorando. Não querem mudar transfigurando



Macedo Varela: Sobretudo, capazes de um diálogo democrático e de uma convergência ampla



Álvaro Ferreira Alves

(Médico, da Intervenção Democrática, mandatário das listas da CDU no concelho de Vila Nova de Gaia)

Voto na CDU por considerar ser a única alternativa democrática possível, como já o demonstram a Coligação «Por Lisboa» mas sobretudo pelo que acontece por todo o País, em que as listas apresentam mais de quarenta por cento de candidatos independentes e de todos os partidos democráticos.

Voto também na CDU pela necessidade urgente em combater a corrupção a todos os níveis, a falta de transparência e a cumplicidade silenciosa que este Governo tem permitido.

O País precisa de desenvolvimento para todos os portugueses e não só para alguns. Precisa de estabilidade e não de greves quase contínuas por descontentamento geral de quase todos. E, acima de tudo, o País precisa de um projecto para o futuro que só a Democracia poderá dar, na continuidade do 25 de Abril. Por tudo votarei CDU.

Abílio Fernandes

(Presidente da CM de Évora)

A CDU é o grande espaço de encontro, de diálogo, de convivência e de luta dos democratas interessados nas conquistas alcançadas com o 25 de Abril em Portugal.

Na CDU, os comunistas encontram espaço adequado à sua afirmação de homens coerentes com a sua ideologia marxista-leninista, ao contagiarem saudavelmente, no convívio, os outros democratas para um trabalho válido centrado na defesa dos interesses dos trabalhadores e de todas as camadas sociais não exploradoras da sociedade.

Apoio a CDU porque é na defesa dos interesses concretos, do dia-a-dia, que os jovens, as mulheres, os independentes, se aproximam ao lutar e ganham consciência dos valores políticos necessários à transformação das sociedades exploradoras, de corrupção e de degradação que o capitalismo lançou e lança no Mundo.



Cândido Mota: A verdade é que continua a haver diferença entre direita e esquerda

Abílio Fernandes: O grande espaço de encontro, de diálogo, de convivência

Manuel Faria

(músico, membro do grupo «Trovante»)

Voto «Por Lisboa», voto em Jorge Sampaio, por várias razões. Em primeiro lugar, por oposição à gestão anterior; em segundo lugar, pelo próprio candidato à presidência da Câmara, que considero uma pessoa séria; e em terceiro lugar pela simpatia que merecem as forças políticas que integram a Coligação «Por Lisboa».

Na minha opinião, a actuação prática das forças que integram a Coligação «Por Lisboa» mostra que este é o voto certo.

Quero ainda salientar que esta é a opção de um lisboeta que se interessa pela gestão da sua cidade. É o voto de quem pensa em Lisboa.



Mário Jorge: Profunda coerência na defesa dos princípios

António Macedo Varela

(advogado, vereador da Câmara Municipal do Porto, mandatário da CDU na cidade do Porto)

O Porto necessita de um projecto renovador e audacioso, que enfrente com energia e dinamismo um presente marcado ainda por problemas básicos não resolvidos, mas que seja simultaneamente capaz de fazer participar a população, de afirmar os direitos democráticos da cidade e da região, e de relançá-la como grande pólo político, social, cultural e do desenvolvimento, em Portugal e na Europa, neste limiar do século XXI. A CDU representa esse projecto

é, mais importante ainda, tem nas suas listas homens e mulheres capazes de o realizar. Pela sua vontade política e abertura aos desafios de um novo tempo que é o nosso. Pelo seu conhecimento dos problemas e pela capacidade organizativa e executiva de que têm dado muitas provas. Pela sua inserção profunda na vida social, económica, cultural, científica e tecnológica e em áreas cujo envolvimento e participação são decisivos. E, sobretudo, porque capazes de estabelecer e dar sentido a um diálogo democrático e a uma convergência ampla de vontades, indispensáveis à construção colectiva, participada, dos caminhos do futuro.



As razões de 49 votos



André Martins

(dirigente e deputado do Partido Ecológico «Os Verdes»)

O meu voto na coligação «Por Lisboa», em primeiro lugar, é um voto na certeza da mudança. Durante os últimos dez anos em que a direita esteve à frente dos destinos deste concelho e desta cidade ficámos com a certeza da incapacidade que as forças do conservadorismo têm a gerir e a administrar um município que se quer de progresso, onde a relação entre os cidadãos e o meio onde vivem e trabalham se processe de forma harmoniosa.

Em segundo lugar, é um voto na competência de uma equipa que tem um projecto para promover um desenvolvimento integrado e participado do município enquanto componente de um território mais vasto que é a Área Metropolitana de Lisboa.



Armando Aldegalega

(atleta do SCP)

Apoio a Coligação «Por Lisboa» desde o início, embora não vote na capital, mas sim em Odivelas, concelho de Loures, onde, como é do conhecimento público, estou com a CDU desde a primeira hora.

É inegável o valor do trabalho autárquico desenvolvido pela CDU em todo o País, em todos os órgãos do Poder Local em que está representada: por exemplo na região de Setúbal, de onde sou natural ou no município de Loures, incluindo a freguesia de Odivelas.

Sem dúvida, a CDU merece o apoio dos lutadores. E eu sou um lutador pela vida. Dentro e fora do desporto.



José Viana

(actor)

Apoio a Coligação «Por Lisboa» porque penso que é necessária uma alternativa de esquerda para a administração de Lisboa, uma vez que a administração de direita não satisfaz.

Apoio a Coligação «Por Lisboa» por razões óbvias resultantes das constantes que determinam a actuação das forças de direita.

Penso que é necessária uma clara unidade de esquerda, não sectária, para a evolução da cidade num sentido positivo e é a Coligação «Por Lisboa» que está em condições de assegurar.



Manuel Alegre

(Poeta)

Primeira razão: fui o primeiro socialista a sublinhar a necessidade de um entendimento com o PCP em Lisboa. Apresentei uma moção ao Congresso do PS nesse sentido. A reconstituição da aliança PSD/CDS veio tornar mais clara a urgência da Coligação Por Lisboa como resposta política e única forma de salvar a capital da desastrosa gestão de direita.

Segunda razão: votarei na Coligação Por Lisboa porque gosto de Lisboa e tenho saudades dela. Há



10 anos Abecasis prometeu que tornaria Lisboa irreconhecível. Prometeu e cumpriu: Lisboa já está irreconhecível. É preciso mudar para que Lisboa volte a ser Lisboa.

Terceira razão: conforme se viu no debate televisivo, Jorge Sampaio tem outra sabedoria, outra maturidade, outro conhecimento e amor de Lisboa. Ao contrário de Marcelo Rebelo de Sousa, Sampaio não brinca com Lisboa.

Quarta razão: para além da garantia democrática que a candidatura de Jorge Sampaio representa, a Coligação Por Lisboa tem a vantagem de assentar numa equipa: o Rui Godinho, o João Soares, o Machado Rodrigues, o Anselmo Aníbal; o Saramago e o José Augusto França para a Assembleia Municipal.

Quem são os vereadores de Marcelo? Quem são os seus candidatos à Assembleia Municipal?

Eis uma razão decisiva: o candidato Jorge Sampaio é melhor; mas a Coligação Por Lisboa é também e sobretudo uma equipa.



Vasco Lourenço

(da Comissão Executiva da Coligação «Por Lisboa»)

Vou votar na Coligação «Por Lisboa» porque considero que as forças de esquerda que a integram devem conquistar a Câmara e modificar o estado de coisas, profundamente negativo, resultante da gestão PSD/CDS em Lisboa nos últimos dez anos.

Considero que a «Por Lisboa» é a solução pragmática - ainda que formada só para Lisboa - para responder à desastrosa gestão autárquica das forças de direita, e espero naturalmente que seja a força vencedora.

Estou confiante de que a Coligação «Por Lisboa» saberá pôr em prática o seu programa a tornar Lisboa numa

verdadeira capital europeia e atlântica, como se propõe no seu plano de acção.

Rogério Paulo

(actor)

À pergunta «por que voto CDU?» poderia apenas responder que, como militante antigo que sou - e com muita honra - do PCP, apoiar a CDU é apenas um acto de coerência. Mas quero dizer mais qualquer coisa.

Quero dizer que a CDU tem demonstrado através dos anos ser a força que mais se preocupa com a população, designadamente a nível cultural. Ainda recentemente estive em Évora, durante 15 dias, a trabalhar para a Câmara Municipal, e vi o carinho com que a gestão CDU trata da cidade.

Quantas Câmaras, por esse país fora, que não as Câmaras da CDU, já construíram teatros, como o fez a Câmara Municipal de Almada ou a Associação de Municípios que deu vida ao Teatro da Malaposta? Estes são apenas alguns exemplos, de forma alguma exaustivos, do que as autarquias CDU têm feito pela cultura em Portugal.

Por isso, e porque toda a minha vida tenho lutado em defesa dos interesses do povo português, só posso votar CDU.

Severiano Falcão

(presidente da Câmara Municipal de Loures e candidato da CDU)

Esta pergunta feita a um eleito que, durante 10 anos consecutivos, também tem sido responsável pela gestão CDU no Município de Loures, é como perguntar aos pais porque é que amam os filhos e tudo fazem para os proteger, mesmo à custa dos maiores sacrifícios.

Em relação às populações, Mulheres, Homens, Idosos, Jovens e Crianças, é desta forma dedicada,

responsável e humana que os eleitos da CDU procedem nas autarquias, quer quando estão em maioria ou em minoria. É por isso que nas autarquias CDU os índices das condições de vida das Populações, de solidariedade social e de defesa do regime e do Poder Local Democrático são incomparavelmente superiores à grande maioria das Câmaras do País, designadamente, as que têm sido geridas pela direita.

Razões existem muitas mais, mas, só por isto, justifica-se, hoje mais do que nunca, que se vote na CDU.



Mário Castrim

(jornalista)

É urgente salvar Lisboa. É urgente limpar Lisboa. É urgente fazer de Lisboa uma cidade respirável. É urgente evitar que a Câmara de Lisboa seja o «eco» do governo de Cavaco Silva — surdo, autoritário, fechado ao diálogo, à crítica, ao respeito pela população, ao amor pelas pedras sagradas que embalam o berço da nacionalidade.

É urgente defender a cor, a luz, esta maneira especial de ser cidade — «lâmpada marinha», como lhe chamou Neruda. É urgente pôr a alegria nos olhos desta «menina e moça» de Ary dos Santos. É urgente ensinar a amar Lisboa, como a amou Cesário Verde e como a viveu Luís de Camões.

Por isso, é urgente votar «Por Lisboa». Por Lisboa, e não por ambição de pessoas que, só pronunciar-lhes o nome de recordações amargas, nos traz uma grande incomodidade. E recordemos outro gran-

de lisboeta, Fernão Lopes: «Acorramos a Lisboa, amigos, acorramos a Lisboa, que a matam!»



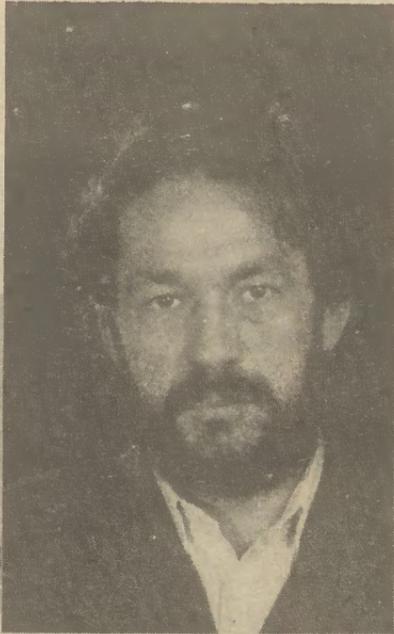
Blasco Hugo Fernandes

(Engenheiro agrónomo, membro do ID)

Lisboa é um exemplo típico de crescimento incontrolado e caótico. A desastrosa gestão do município nos últimos dez anos tem favorecido e premiado o lucro fácil, a especulação fundiária e urbanística, a exploração desenfadada e destrutiva do território, do ambiente e dos seus recursos. Em contrapartida, estão por resolver problemas fundamentais dos que vivem e trabalham na capital, como, por exemplo, o alojamento, os transportes, o acesso aos serviços colectivos, a qualidade de vida. Para bem dos lisboetas, é indispensável pôr cobro a esta situação. A candidatura-Marcelo é uma candidatura de continuidade, embora procure convencer o eleitorado do contrário. É necessário derrotá-la, a favor da coligação «Por Lisboa» que tem, como se sabe, uma mensagem nova e um programa de acção que garante um desenvolvimento harmonioso para servir os lisboetas. Por isso lhe dou o meu apoio. Além disso, a coligação «Por Lisboa» significa um novo estilo de trabalho, a participação e a cooperação de diversas sensibilidades democráticas, políticas e culturais. O que a enriquece e a valoriza, merecendo também por isso o nosso voto.



André Martins: Um voto na certeza da mudança



José Martins: Que outra coisa se poderá fazer?



Frederico Carvalho: Não há outra lista. As outras são listas de espera



Severiano Falcão: Uma forma de proceder dedicada, responsável e humana



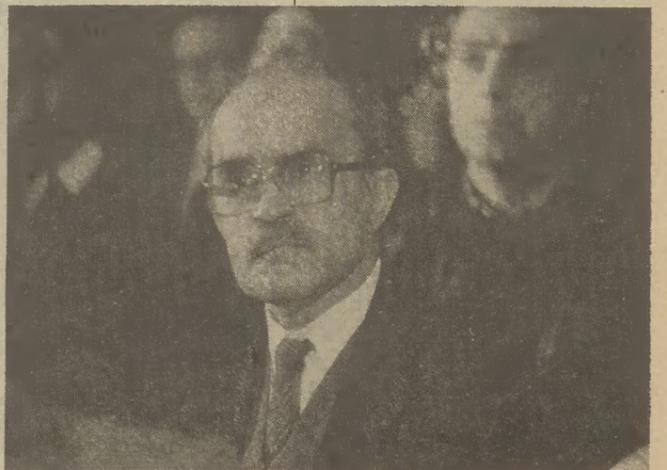
Mário Castrim: «Acorramos a Lisboa, amigos, acorramos a Lisboa, que a matam!»



Helena Bastos: Aqueles que fazem da cidade um espaço solidário e participado



Armando Aldegalega: A CDU merece o apoio dos lutadores. E eu sou um lutador pela vida



Blasco Hugo Fernandes: Um desenvolvimento harmonioso para servir os lisboetas



Vasco Lourenço: Conquistar a Câmara e modificar o estado de coisas profundamente negativo



Rogério Paulo: Quantas Câmaras por esse País fora, que não as da CDU, já construíram teatros?



Manuel Alegre: O candidato Jorge Sampaio é melhor; mas a coligação «Por Lisboa» é também e sobretudo uma equipa

Maria Helena Bastos
(professora universitária)

Voto pelo desenvolvimento do concelho da Amadora. Voto na força política, no presidente e na equipa que tem sido motor desse desenvolvimento, desenvolvimento perspectivado em termos de qualidade de vida da população, como é visível pelo número de creches, jardins de infância, centros de dia instalados e pela dinamização da construção escolar. Voto em quem prossegue uma política cultural, ambiental e desportiva que se caracteriza pelo apoio e estímulo à participação e à criatividade do movimento associativo e da comunidade em geral. Voto em quem elaborou e tem vindo a executar o ordenamento do espaço deste concelho, onde as cicatrizes de crescimento caótico e clandestino ainda são visíveis. Voto na melhoria do tráfego, das condições de higiene e segurança, do sistema de saneamento básico, dos espaços verdes. Em suma voto naqueles que fazem da cidade um espaço solidário e participado. Voto na CDU.

José Martins
(Encenador teatral)

Que outra coisa poderia eu fazer?
Que outra coisa se poderá fazer para que o ilusionismo da mentira deixe de atirar poeira para os olhos da população deste País?

José Alves

(Empregado de escritório, Presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro da Cova entre 1982 e 1987)

Voto na CDU por nesta Coligação se encontrarem as pessoas capazes e interessadas em resolverem os problemas que afligem as populações.

Frederico Carvalho
(investigador científico)

No limiar do século XXI as grandes aglomerações urbanas enfrentam problemas extremamente sérios, de resolução complexa, que reflectem situações de âmbito mais geral, de toda a Humanidade. Têm que ver com uma certa forma de organização da produção e do consumo de bens materiais, orientada no sentido da consolidação do poder, da riqueza e do bem-estar de uma minoria privilegiada, que instrumentaliza de forma eficaz os avanços da ciência e da técnica, não em prol do interesse geral mas nos dos seus interesses particulares. Assim se vai degradando progressivamente o Homem e a Natureza, Habitação, Transportes, Cuidados de saúde, educação, criação e fruição culturais, acompanhamento das crianças e dos idosos, comunicação entre as pessoas, defesa e preservação do ambiente, são problemas à espera de soluções dignas das pessoas que somos. Em Lisboa, como noutra local qualquer, as soluções só podem ser encontradas com os seus

habitantes. Têm de ter em conta os seus interesses e a sua vontade.

No momento em que vamos eleger uma nova Câmara e uma nova Assembleia Municipal, quer dizer, o Governo e o parlamento da cidade, é bom olhar para o Governo e o parlamento da cidade maior que é Portugal. Como falam e como agem os homens que se sentam no Governo e controlam o parlamento? Resolvem os problemas de Portugal com os portugueses, dialogam e procuram consensos, ou servem-nos as suas receitas embrulhadas em papel de Telejornal? «Por Lisboa» e por nós, voto nos homens e mulheres, com e sem partido, que corajosamente, em conjunto, nos propõem trabalho, honestidade e competência, para servir a cidade, connosco, sem passes de mágica. Não há outra lista. As outras são listas de espera.

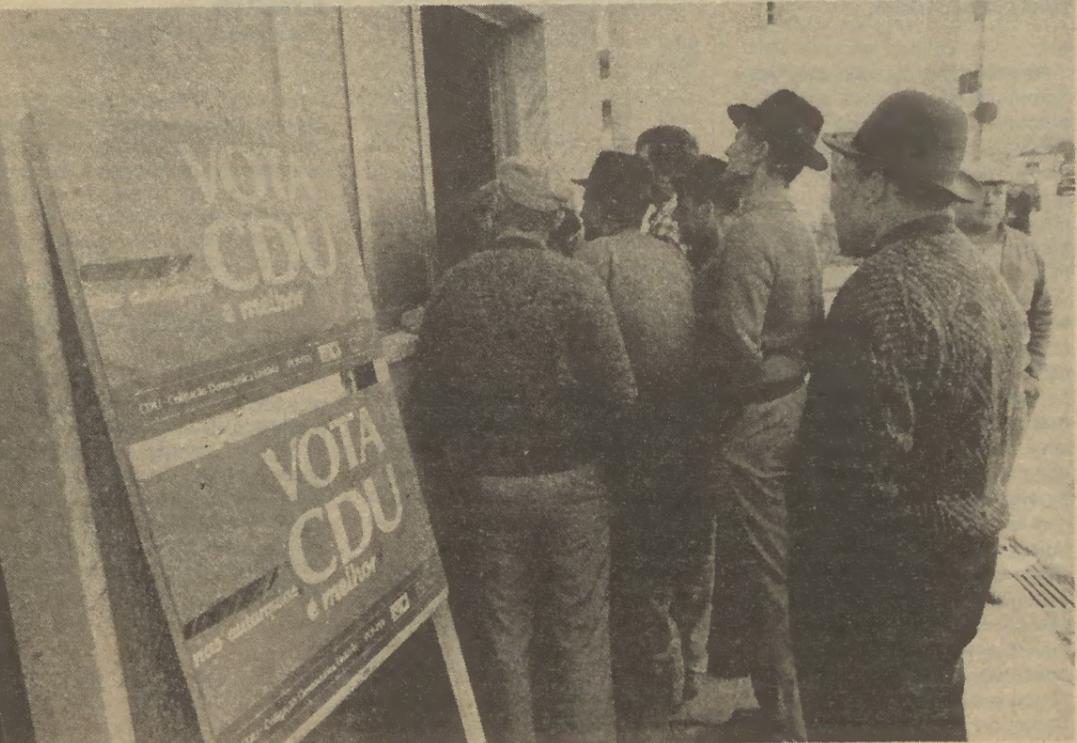
Rui Rafael Mateus Araújo

(actual presidente J.Freguesia da Póvoa de Santa Iria eleito pelo PS)

Como diz o ditado popular a vida traz-nos grandes ensinamentos, por isso estou hoje em condições para reconhecer que os homens e mulheres que constituíram a lista não estavam dispostos para resolver os problemas da Póvoa, porque ao longo de 4 anos pouco ou nada fizeram nesse sentido, deixando muitas vezes o presidente sozinho, o que tornava impossível fazer mais do que aquilo que foi feito.

O eleitor mais atento, e dada a proximidade do acto eleitoral, já se interrogou sobre o futuro político do actual presidente da Junta. Pois bem, decidi vir a público anunciar o meu apoio aos homens e mulheres que compõem as listas CDU porque a experiência que tive nestes últimos quatro anos foi suficiente para reconhecer a capacidade, a honestidade e a competência dos eleitos da CDU.

As razões de 49 votos



Jorge Américo Rodrigues de Paiva

(independente, professor convidado da Faculdade de Farmácia, investigador na Faculdade de Ciências-Instituto Botânico, Coimbra)

«Apoio a candidatura aos órgãos municipais de Coimbra, não só pelos seus candidatos, que me merecem toda a confiança, como porque o seu programa é do meu agrado.»

Alberto Augusto Miranda

(músico)

Enquanto o Amadeo de Souza-Cardoso pintava a sua cozinha de Manhufe, Teixeira de Pascoais ia-lhe explicando o porquê da sua «Águia» e do seu saudosismo olhando para as misteriosas e falantes árvores, descobrindo novos signos que o Saussure ou o Chomsky nunca saberiam aplicar.

«Vês, Amadeo, é preciso ter saudade; este luaredo que agita os ramos e torna as folhas e os arbustos impressionistas, dentro de alguns anos só terá pedra para iluminar e é preciso ter saudade enquanto a alma resiste ao fogo que desbastará estas poesias de tronco verde.»

Amadeo não o escutava tal era o seu deslumbre pela procissão magnífica e espectacular que atravessava a cidade com seriedade pançuda, acompanhada de coros canónicos que inviabilizavam o ouvido para as melopeias puras e desconhecidas das tunas de Menezes ou Carvalhais ou Campeã.

É que a música, dizia Otilio Figueiredo parafraseando Verlaine, está antes de tudo.

Era, pois, necessário que tivesse havido uma música que não servisse de ladainha aos folclores aturizados de Trás-os-Montes.

Votar na CDU é, portanto, o voto na «saudade do futuro», um voto na expansão da música, embora o céu se mostre carregado e nós não saibamos sobre quem disparará.

Gaspar Martins

(bancário, membro da Comissão de Trabalhadores do Banco Espírito Santo e do Conselho Geral do Sindicato dos Bancários)

Tenho reparado ao longo da minha existência que a Câmara do Porto nunca teve pessoas competentes à sua frente. O fascismo fazia isso deliberadamente, com receio de que a cidade, dadas as suas potencialidades, pudesse ultrapassar a capital do império. Infelizmente, mesmo depois do 25 de Abril, com o regime democrático, esse anátema manteve-se. Os portuenses nunca tiveram um Poder Local à altura. É a vez agora de testarem a CDU e de verem que é diferente a gestão CDU.



Urbano Tavares Rodrigues

(escritor)

Voto na Coligação «Por Lisboa» por três ordens de razões.

Em primeiro lugar, porque ela apresenta um programa idêntico, viável e profundamente enraizado nas realidades da cidade, com o conhecimento das suas carências e com projectos de futuro. Um programa para salvar Lisboa do estado em que a deixaram dez anos de gestão Abecasis, quase unanimemente reconhecida como calamitosa.

Em segundo lugar, por ser uma coligação de esquerda, isto é, por definição, na linha da esperança e da verdade.

Em terceiro e último lugar, por causa dos nomes que a encabeçam e que, sem espectacularidade personificadora, são garantia de inteligência, devoção ao trabalho e seriedade de processos.



Albano Lemos Pires

(Membro da Comissão Concelhia do Porto do PRD/Partido Renovador Democrático, candidato da CDU à Assembleia Municipal do Porto)

Durante os mandatos do Presidente Eanes, este defendeu sempre o acesso de listas de independentes a todas as autarquias, com vista a acabar com o monopólio dos partidos neste sector.

Posteriormente, aquando da sua formação, o PRD assumiu a posição de apoiar, como forma de contornar as limitações da lei, aqueles que, qualquer que fosse o Partido pelo qual tivessem sido eleitos, se tivessem destacado pelo seu trabalho em prol do Poder Local.

É nesse contexto que surge o meu apoio à candidatura do Eng.º Luiz Oliveira Dias à Presidência da Câmara do Porto.



Francisco Louçã

(Secretário-geral do PSR)

A Coligação «Por Lisboa» representa uma novidade no panorama tradicional do sectarismo da esquerda portuguesa. Pela primeira vez desde o 25 de Abril, as forças fundamentais da esquerda reuniram-se e resolveram ganhar e administrar juntas uma cidade, fazendo dessa gestão um exemplo e uma ruptura com a década abecassiana. Seria razão suficiente para que esta coligação despertasse a curiosidade; acrescente-se-lhe então uma razão necessária para a apoiar — a mudança da relação da Câmara com as populações, favorecendo a mobilização de base para a resolução dos problemas concretos — e ficar-se-á com uma demonstração feita das vantagens deste confronto polarizado entre a esquerda e a direita. Faz falta uma vitória da esquerda que agite o charco do cavaquismo.



Vasco Granja: Uma actividade importante para engrandecimento do concelho



Francisco Louçã: Faz falta uma vitória da esquerda que agite o charco do cavaquismo



Fernando Lopes: Uma equipa, quer em termos de variedade política, quer em termos de responsabilidade cultural



Artur Ramos: Um conjunto de homens sérios contra um aventureiro político



Natália Correia: Observe-se que, no Mundo, à direita nada de novo



Herberto Goulart: Um conhecimento profundo das grandes aspirações do povo do concelho de Loures



Vasco Gonçalves: Porque reúne os dois grandes partidos democráticos que foram capazes e souberam elaborar em comum o programa de acção de que Lisboa necessita



Urbano Tavares Rodrigues: Uma coligação de esquerda, isto é, por definição, na linha da esperança e da verdade



Henrique Viana: Nunca poderia apoiar um candidato que mergulha a cabeça num cano de esgoto



Fernando Lopes

(realizador de cinema)

Apoio a coligação «Por Lisboa» porque, como dizia o Jorge Sampaio no comício do Pavilhão Carlos Lopes, depois da catástrofe Abecasis, ou seja PSD/CDS, Lisboa, para mudar, precisa não de um homem providencial (o que é sempre uma má solução em democracia) mas de **uma equipa:** neste caso, a coligação «Por Lisboa» com Jorge Sampaio, José Saramago e Rui Godinho, para citar apenas estes. Uma equipa, quer em termos de variedade política, quer em termos de responsabilidade cultural.

Ao contrário do candidato do PSD/CDS, herdeiro dos desmandos abecasianos, representante de futuros interesses especulativos que têm, aliás, sido pouco evocados nesta campanha para surpresa minha, a coligação «Por Lisboa» não quer meter o Rossio na Rua da Betesga, mas propõe, pelo contrário, uma acção responsável e não demagógica para devolver Lisboa aos lisboetas.

É por isso que desde o primeiro momento apoio a coligação «Por Lisboa» até porque já era tempo que a esquerda percebesse o que a une, em defesa dos cidadãos, em vez de se deixar enredar nas intrigas da direita — **et pour cause** — lhe tem lançado.



Artur Ramos

(realizador)

Comparando os programas e as personalidades das duas forças concorrentes saltam à vista numerosas razões concretas para votar (e ajudar a votar) na coligação «Por Lisboa». Por exemplo:

— Ela apresenta um **conjunto de homens sérios** enquanto o adversário se protagoniza **num aventureiro político** que durante toda a sua carreira não tem olhado a meios para satisfazer as suas ambições pessoais;

— Ela propõe um **programa coerente** elaborado por quem há muito lida com os problemas de Lisboa, enquanto o adversário trombeta **medidas demagógicas** inventadas por propagandistas publicitários;

— Ela **rompe com o abecasis** que tornou Lisboa horrenda e inabitável, enquanto o adversário se apoia nos **abecasis** de vária cor que só têm em comum o desejo de continuar a explorar desenfreadamente em proveito próprio os recursos de uma cidade que é de todos.



Henrique Viana

(Actor)

Apoio a Coligação Por Lisboa por três razões:

1.ª — Porque me parece que o programa da Coligação Por Lisboa é o que merece mais confiança;

2.ª — Porque a equipa que rodeia o dr. Jorge Sampaio é a que merece maior confiança;

3.ª — Porque nunca poderia apoiar um candidato que mergulha de cabeça num cano de esgoto.



Natália Correia

(Poetisa)

A razão do meu apoio à Coligação «Por Lisboa» é de ordem mais cultural do que política.

Nesta época em que a queda de fronteiras e muros só reflecte a diluição de demarcações ideológicas submergidas pela ditadura do económico, é ainda na esquerda que eu encontro uma pequena margem para fundar uma nova linguagem que crie uma outra cultura política.

A corroborar o que eu digo, observe-se que, no Mundo, à direita nada de novo. Os ventos da mudança sopram de Leste. Esperemos que não para imitar os corroidos modelos ocidentais, mas para traçar a tão desejada terceira via de uma sociedade alternativa.



Vasco Gonçalves

(general na reserva)

A razão por que voto na Coligação «Por Lisboa»?

Porque é necessário que sejam abertas novas perspectivas na vida da cidade e dos cidadãos após 10 longos anos de política de direita (e dos interesses que ela representa) praticada pela presidência da Câmara Municipal.

Podem dizer-se que, no fundamental, são hoje mais graves do que há 10 anos os problemas para cuja solução urge trabalhar a fim de melhorar a vida da grande maioria dos cidadãos, na medida em que os condicionamentos e os estímulos da vida cívica, da mais variada ordem, podem influenciar, e influenciam realmente, o nível global de vida das pessoas. Exemplos: o que há a resolver quanto a habitação, urbanização, equipamentos de apoio social, espaços verdes, transportes, trânsito, interdependências dentro da Área Metropolitana de Lisboa, localização do investimento comercial e industrial, horários de trabalho, actividades das associações recreativas, desportivas e culturais, política cultural, poluição, defesa do meio ambiente, segurança dos cidadãos, etc., etc.

Voto na Coligação «Por Lisboa» porque dela faz parte a CDU, de seguras provas dadas de bom trabalho nas suas autarquias, com um conjunto de candidatos por Lisboa profundamente conhecedores dos problemas da cidade e da sua resolução.

Voto «Por Lisboa» porque a Coligação reúne os dois maiores partidos democráticos que foram capa-

zes e souberam elaborar em comum o programa de acção de que a cidade de Lisboa necessita.

Vasco Granja

(crítico cinematográfico)

Voto CDU porque a Câmara Municipal da Amadora, aos meus olhos, representa uma actividade muito importante para o engrandecimento do concelho.

Tudo o que tem sido feito até agora merece o meu respeito e entendo que todos aqueles que estão envolvidos na acção de melhorar as condições de vida no concelho da Amadora merecem ser apoiados.

Herberto Goulart

(economista, membro da ID)

Integrar as listas CDU (como o faço em Loures, como membro da **Intervenção Democrática**) é uma clara manifestação de apoio à CDU e tem a ver com o reconhecimento do trabalho extremamente positivo feito pela maioria CDU nas autarquias do concelho de Loures.

Actuando no sentido do desenvolvimento sócio-cultural e económico do concelho, a actividade da CDU reúne, entre outras, duas características fundamentais: a larga participação das populações e a honestidade, competência e dedicação que os eleitos da CDU têm posto no desempenho do seu trabalho.

Considero que o programa da CDU responde com um conhecimento muito profundo às grandes aspirações do povo do concelho de Loures.



As razões de 49 votos



Rogério Fernandes (professor)

Em primeiro lugar, voto CDU porque nas autarquias onde os comunistas e os seus aliados estão em maioria a vida se transforma para melhor no que depende deles, ao mesmo tempo que praticam os mais democráticos processos de trabalho. Tais processos passam pelo enlace deliberado e estreito com as populações, não apenas no sentido de identificar a sua forma de ver e solucionar os problemas que as afectam mas sobretudo de assegurar sistematicamente a sua intervenção participativa e criadora na gestão autárquica. Este espírito de diálogo e de consenso responsáveis alarga-se aos eleitos das demais forças políticas. Noventa por cento das deliberações tomadas nas autarquias CDU foram-no por unanimidade.

Em segundo lugar, penso que os comunistas e os seus aliados demonstram no dia-a-dia que o dinamismo do seu trabalho recusa qualquer dirigismo. Eles provam na prática a sua excepcional capacidade para cooperarem lealmente com as outras forças políticas em ordem a elevar o nível do bem-estar de todos.

Terceiro motivo porque julgo necessário votar CDU reside na positiva experiência autárquica e na competência dos seus eleitos, na honestidade escrupulosa de que têm dado provas e na disposição, sempre demonstrada com firmeza, para rectificarem o que for necessário onde e quando necessário.

Por fim, direi que votar CDU é defender o Poder Local democrático contra a prepotência e arrogância dos Partidos da direita. Os comunistas e os seus aliados têm sabido dar conteúdo concreto e cada vez mais profundo a esse traço fundamental do Portugal de Abril.

José Jorge Letria

(jornalista)

O sentido do meu voto, nestas eleições autárquicas, é ditado, não só por razões de ordem política, mas também de ordem moral. Penso que nas forças que integram a coligação, e consequentemente nas suas listas, se encontram as pessoas mais competentes, dedicadas e experientes, as que têm do exercício do poder Local um entendimento mais sério, eficaz e rigoroso. Década e meia de trabalho autárquico responde por elas.

No caso do concelho de Sintra, onde exercerei o meu direito de voto, a escolha só pode ter esse sentido. E espero que, a nível nacional, também prevaleça essa visão.

Onde o Poder Central teima em falhar, em estar ausente, em ser omissivo, é o Poder Local que, nas mãos certas, tem que mostrar o que pode e o que sabe.



Carlos Paredes

(Músico)

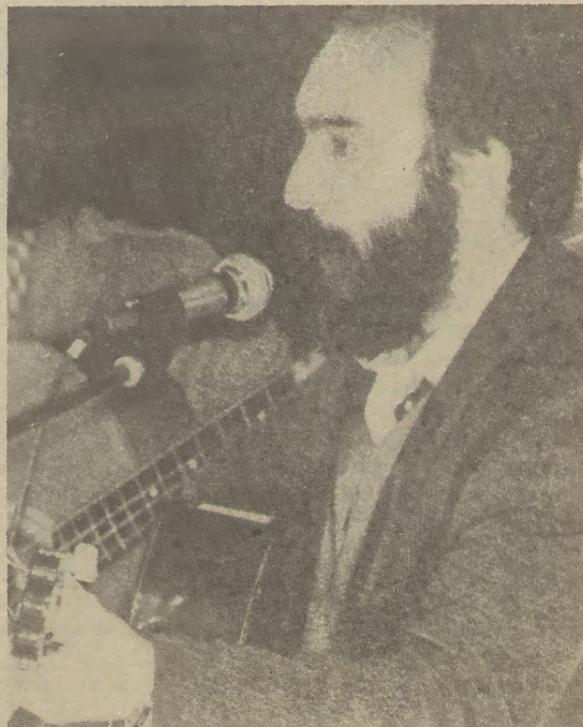
Conheço bem as pessoas que concorrem e que me merecem toda a confiança. Estão interessadas, como eu e como a população em geral na resolução dos numerosos e difíceis problemas que a cidade coloca. Por isso, vou votar na Coligação Por Lisboa como uma forma de, no futuro, voltar a recuperar a comidade que para mim foi a vida cidadã, a vida da Lisboa.



Carlos Paredes: Os difíceis problemas que a cidade coloca

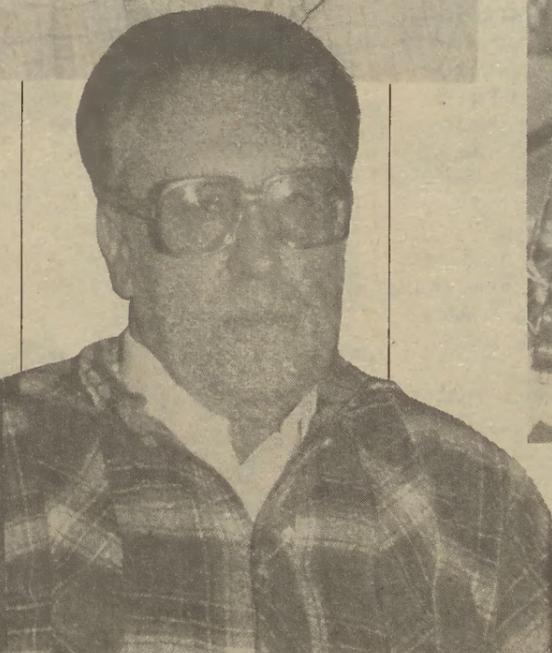


José Ernesto Cartaxo: Boas razões para os trabalhadores fazerem o mesmo

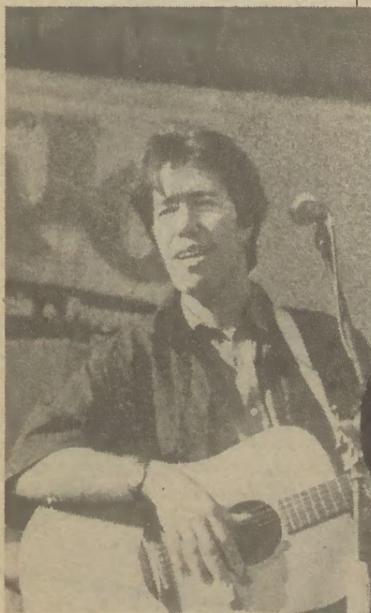


José Jorge Letria: Não só por razões de ordem política, mas também de ordem moral

Jorge Lima Barreto: Concretizar aspirações de bem-estar e progresso cultural



Rogério Fernandes: Porque a vida se transforma para melhor



Sérgio Godinho: A melhor prenda de Natal e sobretudo de Ano Novo



Herculano Pombo: Um voto de confiança no projecto da CDU a nível de autarquia



Vidigal Amaro: Para continuar e aprofundar um trabalho

Herculano Pombo

(dirigente e deputado do Partido Ecológico «Os Verdes»)

O voto na CDU, o meu voto, não corresponde a uma escolha entre várias opções possíveis mas sim a uma atitude de coerência no sentido de dar continuidade a um trabalho já empreendido e de alargar as perspectivas a que é legítimo aspirar em face dos resultados obtidos anteriormente.

No fundo, trata-se de um voto de confiança no projecto da CDU a nível da autarquia.

com a política de direita do Governo PSD/Cavaco Silva;

3.º — Porque a CDU representa um amplo projecto de unidade e participação popular, elementos imprescindíveis à defesa do regime democrático e à construção de um futuro de progresso e de justiça social.

É por isto que apoio e voto CDU e penso serem boas razões para os trabalhadores fazerem o mesmo.

Vidigal Amaro

(Médico, cabeça de lista CDU para a CM de Portel)

Conheci o concelho de Portel nos finais dos anos 60. Aqui, nessa data, se fazia sentir bem o que era a exploração e a falta de liberdade impostas pela ditadura fascista. Grandes capitalistas e agrários eram detentores de milhares e milhares de hectares. Os coutos e aramados para a caça eram privilégio dos agrários e dos políticos que os sustentavam.

O operariado agrícola com trabalho sazonal vivia na maior miséria. Saúde e educação não haviam. Morria-se de «ataques de lua». Os óbitos eram passados pelo regedor e pessoas havia que nunca foram vistas por um médico. A mortalidade infantil era enorme. O analfabetismo atingia valores dramáticos. Apenas cerca de 1/4 da vila de Portel e uma aldeia (Vera Cruz) possuíam rede de água e esgotos. As restantes seis freguesias abasteciam-se de água de poços, não tratados, e duas havia quem nem sequer eram electrificadas.

Mas também nessa data tomei conhecimento do povo deste concelho. Da sua vontade férrea da transformação de Portel num concelho melhor, da sua luta pelo direito ao

trabalho, da sua ânsia de liberdade e de construção de um futuro melhor para os seus filhos e netos.

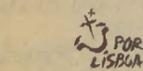
Foi por isso que em 75 vim viver para Monte Trigo, uma aldeia do concelho de Portel. Concorri para o lugar de delegado de saúde, que ocupei nesse ano.

Como médico e nesse cargo tive oportunidade de aprofundar o conhecimento real do concelho e ajudar o Poder Local a modificá-lo radicalmente.

Hoje e apesar dos ataques constantes à Reforma Agrária, do congelamento das obras do Alqueva, do

não cumprimento da lei das Finanças Locais, a obra realizada pelos sucessivos mandatos de eleitos da CDU é bem visível.

É para continuar e aprofundar esse trabalho que assumo a tarefa para que o colectivo do Partido me propôs.



Sérgio Godinho

(Cantor)

A vitória de Jorge Sampaio e da Coligação «Por Lisboa» é a melhor prenda de Natal e sobretudo de Ano Novo que os lisboetas, de nascença ou de adopção, podem oferecer a si próprios.

José Ernesto Cartaxo

(dirigente da CGTP-IN, candidato na lista CDU à CM de V. Franca de Xira)

Apoio a CDU por três razões fundamentais:

1.º — Pelo meritório trabalho desenvolvido nas autarquias pela melhoria da qualidade de vida e do bem-estar social das populações;

2.º — Porque, com uma obra que fala por si, a CDU é uma força política que dá garantias de contribuir consequentemente para a resolução dos inúmeros problemas económicos e sociais que se têm agravado

Com o Porto, em mesa-redonda Dar mais força à CDU

A CDU foi em 1985 uma importante força eleitoral no Porto, obtendo 19% dos votos para a Câmara Municipal, 20% para a Assembleia Municipal, 21% para as assembleias de freguesia, com apenas menos 4350 votos que o PS.

Para a CDU o mandato 1985/1989 representou quatro anos de trabalho notável nos órgãos autárquicos, na resolução dos problemas das populações e nas mais diversas esferas da vida da cidade, ganhando uma imagem de trabalho, honestidade, competência e capacidade de execução, diálogo e abertura.

A CDU tem uma presença activa e permanente de apoio à luta das populações (habitação, despejos, tarifas de energia eléctrica, etc). O ambiente que se vive é de grande confiança, há uma actividade muito intensa de visitas, contactos, debates, comunicação social, propaganda.

É necessário dar mais força à CDU — tal é a palavra de ordem que anima toda a actividade.

Daí esta conversa com os seis primeiros candidatos à Câmara Municipal do Porto: **Luiz Oliveira Dias**, candidato à Presidência da Câmara, **Emílio Peres**, **Lusitano Correia**, **Helena Medina**, **Ricardo Figueiredo** e **Vieira Mendes**.

Avante! Agora que estamos quase no fim da campanha eleitoral, qual a vossa opinião sobre o trabalho realizado.

Luiz Oliveira Dias: Nenhum do trabalho que faço na campanha é novo para mim. O contacto com a população, a procura de soluções para os inúmeros casos da vida da cidade, a discussão colectiva de um texto ou de um cartaz que se vai editar, o esforço tremendo para que o tratamento desequilibrado de alguns sectores da comunicação social prejudique o mínimo possível... Mas agora tudo se passa com um ritmo vertiginoso, quase sem tempo para viver um abraço de solidariedade ou um olhar de confiança de quem tem vindo a percorrer caminhos de dificuldade.

A campanha é uma rota que se percorre com todas as componentes que a vida nos dá. É um trabalho que faz convergir inúmeras vontades, numa dedicação quase sem limites.

A nossa campanha tem um grande apoio da população. A CDU no Por-

to conta de facto com o respeito e a admiração dos munícipes.

São já muitos anos de rigor no trabalho, de dedicação e de acerto. É natural que tudo isso produza frutos de certeza no futuro. É garantidamente já a maioria os que dizem que somos os melhores, embora metade desses ainda acrescenta que, apesar disso, não votará em nós... A votação emblemática tem um peso enorme numa grande cidade e no Porto está a retardar a opção por quem já se tem consciência de que resolveria os problemas.

O Porto, com a sua beleza e austeridade, vive ainda mergulhado num imobilismo que é preciso sacudir. A habitação, o trânsito, a qualidade de vida e a cultura são os grandes temas.

Claro que todos afirmam que os resolverão, mas, logo à partida, se sentem as diferenças. No PSD pesa a submissão ao Poder Central, o que tem o risco de contaminar o município com mazelas equiparadas às que são visíveis no Governo. O PS no Porto arrasta uma tradição de



Vieira Mendes, Oliveira Dias, Helena Medina, Ricardo Figueiredo e Lusitano Correia

trabalho autárquico medíocre e cinzento. Procura, nos períodos eleitorais, através de campanhas caríssimas, fazer brilhar um candidato que, neste caso, até é de importação.

Todavia, o PS perde, nos Bairros, na Zona Histórica, em muitos sectores laborais, muito do apoio que chegou a ter. O CDS tem sobretudo os votos que o seu cabeça-de-lista, o actual presidente da Câmara, conseguiu atrair. Mas o seu número tem o escasso limite dos que estão satisfeitos com a cidade tal como tem vindo a ser.

A CDU e os seus candidatos apresentam as melhores propostas e go-

zam de justo prestígio. Vamos avançar, na cidade e nas freguesias. A nossa sigla «Pelo Porto» é genuína, traduz mesmo a nossa determinação.

Estamos, de mangas arregaçadas, prontos a trabalhar mais quatro anos pelo Porto.

Avante! Na campanha eleitoral tem havido uma certa polémica em relação à aprovação do Plano Geral de Urbanização e, recentemente, em torno do projecto para o Imóvel do «Primeiro de Janeiro».

Ricardo Figueiredo: É um exem-

plo típico e oportuno de como as promessas estão tão longe da prática política de alguns partidos.

Como é conhecido, a Assembleia Municipal do Porto aprovou na generalidade, e agora está a concluir a aprovação na especialidade, o Plano Geral de Urbanização, também já aprovado integralmente pela Câmara Municipal do Porto e que constitui, apesar das suas insuficiências, um instrumento de grande importância e valor para a cidade.

Elaborado ao longo dos últimos 10 anos, o PGU traça as grandes linhas de desenvolvimento harmonioso da cidade e constitui um poderoso travão à especulação imobiliária e dos solos.

Seguramente por isso há a contestação de diversos sectores ligados aos grandes empreendimentos de construção civil e aos grandes grupos económicos. O PS e os seus eleitos municipais, seguindo a orientação expressa publicamente pelo Dr. Fernando Gomes, têm tomado recentemente posições de oposição na discussão e aprovação do PGU na Assembleia Municipal.

A decisão, que a CDU vai impugnar, foi tomada por maioria com os votos do PS (exceptuando uma vereadora), do CDS e de membros que integram agora as listas do CDS, na reunião extraordinária da CMP do dia 24 de Novembro. A viabilização do Projecto para o imóvel onde se situa «O Primeiro de Janeiro», na Rua de St.ª Catarina, propriedade da SONAE, cujo presidente é o eng.º Belmiro de Azevedo, é um exemplo concreto de descaracterização da cidade e um erro urbanístico grave, de valorização ilegítima de um imóvel, favorecendo objectivamente a especulação imobiliária.

A autorização agora concedida fere o regulamento de aplicação do Plano Director Auzelle e o novo Regulamento Urbanístico. O volume da construção corresponde a um coeficiente de ocupação do solo de mais de 17 metros cúbicos, por metro quadrado, que é mais do triplo do que é justo autorizar para a zona onde se situa.

Tal como noutras matérias, e talvez até particularmente nesta, não bastam promessas. É necessário avaliar a vontade concreta de cada força

UMA EQUIPA PELO PORTO

CDU - Coligação Democrática Unitária PCP-PEV





para combater a especulação e promover o desenvolvimento harmonioso do Porto. E só a candidatura da CDU dá garantias neste terreno.

Avante! Têm realizado na pré-campanha e na campanha eleitoral um contacto muito directo com a população da cidade. Que problemas consideram mais graves?

Vieira Mendes: Há muitos problemas para resolver que afectam profundamente a vida das pessoas (energia eléctrica, trânsito, meio ambiente, ensino, saúde e o próprio funcionamento da Câmara). Mas sem dúvida que a habitação é o problema número um. No Porto 45% das famílias estão mal alojadas e faltam 40 mil casas.

Hoje sente-se um grande descrédito em relação a este problema. O Governo PSD prometeu, em 1987, 6 mil casas para o Porto e apenas foram entregues 100. Não há apoio às cooperativas de habitação e às associações de moradores. O candidato do PS à Presidência da Câmara do Porto foi secretário de Estado da Habitação durante mais de dois anos, não construiu nenhuma casa no Porto e é o responsável pela lei do aumento das rendas. O PS teve o pelouro da Habitação na Câmara nos últimos 4 anos e nada resolveu, tudo agravou.

Nós propomo-nos a agarrar com toda a energia este problema e concretizar um plano de emergência que conduza à resolução do grave problema habitacional no Porto, de-

fendendo a construção de habitação social, a recuperação do parque habitacional, o apoio às cooperativas e associações de moradores, a dinamização e alteração radical do funcionamento do CRUARB e a aplicação de medidas imediatas em relação aos bairros camarários, onde vive 20% da população da cidade,

nomeadamente suspendendo os aumentos ilegítimos das rendas de casa, aplicando a todos os moradores dos bairros um critério justo e transparente e resolvendo no prazo de 6 meses as situações mais graves de superlotação.

Avante! O Vieira Mendes referiu há pouco que o problema dos SMGE e das tarifas de energia eléctrica é um dos problemas mais sentidos no Porto...

Lusitano Correia: Sem dúvida. A usurpação e a ocupação ilegal dos SMGE por parte da EDP e do Governo Cavaco Silva, o caos que a EDP gerou nos serviços, as facturas elevadíssimas criaram um sentimento de revolta e de justa indignação e, em muitos casos, particularmente nos 25% da população mais carenciada, situações de autêntico desespero.

O PSD e o PS tiveram sempre, como partidos, uma posição coincidente e frontalmente contrária aos interesses dos portuenses.

O PS e o PSD defenderam sempre que ao Porto devia ser imediatamente aplicado o tarifário nacional (agora já em 11\$56). São amplamente conhecidos os esforços dos dirigentes do PS e de Câmaras do PS, com particular destaque para a Câmara de Matosinhos, para isolar o Porto; as múltiplas declarações contra o que chamavam «a situação privilegiada e inaceitável» do Porto; o telegrama de Narciso Miranda a Mota Pinto, reclamando a sua intervenção para obrigar a cidade a cumprir a «lei»; etc. Como também são conhecidas quer a actuação dos sucessivos governos, com destaque para o Governo PSD/Cavaco Silva, quer as posições da Comissão Distrital do Porto do PSD e de inúmeros eleitos do PSD.

O PS e o PSD são ambos responsáveis pelo preço elevadíssimo da energia eléctrica.

O PS e o PSD defendem também a entrega do abastecimento de gás ao capital privado, privando assim os munícipes do controlo dos preços dum bem essencial.

A CDU esteve sempre ao lado da população e as pessoas sentem isso.

Avante: Esta campanha tem representado um grande esforço para os candidatos e apoiantes da CDU...

Helena Medina: A nossa cam-

panha desdobrou-se em várias frentes e foi a continuação do nosso trabalho de massas, de contacto íntimo com as organizações populares e instituições e com a população e dando também uma particular atenção à comunicação social. Além de um conjunto de iniciativas municipais e de freguesia e das campanhas específicas da juventude e das mulheres, esta com um particular dinamismo, realizou-se um importante trabalho de divulgação da CDU, do seu símbolo, da sua sigla e das suas propostas. Todas as 15 freguesias apresentaram o seu programa e os seus candidatos à população. No plano municipal as propostas da CDU foram centradas em dois documentos de grande tiragem — «O

tado, mas sem verem que há alternativa, que têm que dar força à CDU. E conversando sempre, dando informações úteis para que as pessoas possam pensar e avaliar. Nos Bairros, nas Ribeirinhas e zonas mais populares há uma efectiva deslocação de votos do PS e do PSD para a CDU.

Temos procurado mostrar às pessoas que não devem ir em promessas nem em «clubites», que é necessário ver a prática das pessoas, o que fizeram o PS, o PSD e o CDS na Câmara e nas Juntas, quem são os cabeças-de-lista e qual o trabalho da CDU.

A CDU apresenta-se com uma grande e prestigiada equipa pelo Porto, incluindo elementos do PSR,



que vai mudar no Porto se a CDU ganhar a Câmara» e «Os Direitos do Porto». Editaram-se documentos específicos sobre a habitação e sobre o trânsito, divulgaram-se os compromissos da CDU em relação aos moradores dos Bairros e em relação aos SMGE, tarifas e gás. Avançaram-se importantes compromissos no campo da cultura. E distribuímo-los mão a mão, nem um documento para o chão — nas ruas, nos mercados, na casa das pessoas. E não apenas nas caixas de correio, mas entregando e conversando, uma a uma, com milhares de pessoas, ouvindo o seu apoio à CDU, ou a sua descrença na resolução dos problemas, muitas e muitas pessoas fartas de promessas e desiludidas, pessoas muito descontentes com os partidos em que tinham vo-

do PRD, da UDP, militantes do PS, além de 30% de independentes.

Dar força à CDU para resolver os problemas — é uma ideia que ganha muito apoio. E isto apesar da intensa campanha de intoxicação da opinião pública, da discriminação nos meios de comunicação social, com particular destaque para a RTP, CP e JN e da manipulação sem limites das pseudo-sondagens. Podemos afirmar que foi feito e na maioria das freguesias em continuidade com o nosso trabalho de anos profundo de contacto com a população, de ligação maior à vida e aos problemas, mas também para o futuro do partido, dum partido que queremos cada vez mais ligado às massas e vivendo dia a dia os seus problemas e as batalhas pela sua resolução. ■

Cultura artes e ambiente



Emílio Peres

Emílio Peres falou-nos das propostas da CDU para as artes, a cultura e o ambiente no Porto:

As questões do ambiente (a recuperação do nosso rio Douro), ensino e cultura interligam-se no programa CDU.

No que respeita às soluções que preconizamos, avulta a criação do pelouro do Ambiente e Qualidade de Vida para integrar e resolver todas as questões que interessam ao Porto, sejam de resolução privada, camarária, regional ou estatal.

E a questão do rio Douro passa também pela reordenação da margem conforme as ideias do Arq.^o Siza Vieira, o que levará a população a habitar e fruir o rio.

Quanto à cultura e artes, temos soluções para incentivar e apoiar todas as manifestações valiosas da cultura e das artes, tanto populares como eruditas, no âmbito da investigação, da criação, da apresentação pública, da formação, da edição, etc. Tendo em vista reafirmar o Porto como grande pólo de criação e exibição cultural e artística e centro de ideias. Nomeadamente, desejamos:

— Criar o Museu da Cidade; activar os museus camarários e desenvolver neles o serviço educativo.

— Promover e apoiar a realização da Bienal de Artes Plásticas do Porto, de um Festival de Música de Verão e de um Festival Folclórico, apoiar o Festival Internacional de Música, o FITEI e o Fantasporto, o Salão de Banda Desenhada e outros;

— Criar o Conselho Consultivo do Teatro Rivoli com a participação de entidades e agentes culturais da cidade, com um programa continuado de manifestações de qualidade adequadas ao espaço;

— Impulsionar a aquisição do Teatro S. João e transformá-lo num grande pólo cultural;

— Solucionar a carência de espaços cénicos para as companhias de teatro radicadas no Porto;

— Promover a colaboração sistemática com a Universidade do Porto para estudos e projectos que interessam à cidade e à região e para a utilização recíproca de equipamentos, nomeadamente o Planetário e os Museus e a Biblioteca Municipal. ■

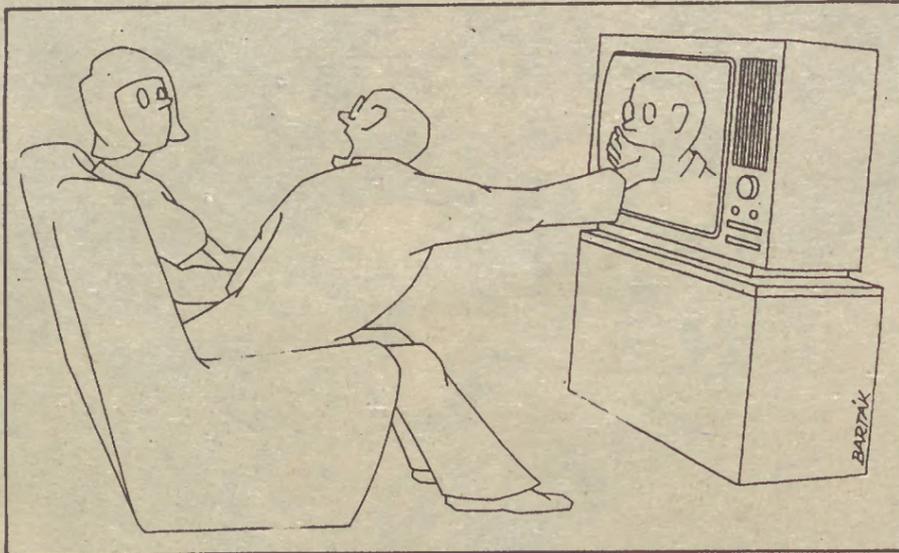
Uma questão de petróleo

A comunicação social trouxe esta semana a público que a Austrália e a Indonésia concluíram um acordo para a exploração conjunta das riquezas do mar de Timor. Este verdadeiro tratado de tordesilhas implica a divisão desta área do povo maubere em três partes, cuja riqueza segundo algumas estimativas oficiais ronda o bilião de barris de petróleo, sendo este valor sete vezes superior em estudos privados. Desde que as negociações começaram com as autoridades de Camberra, a Austrália começou a fazer ouvidos de mercador em relação à autodeterminação do povo maubere. E continuou, fechando também os olhos, quando a contestação de manifestantes obrigou os seus ministros e os homólogos invasores a interromperem uma conferência de imprensa conjunta para anunciar a consumação do roubo. Foi certamente por temerem alguma interrupção que as partes decidiram fechar o negócio a bordo de um Boeing 707 da Força Aérea australiana, longe da tal «minoría» timorense descontente com a integração na Indonésia.

A demora de Cavaco

A campanha para as autárquicas agora a terminar foi fértil em episódios curiosos. Um deles foi sem dúvida o tardio apoio público de Cavaco Silva à candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa à Câmara de Lisboa. Finalmente e depois de fazer quase desesperar o candidato, que entretanto se desdobrava em entrevistas afirmando que não queria «violentar» o primeiro-ministro, Cavaco lá apareceu no Parque Mayer a dizer que Lisboa precisa de uma liderança «dinâmica, ousada e combativa». Nisto estaremos todos de acordo, mas que seja o candidato do PSD a reunir estas qualidades... certamente que mesmo Cavaco terá interrogado os seus botões. Razão, quiçá, da demora? Contudo, lá acabou por se

convencer. Recordou os buracos nas ruas, os engarrafamentos, as demolições, as barracas e várias outras realizações da gestão de direita ao longo dos últimos anos e daí concluiu que Lisboa mergulharia na



«insegurança» caso a vitória da coligação «Por Lisboa» se concretizasse. Absoluta lógica, na verdade...

O grande obreiro

Krus Abecasis vem agora ao fim de 10 anos de governação dar provas de democracia e transparência. Congeminou o ilustre autarca que nos devia ao fim de todo este tempo um balanço da sua «grandiosa» obra, fazendo editar com esse fim um prestigioso boletim a cores, em papel *couché*, repleto de fotografias da sua interessantíssima pessoa e com uma lista de algumas actividades da Câmara. Escusado será dizer que não aparece o buraco do Monumental, nem os bairros degradados da cidade. Não, ali é tudo cor-de-rosa e se há ainda problemas em Lisboa para os resolver bastará apenas ser tão bom como Abecasis. É por tudo isto que Krus Abecasis se considera, em entrevista a «O Diabo», «um dos melhores gestores da Europa» e segundo diz ainda quando sai à rua, quase anda ao colo do povo de Lisboa...

Ai! Um debate!

No passado Jornal de Sábado da RTP (o tal que só se esqueceu de dizer que também concorre às eleições autárquicas uma força que dá pelo nome de CDU — Coligação Democrática Unitária) houve, a propósito das desavenças surgidas no relacionamento da UGT com a CGTP, um debate. Ali estiveram, cada um de seu lado, Torres Couto e Carvalho da Silva. Do lado de Torres Couto também esteve, descaradamente, o moderador, mas isso deve ter a ver com a isenção e a independência da informação que a RTP nos dá. Torres Couto — e o aparelho televisivo — expuseram as razões da discórdia levantada pela UGT por causa do «mau comportamento» das bases da CGTP. Aquilo é que devem ser cá umas bases! E daqui para a frente o sr. empresário do sindicalismo só conseguiu pedir a Carvalho da Silva, muito encarecidamente (alguém mal intencionado até podia chamar àquilo ingerência, pressão, intromissão!): «Disciplinem-me essas bases!». Deste lado, acabou-se o sumo.

Do outro lado o coordenador da Inter começou a contar a história, em poucas palavras, mas com muita clareza, havia até o perigo de os telespectadores perceberem que, afinal, a UGT é que assinava um acordo que, depois, os seus sindicatos de base não respeitam; e é vê-los por esse país fora a assinarem de cruz aumentos salariais que são autênticos escândalos. Mas não podia ser. Olha se isto fosse assim dito, preto no branco, nos milhares de televisores ligados àquela hora! Saltam, do outro lado e do meio, vozes alvoraçadas: «Isso é sindicalismo ultrapassado!» «Olhe que está a passar o tempo!». Não podia ser. Olha se o hábito pegasse e começasse a vir ao de cima na televisão as verdades deste País! Acabe-se o debate. E vamos mas é para Paris, onde Marcelo Rebelo de Sousa foi encontrar-se com o *maire* (ai! Também é secretário-geral! Será isso possível, as duas coisas ao mesmo tempo?). Marcelo foi pedir uma mãozinha. A Paris. A RTP esteve lá. E não falem mais de debates, que me lembro logo do outro.

Pontos Cardeais

Gazetilha

por Ignotus Sum

Modernidade

Voltou o Espírito Santo com fartos elogios da TV. Está gordo e anafado. Não foi tanto o sofrimento assim, como se vê...

Com massa e habilidade apossou-se outra vez da TRANQUILIDADE...

Ei-lo a pedalar, por aí fora, com ar de bonzo, sob o olhar feroz. Se a TRANQUILIDADE é dele, agora, os intranquilos, esses, somos nós...

Os elos da corrente

A direita apressada na curva de um caminho que arrefece um dia, abanada, criou o PSD e o CDS...

O CDS e o PSD num momento infeliz vá saber-se porquê..., criou para Lisboa o Abecasis...

Logo o Abecasis, dobrada a espinha depois de tanto usar o camartelo agitou a varinha e criou o Marcelo...

Pior que Abecasis, este rapaz é capaz de criar, com o seu faro.

Se os eleitores o deixarem, claro...

A carta do Peneda

Estimado pensionista.

Tem esta carta em vista comunicar com a nossa estima que a sua reforma vai aumentar para a importância mencionada acima.

Não fazemos ainda o que queremos e só fazemos aquilo que queremos quando fazemos o que para nós queremos — cinquenta e seis por cento, nada menos...

Esperamos senhor pensionista que seja optimista quando estiver doente e de tudo carente sem remédios, sem pão, sem alegria.

Seja optimista, sim, e farto, após este «aumento». Optimista como nós...

Damos-lhe mais umas informações: depois das eleições haverá aumento geral nos preços da água, luz, remédios, pão. E vai ser um aumento de estado!

Assim vamos «compensar» o «aumento» que lhe damos...

Aceite mil abraços, naco a naco, do GOVERNO CAVACO.

«Por Lisboa»

Contra a hipocrisia que nos magoa «POR LISBOA»

Contra o desprezo que se amontoa «POR LISBOA»

Contra a mentira da seta, bola e coroa, «POR LISBOA»

Contra o óleo de rícino da zaragatoa «POR LISBOA»

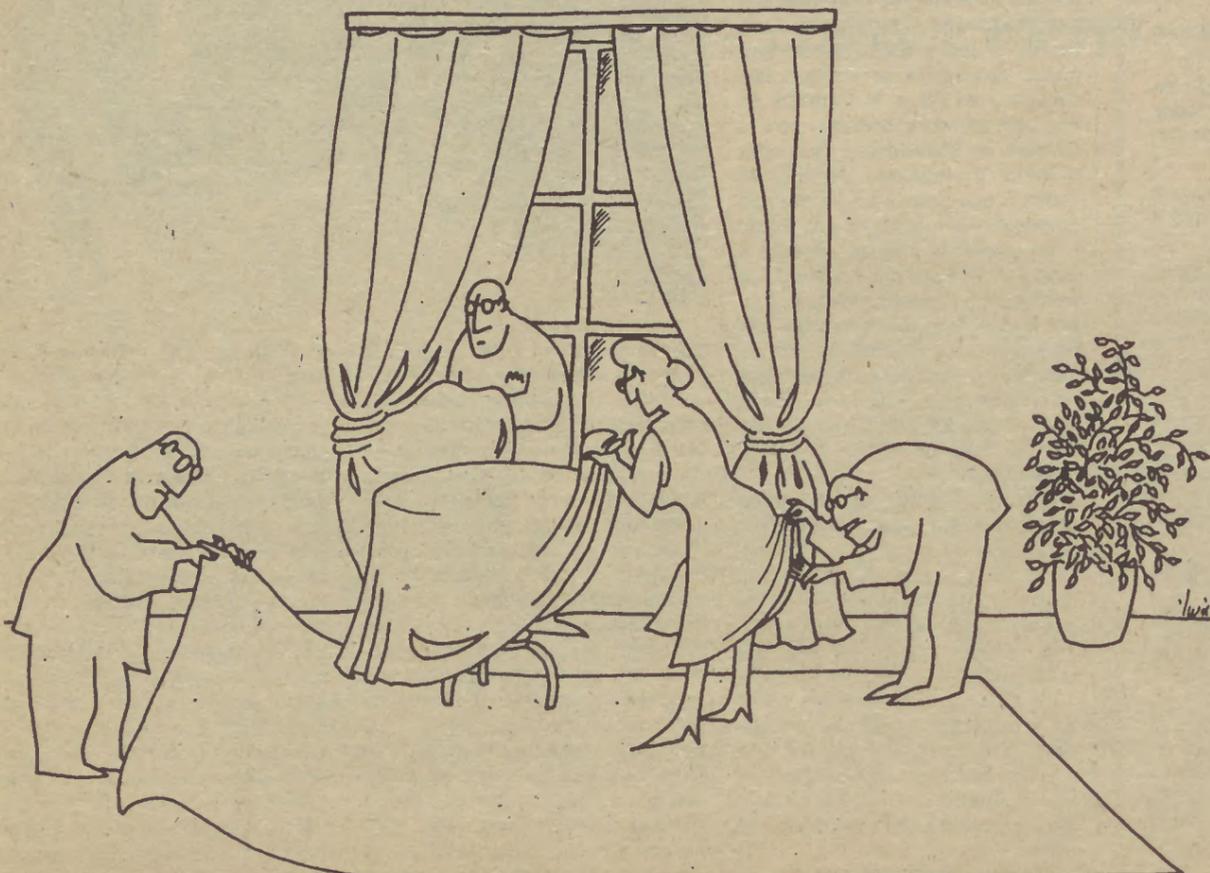
Contra a abecasiose marcelice à toa «POR LISBOA»

Para ser mais cidadão e mais pessoa «POR LISBOA»

Para amar desde Ajuda à Madragoa «POR LISBOA»

Para uma outra cidade feliz, boa, voto «POR LISBOA»

A Hora já aí vem. «POR LISBOA», para Lisboa cheirar bem.



Agenda

Avante!

Ano 59 - Série VII
N.º 833

14 de Dezembro de 1989

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Quinta

AMADORA

Comício na Sociedade Filarmónica e Recreio Artístico da Amadora, às 21.00, com a participação de **Orlando de Almeida, Vasco Marques, Mário Ventura Henriques** e ainda de **Luís Sá**, da Comissão Política do CC do PCP.

ALBUFEIRA

Contactos de candidatos com a população de **Glões**.

CASTRO MARIM

Sessão de esclarecimento na Casa do Povo - às 21.30.

FARO

Sessão de esclarecimento em **Santa Bárbara** - às 21.30.

OLHÃO

Comício de encerramento da campanha eleitoral - às 21.30.

PORTIMÃO

Contactos de candidatos com trabalhadores das empresas **Júdice Fialho e Sever Ramos** - às 12.30;
- sessão de esclarecimento em **Chão das Donas** - às 21.30.

S. BRÁS DE ALPORTEL

Sessão de esclarecimento na Sociedade - às 21.30.

TAVIRA

Contactos com a população de **Luz, Conceição e Cabanas**.

VILA DO BISPO

Sessão de esclarecimento em **Sagres** - às 21.00.

VILA REAL ST. ANTONIO

Ação de propaganda, às 18.00, no Bairro da Cooperativa.

AVEIRO

Festa CDU no salão dos Bombeiros Novos.

FEIRA

Contacto de candidatos com trabalhadores da ECO.

ALCOCHETE

- Sessão de esclarecimento na sede do Vulcaneiro Futebol Clube - às 21.00;
- Sessão de apresentação de candidatos na **Fonte da Senhora** - às 21.00.

ALMADA

- Sessões de esclarecimento na **Sobreda** (no Sobredense), **Laranjeiro** (CIPL), **Trafaria** (S.R.M.), **Costa da Caparica** (Amigos da Costa) e **Charneca da Caparica** (Sociedade Recreativa da Bela Vista) - todas às 21.00;
- Espectáculo da Juventude CDU na SFUAP-Cova da Piedade.

SETÚBAL

Apresentação do programa eleitoral, com animação cultural, na Coop. de Habitação do **Faranhão** - às 21.00.

SINES

- Sessão de esclarecimento no lugar de **Casoto** - no salão da Comissão de Moradores às 21.00;
- sessão-convívio em **Porto Covo**, com a participação de **Francisco Pacheco** - às 21.00, no salão do clube desportivo e recreativo.

CUBA

Sessão de esclarecimento com a participação de **António Murteira** - às 20.30 na Casa do Povo.

VIDIGUEIRA

Sessão de encerramento da campanha



Álvaro Cunhal no encerramento da campanha eleitoral

Alhandra

Jantar-convívio na Euterpe Alhandrense - hoje às 19.30

Odivelas

Comício no Pavilhão Polidesportivo - hoje às 21.30

Setúbal

Comício no Cine-Teatro Luísa Todi - amanhã a partir das 21.00

Almada

Comício na Academia Almadense - amanhã a partir das 21.00

eleitoral com a participação de **José Soeiro** - às 21.00, na Igreja Nova.

CASCAIS

- Visita de **Vitor Silva** e **António Sequeira** à feira de **Carcavelos**; - visita de **Vitor Silva**

a **S. Domingos de Rana** (durante a tarde);

- sessão de esclarecimento, com a participação de **Vitor Silva**, na colectividade do **Arneiro** - às 21.30;

- Convívio promovido pela Juventude CDU de

Cascais na Sociedade Musical União Paredense, na **Pareda**, com actuação do grupo «Sitiados» e baile - à noite.

COIMBRA

A Cidade, a Cultura e o Ambiente - debate

aberto a quadros técnicos e intelectuais, promovido pela PCP, com participação de **Santos Cardoso e Jorge Veiga**, candidatos da CDU à CM e AM - no «Bonifrares», a partir das 21.00.

LISBOA

- Comício de encerramento da campanha da Coligação Por Lisboa - às 21.00 no **Rosio**.

- Contacto de candidatos com trabalhadores da **Baptista Russo** - às 16.00;
- mini-comício e contacto com os trabalhadores das **OGFE** - às 12.00.

LOURES

Comício em **Odivelas** com a participação de **Álvaro Cunhal** - no Pavilhão Polivalente de Odivelas, às 22.00.

SINTRA

- Sessão de esclarecimento eleitoral no Palácio Valenças com a participação de **Lino Paulo** - às 21.00;

- Sessão de esclarecimento em **S. Pedro/Abrunheira**, com a participação de **Lino Paulo** e **Jaime da Mata** - às 21.30.

VILA FRANCA DE XIRA

- **Daniel Branco** visita às 10.00 o Mercado de **Alverca** e às 17.30 a freguesia de **Castanheira do Ribatejo**.

- Jantar-convívio em **Alverca** com participação de **Álvaro Cunhal** e de todos os candidatos aos órgãos autárquicos do concelho - na Sociedade Euterpe Alhandrense, a partir das 19.00.

GAIA

Encontros de **Ilda Figueiredo** com trabalhadores da Cerâmica de **Valadares** - às 12.30 - e da **Boch e Baylina** - às 18.00.

GONDOMAR

Festa popular de encerramento da campanha eleitoral em **S. Pedro da Cova** - no Largo da Covilhã, às 21.30.

MATOSINHOS

Encontro de **Olívia Ferreira** e outros candidatos com a Associação de **Moradpres das Cavadas** - às 21.30.

PENAFIEL

Sessões de esclarecimento em **S. Martinho de Recezinhos** e **S. Mamede de Recezinhos** - às 21.00, nas respectivas escolas primárias.

LOURES

Comício em **Odivelas** com a participação de **Álvaro Cunhal** - no Pavilhão Polivalente de Odivelas, às 22.00.

SINTRA

- Sessão de esclarecimento eleitoral no Mercado Municipal, de manhã, e a vários locais do concelho, de tarde; às 20.00, jantar convívio de encerramento da campanha.

S. BRÁS DE ALPORTEL

Jantar-convívio de encerramento da campanha.

VILA DO BISPO

Sessão de esclarecimento em **Budens** - às 21.00

VILA REAL DE ST. ANTONIO

Festa de encerramento da campanha eleitoral no salão da **Glória**, a partir das 21.30. Espectáculo com a participação de **Maria Guinot**.

ÁGUEDA

Festa de encerramento da campanha eleitoral.

AVEIRO

Caravana de encerramento.

ÍLHAVO

Encerramento da campanha na **Gafanha da Nazaré**.

OVAR

Sessão de esclarecimento em **Válega** - na Escola.

ALMADA

- Comício-festa de encerramento da campanha eleitoral com a participação de **Álvaro Cunhal**, de actuais eleitos e candidatos da CDU e de dirigentes do PEV e do PRD - às 21.00;

- desfile da Juventude CDU pelas ruas de **Almada**, com participação dos candidatos jovens. Partida, às 15.00, da Casa da Juventude.

SETÚBAL

- Comício de encerramento da campanha, a partir das 21.00, no Cine-Teatro **Luísa Todi**. No final, intervenção de **Álvaro Cunhal**.
- Caravana por todo o concelho (concentração às 19.00 junto à sede da Coligação **Desenvolver Setúbal**, Av. 5 de Outubro).

MONTIJO

Sessão de encerramento da campanha, na sede da CDU, com participação de todos os candidatos.

GRÁNDOLA

Caravana que percorrerá todo o concelho. Com início às 19.30, no **Carvalhal**.

ALCOCHETE

Encerramento da campanha: caravana concelhia e iniciativa de propaganda junto à Câmara. Sessão no salão nobre da Câmara.

SINES

Caravana concelhia, a partir das 17.00; convívio no Salão do Povo às 21.30.

ALJUSTREL

Sessão no cinema, às 20.30, com a participação de **António Murteira** e do candidato à presidência da CM, **José Godinho**.

OURIQUE

Festa-convívio na Casa do Povo, a partir das 20.30. Participação de **José Filipe**, candidato à presidência da Câmara, e de **António Murteira**. Espectáculo com o grupo musical «Nova Aurora».

BEJA

Festa-convívio na Casa da Cultura, a partir das 20.30. Participação de **Carreira Marques**, cabeça de lista da CDU à CM. Actuação do grupo musical «Arte e Factos».

ODEMIRA

Sessão na Casa do Povo de **S. Teotónio**, com a participação de **Justino Santos**, candidato da CDU à presidência da CM.

CASCAIS

Caravana automóvel de encerramento da campanha.

SINTRA

- Sessão-festa para encerramento da campanha, às 21.30, nos Bombeiros Voluntários de **Queluz**, com participação dos candidatos **Jaime da Mata** e **Felício Loureiro**. Actuação de **Jorge Lomba**.

ALCOCHETE

- Sessão-festa no Atlético do **Cacém**, às 21.00, com participação de **Lino Paulo**. Espectáculo com os **Peace Makers**.

VILA FRANCA DE XIRA

- Sessão nos Bombeiros Voluntários de **Alverca**, às 21.30, com **Daniel Branco** e **José António Carmo**;

- sessão em **Calhandriz**, no salão da Junta de Freguesia, com **Daniel Branco** e **Alfredo Pomo** - às 21.30;

- sessão de esclarecimento nas instalações da Juventude na **Castanheira**, com participação de **Francisco Lopes**, da Comissão Política do CC do PCP;
- sessão na **Póvoa de Santa Iria** - às 21.30 no Bairro da Bolonha;
- sessão no **Forte da Casa** - no ginásio da Escola Primária da 1ª Fase, às 21.30;

- sessão em **S. João dos Montes**, com a participação de **José António Veríssimo** - no Clube Recreativo «Os Cotovios», às 21.30.

LISBOA

- Visita aos bairros de **Martim** pelos candidatos da freguesia;

- jantar-convívio de apoiantes da Coligação Por Lisboa da freguesia de **S. João** - nos Asses Futebol Clube, às 20.30.

GAIA

- **Ilda Figueiredo** visita a zona da **Beira-Rio** a partir das 12.00;

- Festa popular em **Valadares** - às 21.30.

GONDOMAR

Festa de encerramento da campanha - junto à Câmara, a partir das 21.30.

MATOSINHOS

- Caravana automóvel - a partir das 18.00;
- Jantar convívio com moradores na Coop. Realidade - às 20.00.

AMARANTE

Festa popular no Largo do **Arquinho** - às 21.30.

PENAFIEL

Festa Popular em **Gulhufe** - às 21.00



L. SAMOILOV (URSS) in «Krokodilo» n.º 21/Julho 1983

— Porque é que estamos a rezar virados para Ocidente?
— Porque é lá que está o nosso Deus, no Pentágono

TV O Programa

Quinta

RTP1

09.00 - Bom Dia
10.00 - As Dez (inclui «Rua Sésamo»)
12.05 - Amor com Amor se Paga (99º epis.)
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Um Anjo na Terra (23º epis.)
14.15 - Palavras Cruzadas (43º e 44º epis.)
15.15 - História da Agricultura Inglesa (6º epis.)
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central (54º epis.)
17.25 - Brinca Brincando
18.30 - Rua Sésamo (29º epis.)
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.05 - Boletim Meteorológico



20.20 - Vala Tudo (7º epis.)
21.10 - Pobre Menina Rica (4º epis.)
22.10 - Histórias do Incrível e do Bizarro (1º epis.)
23.05 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP2

15.00 - Filhos e Filhas (364º epis.)
15.25 - Agora, Escolha!



16.55 - Rowena e Lora (4º ep.)
17.20 - Trinta Minutos Com...
17.50 - Pacto de Sangue (81º e 82º epis.)
18.45 - Os Henderson (série, 1º epis.)
19.30 - Clássicos da TV («O Homem da Carabina», 24º epis., e «Johnny Staccato», 21º epis.)
20.20 - Magazine Musical
20.45 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude (136º epis.)
21.55 - Sinais do Tempo
23.05 - Quinta Dimensão (2º epis.)

Sexta

RTP1

09.00 - Bom Dia
10.00 - As Dez
11.00 - Missa da Imaculada Conceição
12.05 - Amor com Amor se Paga
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Gloss (25º epis.)
14.25 - Palavras Cruzadas
15.20 - História da Agricultura Inglesa
15.50 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - Rua Sésamo
18.50 - Chegar, Apostar e Vencer (concurso)
19.30 - Telejornal
20.05 - Boletim Meteorológico
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Missão Impossível (13º epis.)
22.10 - Telemundo
22.40 - Chefe, Mas Pouco... (21º epis.)
23.10 - 24 Horas
23.45 - Remate



24.00 - Pela Noite Dentro - «Os Anjos da Guarda», real. Lou Antonio (EUA/1981, telefilme, 90+ min.)

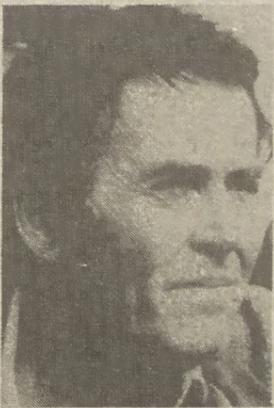
RTP2

13.00 - Desporto - Ténis (Final da Taça Davis)
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - 3, 2, 1 Contact (10º epis.)
17.25 - Trinta Minutos Com...
17.50 - Pacto de Sangue
18.40 - Haja Música
19.40 - Clássicos da TV
20.30 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Quebrar a Solidão (2º epis.)
22.25 - Acerto de Contas
23.00 - Século XX - «A Revolução Genética» (1º epis.)
24.00 - Rotações

Sábado

RTP1

09.00 - Juventude e Família
12.00 - Histórias da Ópera
13.00 - Notícias
13.10 - Oito e Basta (12º epis.)
14.00 - Crime, Disse Ela
14.55 - O Reino do Urso Polar (2º epis.)



16.00 - Sessão da Tarde - «Desconhecido em Fuga», real. Don Siegel (EUA/1967, 95 min.)
18.00 - Vivamúsica
18.30 - Kurt Olson
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.20 - Boletim Meteorológico
21.30 - Caixa Alta (5º epis.)
22.40 - Julio Iglesias
23.35 - Especial Desporto

RTP2

09.00 - Compacto «Amor com Amor se Paga»
13.00 - Estádio
19.30 - Music Box Especial - The Bangles/Robert Palmer
20.25 - Meu Filho, Meu Filho (série, 1º epis.)
21.15 - Estádio/Edição da Noite
23.20 - Cinema - «Outland - Atmosfera Zero», real. Peter Hyams (G.Bret./1981, 105 min.)

Domingo

RTP1

09.00 - Juventude e Família
10.15 - TV Rural
11.15 - Missa
12.00 - Juventude e Família - «Jim Henson Show»
13.00 - Notícias
13.10 - Alô, Alô (14º epis.)
14.05 - Primeira Matinée - «O Tigre», real. Dino Risi (IT.-EUA/1967, 108 min.). As 15.45: «Pavor nos Bastidores», real. Alfred Hitchcock (G.Bret./1950, 108 min.)
16.45 - Ricardina e Marta (13º epis.)
18.00 - McGyver (12º epis.)
19.00 - Especial Eleições

RTP2

09.00 - Music Box Especial
10.00 - Troféu
12.00 - Caminhos
12.30 - Novos Horizontes
13.15 - Troféu
17.00 - Sobrevivência (13º epis.)
17.50 - Quem Sai aos Seus...
18.20 - Imagem e Imagens
19.00 - Os Trintões (11º epis.)



19.50 - Artes e Letras - «Oscar Wilde»
21.55 - Cineclube - «Intolerância», real. David David W. Griffith (EUA/1916, 167 min. - versão «tintada»)

Segunda

RTP1

RTP-1
09.00 - Bom Dia
10.00 - As Dez
12.05 - Fera Radical (telenovela brasileira, 1º epis.)
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - A Rota de Howard (25º epis.)
14.20 - Palavras Cruzadas
15.15 - História da Agricultura Inglesa
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.35 - Boletim Meteorológico
20.50 - Vale Tudo
21.40 - Clube dos Subscritores



22.05 - Os Miseráveis (telefilme)
00.30 - 24 Horas
01.00 - Remate

RTP2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha
16.55 - Os Cinco (14º epis.)
17.20 - Trinta Minutos Com...
17.50 - Pacto de Sangue
18.45 - Sida, um Inimigo entre Nós



19.30 - Clássicos da TV
20.25 - Ilha do Tesouro (últ. epis.)
20.45 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Teatro Estrangeiro - «A Importância de se Chamar Ernesto», de Oscar Wilde

Filmes

«Os Anjos da Guarda» - 6ª, 24.00, RTP-1
«Desconhecido em Fuga» - sáb., 16.15, RTP-1
«Outland - Atmosfera Zero» - sáb., 23.20, RTP-2
«O Tigre» - dom., 14.35, RTP-1
«Intolerância» - dom., 22.00, RTP-2
«Lembras-te de Dolly Bell?» - 3ª, 21.30, RTP-2
«África Minha» - 4ª, 21.30, RTP-1

Teatro

«A Importância de se Chamar Ernesto» - 2ª, 21.30, RTP-2

Música

Quinta
20.20, RTP-1: Magazine Musical

Sábado

12.00, RTP-1: Histórias da Ópera
17.45, RTP-1: Vivamúsica
19.30, RTP-2: Music Box Especial

Domingo

22.40, RTP-1: Julio Iglesias

Terça

18.40, RTP-2: Via Rápida

Quarta

23.05, RTP-2: Música n'América

Desporto

Remate - RTP-1, 5ª (23.40), 6ª (23.45), 2ª (01.00), 3ª (23.45), 4ª (01.00)

Rotações - RTP-2, 6ª, 24.00

Estádio - RTP-2, sáb., 13.00 e 21.15

Troféu - RTP-2, dom., 10.00 e 13.15

Domingo Desportivo - RTP-1, 22.20

Especial Desporto - RTP-2, 6ª, 13.00 (Taça Davis); RTP-1, sáb., 23.35

Terça

RTP1

RTP-1
09.00 - Bom Dia
10.00 - As Dez



12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Dallas (63º epis.)
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - História da Agricultura Inglesa
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.05 - Boletim Meteorológico
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Primeira Página
22.20 - Crónica do Crime (14º epis.)
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate

RTP2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas (3ª epis.)
17.20 - Trinta Minutos Com...
17.50 - Pacto de Sangue
18.40 - Music Box - Via Rápida

19.30 - Clássicos da TV
20.25 - Cine Magazine
20.50 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois - «Lembras-te de Dolly Bell?», real. Emir Kusturica (Jugoslávia/1981, 106 min.)

Quarta

RTP1

RTP-2
09.00 - Bom Dia
10.00 - As Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Colt em Acção (27º epis.)

14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - História da Agricultura Inglesa

15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo

18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.05 - Boletim Meteorológico

20.20 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola

21.30 - Lotação Esgotada - «África Minha», real. Sydney Pollack, interpr. Meryl Streep, Robert Redford (EUA/1984, 160 min.)

00.25 - 24 Horas

01.00 - Remate

RTP2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Os Campbells (11º epis.)

17.20 - Trinta Minutos Com...
17.50 - Pacto de Sangue
18.40 - Descobertas Subaquáticas

19.30 - Clássicos da TV
20.25 - Lusitânia Expresso (28º epis.)

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - D. Beija (14º epis.)
23.05 - Música n'América

Teatro O Cartaz

• LISBOA

Casa da Comédia, Rua S. Francisco Borja, 24. De 3ª a dom. às 22.00. What Happened to Madalena Iglesias?, texto e encenação de Filipe La Féria.

Clube Estefânia, Rua Alexandre Braga, 24-A. 3ª, 4ª e 5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 19.00, dom. às 17.00. Balancé, de William Gibson, enc. António Caldeira Pires.

Comuna, Pr. de Espanha. Café Teatro - De 3ª a dom. às 22.00, dom. também às 18.00. Fale Baixo Senão Eu Grito, de Leilah Assunção, adapt. Margarida Carpinheiro. Instituto Franco-Português, Av. Luís

Bivar, 91. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.30. Os Pais Terríveis, de Jean Cocteau, enc. Fernando Lapa.

Teatro ABC, Parque Mayer. De 3ª a dom. às 20.30 e 22.45, dom. também às 16.00. Ai Cavaquinho, de E. Damas. C. Oliveira, M. Simões e P. César, enc. Camilo Oliveira.

Teatro Aberto, Praça de Espanha. De 5ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. Happy End, de Dorothy Lane/Bertold Brecht, enc. João Lourenço, pelo Novo Grupo.

Teatro da Politécnica, Rua da Escola Politécnica, 58. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16. D. João e a Máscara, de António Patrício, enc. Mário Feliciano, interpr.

Eunice Muñoz, João Grosso, Estrela Novais, entre outros.

Teatro Politeama, Rua Portas de Santo Antão. De 4ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00 e 20.30. Quem Pode, Pode, de David Mamet, enc. João Canijo.

Teatro Variedades, Parque Mayer. De 3ª a dom. às 21.30, dom. também às 16.00. Os Meninos à Roda da Mamã, enc. Francisco Nicholson.

• ESTORIL

Teatro Municipal Mirita Casimiro, Av. Fausto de Figueiredo. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. A Morte de Danton, de Georg Bruchner, enc. Carlos

Avilez, pelo Teatro Experimental de Cascais.

• PORTO

Teatro Sá da Bandeira, Rua Sá da Bandeira, 105. De 3ª a dom. às 21.45, dom. também às 16. Gota D'Água, de Chico Buarque e Paulo Pontes, enc. Ulysses Cruz.

Para crianças

• LISBOA

Teatro Malzum, Rua Poiais de S. Bento, 75-B. Sáb. e dom. às 16. A Linguagem dos Animais, de António Botto. TIL, Rua Leão de Oliveira, 1. Sáb. e dom. às 16.00. O Sabor dos Sonhos, texto e enc. de Carlos Correia.

Cinema

A selecção

...e ainda

Música, debates, etc.

	David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A O Amor é uma grande Aventura	—	★★★	—	★★
B Indiana Jones e a Grande Cruzada	★★★	★★★	★★★	★★★
C Perigosa Sedução	—	★★★	—	★★★
D Recordações da Casa Amarela	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
E Sexo, Mentiras e Vídeo	★★★	★★★	★★★	—
F As Vozes da Ira	★★★	★★★	★★★	★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A— Real. Blake Edwards — **Quarteto/4** (14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00, 24.00), **S. Jorge/3** (14.14, 16.45, 19.15, 21.45), **Xenon** (14.15, 16.30, 19.00, 21.30, 23.45) — Lisboa.
- B— Real. Steven Spielberg e George Lucas — **Alfa/Club** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), **Amoreiras/1** (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), **Estúdio** (14.30, 16.45, 19.00, 21.30), **Fonte Nova/2** (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — Lisboa.
- C— Real. Harold Becker — **Alfa/1** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), **Amoreiras/1** (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), **Berna** (15.15, 18.00, 21.30), **Condes** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30), **Império** (15.30, 18.30, 21.30), **Las Vegas** (14.00, 16.15, 18.45, 21.30), **Mundial/1** (14.30, 16.30, 19.00, 21.30), **Plaza/2** (14.15, 16.45, 19.00, 21.45, 24.00), **S. Jorge/1** (15.30, 18.30, 21.30), **Star** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- D— Real. João César Monteiro — **Forum/Picoas** (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45) — Lisboa.
- E— Real. Steven Soderbergh — **Amoreiras/5** (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45, 24.00), **Londres** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30), **Quarteto/2** (14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 24.00) — Lisboa.
- F— Real. Oliver Stone — **Amoreiras/3** (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45, 24.00) — Lisboa.

Venda de Natal

O MDM abriu já na sua sede, na Av. Duque de Loulé, em Lisboa, a habitual venda de Natal. Habitual é também a boa qualidade dos artigos nela oferecidos, sobretudo no que respeita ao artesanato português. São cerâmicas de várias proveniências, mantas de Pardilhó, têxteis, cobres e latões e uma variada selecção de outras potencialidades «prendas», à medida de gostos e bolsos diversos.

No mesmo local funciona também uma livraria. A venda de Natal do MDM está aberta todos os dias úteis das 10 às 20h, e aos sábados das 10 às 13h e das 15 às 18h.

Cinema

Quase a terminar está o ciclo Howard Hawks, que a Cinemateca Portuguesa e a Fundação Gulbenkian programaram para Novembro/Dezembro, e cujas últimas sessões, abaixo

indicadas, decorrem no Grande Auditório da Fundação:

- sexta-feira, às 21.30, A Culpa Foi do Macaco/1952 e Os Homens Preferem as Loiras/1953; - sábado, às 15.30, Rio Lobo/1970 e El Dorado/1959; às 21.30, Rio Bravo/1959; - domingo, às 15.30, Hatali/1962 e O Desporto Favorito dos Homens/1964; às 21.30, Traço Vermelho 7000/1965.

No Teatro Malaposta prossegue o ciclo dedicado à escola de cinema de Canadá, que inclui algumas das obras feitas durante os 50 anos decorridos desde a criação do «Office National du Film du Canada», nomeadamente obras-primas do cinema de animação de mestres como MacLaren.

As sessões têm lugar todas as sextas, sábados, domingos e segundas-feiras, às 21.30.

Música

Hoje, às 21.30, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian,

realiza-se um concerto preenchido com a interpretação de obras de Bartok, Prokofiev e Beethoven (a Sinfonia nº 2) pela Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro Ken Nagano com o violinista Young Uck Kim.

Este concerto repete-se na sexta-feira, na mesma sala, às 18.30.

Na segunda-feira, ainda no Grande Auditório, às 18.30, recital pela soprano Rosalind Plowright com o pianista Geoffrey Parsons. Obras de Scarlatti, Pergolesi, Donizetti, Verdi, Puccini, entre outros compositores.

Na terça-feira, às 18.30, um outro recital: Gerard Ribeiro, violino, Pedro Burmester, piano, interpretam obras de Schubert, Stranvinsky, Ysaye e Cersar Franck. No Grande Auditório.

No Seixal, mais um dos concertos de Natal promovidos pela Câmara Municipal: Paula Moniz interpretando ao piano peças de Liszt, Debussy e Ravel e o grupo Os Bahdat em canções de Gershwin, Beatles, etc. estarão amanhã, sexta-feira, num concerto comentado pelo maestro José Atalaia, a realizar nos Redondos, às 21.30.

Exposições

• LISBOA

Alberto Cardoso - Pintura. Galeria S. Bento, Rua do Machadinho, 1. De 2ª a sáb. das 11 às 13 e das 15 às 20.

Amália Rodrigues - 50 Anos - Acarreira de Amália Rodrigues através de fotografias, cartazes, pinturas, vestidos, jóias, discos. Museu Nacional do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 17, dom. até às 18 (até Dezembro).

Ana Mamede - Pintura. Espaço do Pintor, R. S. Nicolau, 119, 2ºD. De 2ª a 6ª das 14 às 19 (até 22/12)

Arqueologia Industrial do Vidro - Museu Nacional de Arte Antiga, Rua das Janelas Verdes (até fim de Dezembro).

Artefactos Melanésios - Reflexões Pós-Modernistas. Museu de Etnologia, Av. Ilha da Madeira. Das 10 às 12.30 e das 14 às 17 (até Dezembro).

Carlos Calvet - Fotografia. Ether, Rua Rodrigo da Fonseca, 25. De 3ª a sáb. das 15 às 20 (até 16/12)

Colectiva de pintura (Manuel Botelho, Pedro Casqueiro, Gil Heitor Cortesão, Pedro Maia, João Jacinto, Pedro Sousa Vieira, Maria Wengorovius). Galeria Módulo, Calçada dos Mestres, 34-A.

Colectiva de pintura e escultura (Eduardo Lima Teixeira, Eduardo Santos Neves, Virgílio Domingues, Fátima Cruz Neves). Galeria João Hogan, Rua da Voz do Operário, 13. De 2ª a 6ª das 14 às 20, sáb. das 15 às 19 (até 29/12)

Colectiva de tapeçaria. Galeria Tapeçarias de Portalegre, Rua Academia das Ciências, 2-J. De 2ª a 6ª das 10 às 13 e das 15 às 19.30.

Costa Pinheiro - «Os Reis» (1964-66) e «La Fenêtre de ma Tête» (1982-89) - pintura, desenho, gravura. Centro de Arte Moderna e Galeria de Exposições Temporárias da Gulbenkian, Av. de Berna. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até 14/1)

Ema Berta - Pintura. Galeria Barata, Av. de

Roma, 11-A. De 3ª a dom. das 12 às 23.

Espiga Pinto - Pintura. Galeria Multiface, C.C. Gemini, Rua Sousa Lopes. Das 10 às 19.30 (até 14/12)

Eurico - Pintura. Gal. S. Bento, Rua do Machadinho, 1. De 3ª a sáb. das 11 às 13 e das 15 às 20, 2ª das 15 às 20 (até 16/12)

Gerado Burmester - Objectos em madeira e couro. Galeria Alda Cortez, Largo de Santos, 1-F. De 2ª a sáb. das 15 às 20

Glória Elena - «Retratos de Flores», pintura, e **Silvia Westphalen**, escultura. Galeria Diversa, Rua



Costa Pinheiro



Júlio Pomar

de Sapadores, 85. De 2ª a sáb. das 14.30 às 20 (até 13/1)

Gordillo - Joalheria. Gal. de S. Francisco, Rua Ivens, 40. De 2ª a 6ª das 10 às 13 e das 15 às 19, sáb. das 10 às 13 (até 27/12)

Graça Pereira Coutinho - Pintura e desenho. Gal. de Exposições Temporárias da Gulbenkian, Av. de Berna. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até 31/12)

Henrique Manuel - Pintura. Galeria Novo Século, Rua do Século, 23. De 3ª a sáb. das 14 às 20 (até 22/12)

Ilda David - Pintura. Gal. Pedro e o Lobo, Rua do Salitre, 169. De 2ª a 6ª das 15 às 20.

João Moreira - Pintura. Galeria Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. De 2ª a sáb. das 10 às 19 (até 19/12)

João Vieira - Pintura. Gal. Nasoni, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9. De 2ª a 6ª das 10.30 às 13 e das

15 às 19.30, sáb. das 15 às 19.30 (até 30/12)

Lúis Dourdil - Exposição de homenagem: obras suas e ainda de **Artur Bual, Martins Correia, Lino António**. Galeria Nartice, Rua Augusto Rosa, 20. De 2ª a 6ª das 15 às 20.30, sáb. das 10 às 13 (até 16/12)

Pedro Mala - Pintura e desenho. Módulo, Calçada dos Mestres, 34-A. De 2ª a sáb. das 16 às 20.

Pedro Saraiva - Pintura e desenho. Módulo-Centro Difusor de Arte, Calçada dos Mestres, 34-A. De 2ª a sáb. das 16 às 20 (até 4/1)

Pintura Marroquina (14 artistas contemporâneos). Galeria Almada Negreiros, Av. da República, 16. De 3ª a dom. das 10 às 20.

Pires Vieira - Pintura. Galeria Alda Cortez, Largo de Santos,

1-F. De 2ª a sáb. das 15 às 20.

Rolando Pinheiro - Tecidos manufacturados. Museu Nacional do Traje, Parque do Monteiro-Mor (Lumiar).

Tapeçaria do Séc. XVI - Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17.

Vieira da Silva - Obras gráficas. Galeria 111, Campo Grande, 113. De 2ª a 6ª das 10 às 13 e das 15 às 19.30, sáb. das 10 às 13.30.

A Vinha e o Vinho na Pintura - colectiva. Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, 36.

• PORTO

Gravuras de Goya e Gravuras de Picasso. Casa de Serralves, Rua de Serralves. De 3ª a dom. das 14 às 20 (até 7/1).



Graça Pereira Coutinho

Manuel Amorim - Pintura. Gal. Fluxus, Rua do Rosário, 125-129. De 2ª a 6ª das 10.30 às 12.30 e das 15 às 19.30, sáb. das 15 às 19.30 (até 30/12)

Nuno San Paio e José Luís Tinoco - Pintura. Gal. da Praça, Pç. da Liberdade, 66.

Pedro Portugal - Pintura recente. Gal. Atlântica, R. Galeria de Paris, 67. De 2ª a 6ª das 10 às 12.30 e das 15 às 19.30.

«Os Quatro Vintes» (Armando Alves, José Rodrigues, Jorge Pinheiro, Ângelo de Sousa) - colectiva de pintura, comemorativa do 25º aniv. da Arvore, na sede da Cooperativa, Rua Azevedo de Albuquerque, 1 (até 12/12)

• OUTRAS LOCALIDADES

28º Salão de Arte Fotográfica. Sala do Conselho de Moradores (ex-Cordoaria Nicola), das 16 às 19 e das 21 às 23 - BARRIPIO

Júlio Quaresma - Pintura. Gal. Alameda, Av. Gen. Humberto Delgado, 3-B. De 2ª a 6ª das 21.30 às 23, sáb. e dom. das 15 às 23 (até 23/12)

Azulejos do Conselho de Loures

(séc. XVI a XX). Casa do Adro, Rua Fria. De 3ª a dom. das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17.30 - LOURES

O Desenho Animado - exposição internacional comemorativa do 50º aniv. do «Office National du Film du Canada». Galeria de Exposições do Teatro Malaposta - LOURES

Lúis Romano - escultura e pintura. Casa do Adro/Museu Municipal de Loures. De 3ª a 6ª das 9 às 12 e das 14 às 17, sáb. e dom. das 10 às 13 e das 14.30 às 17.30 (até fim Dezembro) - LOURES

Arqueologia Industrial do Vidro - Fábrica-Escola Irmãos Stephens - MARINHA GRANDE

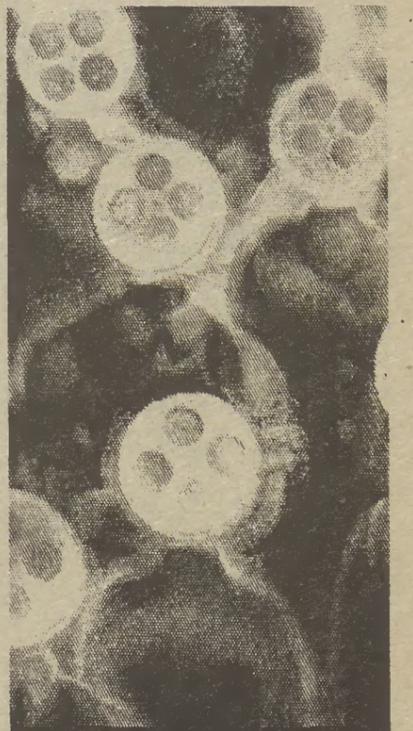
Pintura Portuguesa 1842-1979 (da colecção do Museu Na-

cional de Arte Contemporânea). Galeria de Exposições Temporárias do Palácio Nacional de Queluz. De 4ª a 2ª das 10 às 13 e das 14 às 17 - QUELUZ

Américo Marinho - «63 anos de pintura». Forum, Rua Dr. Joaquim Luís Martins, 16. Das 14 às 19 (até 7/1) - SANTAREM

João Viola - «Os Verdes do Outono em Sintra», pintura. Palácio Nacional da Pena. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até 6/1) - SINTRA

Júlio Pomar - desenho, gravura e pintura (exposição integrada nas comemorações de 50 Anos de Galbêus de Alves Redol). Até 31/12, Galeria Municipal de Exposições - VILA FRANCA DE XIRA



OFFICE NATIONAL DU FILM DU CANADA
50 ANOS DE EXISTENCIA
OFFICE NATIONAL DU FILM DU CANADA

3 a 30 de Dezembro

teatro malaposta
tm

OLIVAL BASTO ODIVELAS

17 DEZEMBRO
Domingo • 17 h

Westerns
CORRAL
de Colin Low (1952)

CAPITALE DE L'OR
de Colin Low (1957)

ALIAS WILL JAMES
de Jacques Godbout (1988)

18 DEZEMBRO
Segunda-feira • 21.30 h

PAUL TOMKOWICZ
De Roman Kroitor (1953/54)

PAUL ANKA
de Roman Kroitor (1962)

SALUT VICTOR!
de Anne Chaire Poirier (1988)

19 DEZEMBRO
Sexta-feira • 21.30 h

LES CHARPENTERS DU CIEL
de Don Owen (1964)

LA FLOTTE BLANCHE
de Hector J. Lemieux (1966)

LES BORGES
de Marilu Mallet (1978)

20 DEZEMBRO
Sábado • 21.30 h

Cinema de animação

Filmes de
Bretislav Pajar
Caroline Leaf
Clorinda Warty
Co Hoedman
Eugene Fedurenko
Stare Aubry
Norman MacLaren
Peter Foldes
Pierre Hébert
Ryan Larkin

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)

Tempo

Fim de Semana

No sábado céu geralmente encoberto, vento moderado de Sudoeste, podendo soprar forte no Litoral Oeste e nas terras altas. Períodos de chuva por vezes intensa no Norte e Centro. No domingo tendência para céu muito nublado, vento forte de Sudoeste e períodos de chuva intensa.

a TV

Publicidade paga... ... com o nosso dinheiro

... E na televisão a propaganda fraudulenta do PSD com fins eleitorais prossegue. Prossegue a níveis que consideramos jamais ultrapassados.

A presença dos ministros (com os pretextos mais risíveis) atinge proporções de paranóia. Não se poderá, evidentemente, garantir que, em particular no que respeita a Lisboa, o PSD e os seus sócios já perderam as eleições. Mas garantir posso eu que já perderam as estréias...

Quero eu dizer que o governo não deve ir à televisão pela voz de qualquer dos seus ministros? Nada disso. Mas as presenças, que diabo, devem ter um mínimo de justificação - e não assim, com eles aos magotes.

Ainda o mais comedido será o **Jornal das Nove**, mas isso terá a ver, creio eu, com uma questão de eficácia, já que ele não pode competir com a matéria do Primeiro Canal. Pouparam-se as condições...

No **Jornal da Tarde** (que sofreu uma grande alteração, apresentando-se hoje como um filhote do **Telejornal**, quebrando assim com as tradições de equilíbrio que eram as suas) no **Telejornal** e no **24 Horas** a alcaiteia anda em desassossego. Houve um **24 Horas** em que, sucessivamente, apareceram **sete** ministros! Posso provar.

Isto parará não falar nas viagens «oficiais» do Primeiro-Ministro, com os seus discursos a desancar os partidos, em época de eleições.

Pará já não falar das presenças de ministros nas sessões de propaganda.

Pará já não falar na autêntica barragem de propaganda feita através da publicidade - o livro da poupança, as iniciativas do Instituto da Juventude, as escolas de pesca, etc., etc. Publicidade paga, é bem de ver com os dinheiros... do Estado!

É grande a indignação da opinião pública democrática. Mas a RTP, indiferente, lá continua...

Pergunto eu: Porquê?

Reconheço que um partido tem sempre a tendência para considerar que é prejudicado nos tempos distribuídos.

Pessoalmente, esforço-me por me manter de cabeça fria. Invoco para esta coluna uma vocação opinativa deliberadamente assumida. Mas não quero separar esta vocação de uma outra: a de a basear numa informação objectiva, sem biberão nem torcicolo.

A mim parece-me claro que a Coligação «Por Lisboa» e a CDU têm sido gravemente lesadas na RTP.

Alguns apontamentos: porquê, na volta aos distritos, a cidade de Évora contou apenas com dois minutos, de uma pobreza que chegou a ser miséria, sem uma única referência à notável gestão e aproveitando a deixa para trazer à ribalta o PSD?

Por que razão no **24 Horas**, minutos antes de começar o período de propaganda, a CDU ainda aparecia com os favos de mel?

Por que razão as mais significativas acções da CDU foram escamoteadas, por exemplo no Porto? Vejamos só algumas: a visita guiada à cidade, com o arquitecto Siza Vieira; a apresentação de todos os candidatos, no Mercado Ferreira Borges; o almoço que reuniu 1800 pessoas no Palácio de Cristal, com a presença de Álvaro Cunhal, etc., etc. Lembremos que nenhuma candidatura apresentou, no género, qualquer coisa que, nem de perto nem de longe, se parecesse com isto...

São factos reais que a RTP, deliberadamente, não noticiou. Porquê? Se foi por critério jornalístico, dão os jornalistas da casa fracos sinais dos seus méritos. Se foi por outra razão - razão política - ela é simplesmente objectiva.

E a alternativa?

Jornal de Sábado voltou à carga com a situação nos países de Leste e para isso pôs frente a frente o deputado João Amaral e o advogado Proença de Carvalho.

Vem a propósito lembrar que a situação nesses países ocupa por vezes **50 por cento** do noticiário do **Telejornal**!!!! E como se em Portugal não acontecesse nada...

Evidentemente que a intenção do PSD (através da televisão) é tirar efeitos internos, como que «responsabilizando» o PCP por tal situação. Quer dizer: não lhes passa pela cabeça responsabilizar o PSD pelo descalabro social da senhora Thatcher; nem o PS pela degradação na RFA, com o seu desemprego, com as suas imensas corrupções e escândalos; nem o CDS pelos subterráneos lodosos dos seus confrades europeus. Que partidos portugueses assumem a miséria, a imoralidade, a corrupção, o desemprego, a exploração, a violência da ditadura bipartidária nos Estados Unidos?

Por que razão há-de ser apenas o PCP o único bode expiatório dos erros dos outros partidos? Não é evidente que a RTP quer enfiar o barrete aos eleitores portugueses?

A certa altura, João Amaral, a «propósito do fim do comunismo» perguntou qual é a outra solução para os grandes problemas da Humanidade? Qual é a alternativa?

A pergunta ficou sem resposta. Porque ninguém tem a coragem de dizer que a solução é o capitalismo...

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

As últimas da campanha

A campanha para as autárquicas está a terminar. Para trás fica o esforço dos candidatos que desta ou daquela forma tentaram fixar em si a escolha dos eleitores. O combate eleitoral chega assim ao fim, competindo ao povo português decidir no próximo domingo a atribuição da vitória, cuja importância se irá reflectir não só no dia-a-dia das populações como também marcará profundamente o futuro político em Portugal.

A campanha CDU

Na campanha autárquica do PCP predomina a iniciativa local e a promoção dos temas e candidatos locais. Há, no entanto, ideias unificadoras, que se baseiam no capital de trabalho já adquirido pelos autarcas comunistas. Ideia aliás expressa no slogan de arranque da pré-campanha «Provas dadas, Projectos de futuro» ou «Nas autárquicas, CDU é melhor». O PCP dá, nesta campanha, especial ênfase à divulgação do símbolo e sigla da coligação CDU já que as alterações à Lei Eleitoral obrigaram à apresentação dos símbolos de todos os partidos concorrentes. O PCP concorre em todo o país e está a dar uma atenção muito especial às possibilidades de consolidação da CDU. O material de suporte da campanha tem o azul como cor predominante. Há um cartaz nacional e folhetos, também de âmbito nacional. Para além disto, há cartazes locais com os rostos e referências aos candidatos. No início da campanha eleitoral propriamente dita, a CDU lançou um cartaz, a nível nacional, com apelo directo ao voto.

(«Semanário» 8.12)

É bom viver em Évora

Falámos com Abílio Fernandes, o autarca modelo do PCP no Alentejo, segundo muitos pontos de vista. A ele se devem as vitórias consecutivas em Évora da coligação dos comunistas, apesar dos «muitos investimentos» feitos pelos adversários contra a sua pessoa. O PS tentou provocar a sua queda em 78, obrigando a eleições intercalares (o PCP tinha então maioria apenas relativa). Foi o PS que saiu chamuscado do confronto, passando para terceiro lugar no concelho: a APU obteve a maioria absoluta. E não mais a perdeu desde então, apesar da subida do PSD, sobretudo dentro da cidade, praticamente em todas as eleições. Fernandes resiste porque tem carisma — reconhecem os seus adversários. «Nunca diz que não» — diz Capoulas — «deixa isso para os outros vereadores». Dá-se bem com toda a gente, é de trato agradável, teve mérito na recuperação da cidade — hoje, «património histórico mundial», sem nada que faça lembrar a degradação que sofreu em 74/75. Em suma, quem conheceu Évora naquele tempo e volta agora não pode deixar de reconhecer que a ci-

dade está um espanto e que deve ser bom viver em Évora, apesar das dificuldades normais do trânsito.

(«Semanário» 8.11)

Como vai o negócio?

Encostado, quase deitado num balcão, com a cara apoiada nos braços, Marcelo Rebelo de Sousa pergunta como vai o negócio de um talho instalado no Mercado de Alcântara. O candidato começou a campanha eleitoral com traços visíveis de cansaço, embora sem perder a boa disposição e sua tradicional argúcia.

«O que é que me diz a esta pouca vergonha dos aumentos dos políticos?», perguntava Marcelo a uma vendedeira de hortaliça. Ela, espantada, apenas pôde responder: «você também lá anda». Sem desarmar, o candidato explica que é professor, pelo que se pode considerar, «também um explorado».

Acompanhar Marcelo na campanha eleitoral é, entre muitas outras coisas, ouvir o inesperado — comentários desconcertantes que deixam espantados os interlocutores. Perante um homem que lhe jurava nunca ter acreditado em políticos, o ex-dirigente do PSD e ex-ministro retorquia: «Faz muito bem, faz muito bem».

(«Expresso» 8.12)

Estilos diferentes

A experiência de Oliveira Dias, a sobriedade de Carlos Brito e a encenação de Fer-

nando Gomes, disputam o lugar que Fernando Cabral não aceita perder na presidência da Câmara Municipal do Porto. Perante uma cidade, com uma rede de saneamento básico abaixo dos 50 por cento, os candidatos ao executivo camarário optam por estilos diferentes de pedir votos.

O candidato comunista, após dez anos de vereação, está seguro da sua popularidade e contrapõe a experiência à falta de vivência municipal do seu adversário da esquerda; sem espalhafato, mas com a máquina governativa a funcionar em seu auxílio, Carlos Brito desdobra-se em almoços, jantares e encontros com membros do executivo de Cavaco Silva, tentando explicar aos portugueses os benefícios de uma estreita colaboração entre os governantes municipais e nacionais; falando da Europa, à maneira do Norte, o candidato socialista participa como figura principal numa campanha de «marketing» político, montado para criar uma dinâmica de vitória. Com algum azedume, Fernando Cabral divide-se entre o seu gabinete nos paços do concelho e a atribuição de mais umas dezenas de chaves de casas sociais, ou um contacto, mais ou menos fugaz, com a população.

(«O jornal» 8.12)

A corrida

A corrida de ministros ao Porto em apoio do candidato social-democrata irritou Cabral. Fernando Gomes também reagiu. É que primeiro veio Cavaco Silva dizer que, se Carlos Brito for eleito, tem garantido o apoio do Governo. Depois Valente de Oliveira apresentava, com Carlos Brito, os projectos do PDR para a Área Metropolitana. Na terça-feira, foi a vez de Leonor Beleza se deslocar expressamente ao Norte para dizer que o partido tinha escolhido o melhor para a cidade e que o melhor era Carlos Brito.

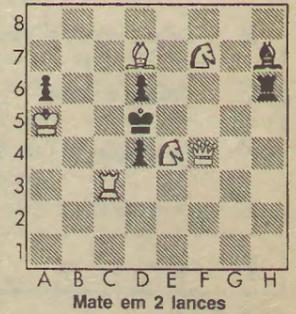
Para Fernando Cabral, «o candidato social-democrata tem beneficiado de forma antidemocrática do facto de pertencer ao partido do Governo». Um dia antes do início da campanha eleitoral, o candidato do CDS abria as hostilidades com o PSD e particularmente com o candidato Carlos Brito, acusando-o de petulância nas negociações com uma empresa francesa para a compra do metropolitano e com a EDP. (...)

(«Semanário» 8.12)

Xadrez

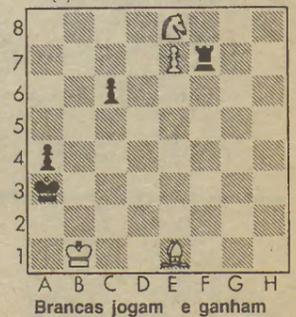
CCXXXII - 14 de Dezembro
de 1989
PROPOSIÇÃO N.º 232/A

Por: E. Boxo
«Brisban Courier», 1933
Pr.: (6): Ps. a6, d4, d6-Bh7-Th6-Rd5
Br.: (6): Cs. e4, f7-Bd7-Tc3-Df4-Ra5



Mate em 2 lances

Proposição n.º 232/B
Por: K.A.L. Kubbel
«Deutsches Wochensach»
Pr.: (4): Ps. a4, c6-Tf7-Ra3
Br.: (4): P67-C68-B61-Rb1



Brancas jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º CCXXXII
N.º 232 (E.B.): Chave: 1. Df1!
Blocus!

1. ... Tg6; 2. Df5++
 1. ... Bg6; 2. Cf6++
 1. ... B: e4; 2. Dc4++
 1. ... T6; 2. Bc6++
 1. ... d:c3; 2. Dd3++
 1. ... R: e4; 2. Df3++
- N.º 232/B (K.A.L.K.): 1. Cd6, T: e7; Cc4+, Rb3; 3. Ca5+, Ra3; 4. Bf2 e G.

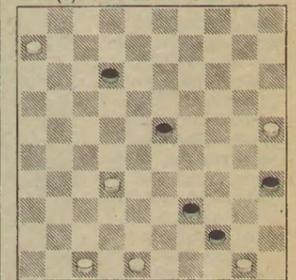
A. de M.M.

Damas

CCXXXII - 14 de Dezembro
de 1989

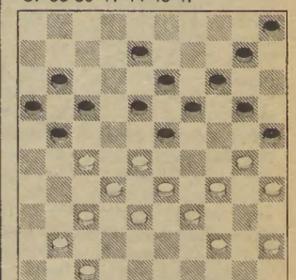
PROPOSIÇÃO N.º 232
Por: René Fourgous
«La Marseillaise», 12.XII.1980
(Composição N.º 6576)

Pr.: (5): 12-23-35-39-44
Br.: (6): 6-25-32-47-48-50



Brancas jogam e ganham
GOLPE N.º 232

Pr.: (14): 5-8-10-11-13-14-16-17-18-19-20-21-23-25
Br.: (14): 27-28-30-32-33-34-35-37-38-39-41-44-45-47



Nesta posição as brancas jogaram: 37-311, ameaçando: 31-26 e 41-37 e 28-22 e 26x6! Para evitar esta sequência as Pr. são forçadas a jogar: (21-26)... o que vai dar origem a um golpe de belo efeito!

Portanto: 37-31 (21-26*) seguido de Golpe Branco!!!

SOLUÇÕES DO N.º CCXXXII
N.º 232 (R.F.): 32-28 (23x32), 6-1 (12-17*), 1-40 (44-49), 47-42 (35x44), 42-38 (32x43), 25...3 (17...37), 48-42 (37x48), 3-26!!!+
Golpe n.º 232 (A.B.): 28-22 (17x46), 47-41 (46x29), 33x4 (25x43), 35-30 (26x37), 30-24 (19x30), 27-22 (18x27), seguindo-se uma captura de 9 pedões!!!
Como? A. de M.M.

**A CRISE
ECONÓMICA
E SOCIAL
NO MUNDO**

AS SUAS REPERCUSSÕES
NOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS.
AS SUAS PERSPECTIVAS SOMBRIAS
E AS NECESSIDADES DE LUTAR
SE QUEREMOS SOBREVIVER

**Fidel
Castro**

